

ANA PAULA SILVA DE OLIVEIRA

LIVROS DE VIAGEM

*RELATOS DE ESTRANGEIROS SOBRE AS
PROVÍNCIAS DO NORTE E A ZONA DE CONTATO.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FORTALEZA – 2006

FICHA DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

O45l

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de.

Livros de viagens: relatos de viajantes estrangeiros e a zona de contato nas províncias do Norte do Brasil no século XIX (1809 - 1826) / **Ana Paula Silva de Oliveira. - Fortaleza, 2005.**

240f. : il.; 31 cm.

Dissertação (Mestrado) em História Social - Universidade Federal do Ceará, 2005. Almir Leal de Oliveira (Orientador).

Incluí bibliografia.

1 - Brasil - Relatos - Viajantes - Século XIX.

I. Oliveira, Almir Leal de. II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social. III. Título

CDD 918.1

ANA PAULA SILVA DE OLIVEIRA

LIVROS DE VIAGEM

*RELATOS DE ESTRANGEIROS SOBRE AS
PROVÍNCIAS DO NORTE E A ZONA DE CONTATO.*

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestra em História Social à comissão julgadora da universidade Federal do Ceará; sob orientação do professor Dr. Almir Leal de Oliveira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FORTALEZA - 2006

ANA PAULA SILVA DE OLIVEIRA

LIVROS DE VIAGEM

RELATOS DE ESTRANGEIROS SOBRE AS PROVÍNCIAS DO NORTE E A ZONA DE CONTATO.

Esta Dissertação foi julgada e aprovada,
em sua forma final, pelo orientador prof.^o
Dr. Almir Leal de Oliveira e membros da
Banca Examinadora. Composta de:

(ORIENTADOR)

(MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA)

(MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FORTALEZA - 2006.

*A DEUS.
AO MEU ESPOSO, ALISSON
FELIPE DE ARAÚJO.*

RESUMO

Esta pesquisa traz uma leitura das narrativas dos viajantes estrangeiros Henry Koster, Maria Graham e Daniel Kidder que vieram as províncias do Norte do Brasil, onde atualmente encontra-se a região Nordeste, na primeira metade do século XIX. Objetivamos analisar, nessas narrativas, como os viajantes construíram a si mesmos como narradores, assim como a textualização das províncias pelas quais passaram. O olhar do viajante revelava as construções ideológicas e imperiais, estabelecendo relações de igualdade e desigualdade, semelhanças e diferenças, e auto-avaliação.

❖ **N**arrativas de viagens -
Viajantes Estrangeiros -
Províncias do Norte do Brasil -
Século XIX.

RÉSUMÉ

Cette recherche est une lecture des récits des voyageurs étrangers Henry Koster, Maria Graham e Daniel Kidder qui sont venus aux régions du Nord du Brésil, ou actuellement se trouve la région Nordest, à la première moitié du XIXème siècle. L'objectif est d'analyser, dans ces récits, comment les voyageurs se sont construits à eux mêmes en tant que narrateurs, de même que la textualisation des provinces par lesquelles ils sont passés. Le regard du voyageur découvrait les constructions idéologiques et impériales, apportant des relations d'igalité et d'inégalité, des ressemblances et des différences et d'auto-analyse.

❖ **R**écits de Voyages - Voyageurs
Étrangers - Provinces du Nord
du Brésil - XIXe Siècle.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a todos aqueles que de forma de direta ou indiretamente contribuíram para o andamento dessa pesquisa e para a realização, em sua forma final, a Dissertação.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por mais essa etapa de minha vida Acadêmica, por está sempre ao meu lado me auxiliando nos momentos difíceis e me proporcionado força interior para continuar, apesar das barreiras muitas vezes parecerem intransponíveis.

A Universidade Federal do Ceará pela oportunidade de ter sido admitida no programa de Mestrado e de ter o prazer de ser orientada pelo professor Almir Leal de Oliveira.

Aos funcionários das instituições: Biblioteca Setorial do Curso de História, Biblioteca Central, a Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico e Antropológico.

A minha primeira orientadora da Graduação do Curso de História da Universidade Federal da Paraíba, Ariane Norma de Menezes de Sá.

Aos funcionários Regina Juca, do Departamento da Pós-Graduação da UFC, pelo seu auxílio sempre presente e a Antonio Constantino de Souza, pela sua atenção e carisma.

Ao incentivo e apoio de familiares e amigos, que tentaram compreender a minha ausência.

E principalmente, ao meu esposo, Alisson Felipe de Araújo, pelo seu desprendimento e incentivo, garantido financeiramente a minha permanência em Fortaleza. E pelo respeito e carinho que sempre encontrei ao seu lado.

A todos citados deixo os meus mais sinceros agradecimentos.

O mais verdadeiro estudo da história de nosso país será aquele que o considere paralelamente em constante ligação com o panorama da História Universal, como parte do grande conjunto mundial, banhado pelas mesmas luzes que iluminaram outros povos e outros tempos, ameaçado pelos mesmos abismos, destinados a compartilhar, um dia, da mesma noite eterna e da mesma sobrevivência na tradição comum.

J. BURCKHARDT,
Welteschichtliche
Betrachtungen

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS - CRÍTICA À ZONA DE CONTATO NAS PROVÍNCIAS DO NORTE.	11
PRIMEIRO CAPÍTULO	
<i>IMPRESSÕES DE UM COLONIZADOR COLONIZADO NAS CAPITANIAS DO NORTE DO BRASIL: HENRY KOSTER.</i>	20
❖ <i>O OLHAR DE UM COLONIZADOR COLONIZADO NAS CAPITANIAS DO NORTE</i>	<i>32</i>
❖ <i>“O NÃO ESTAR NO TODO” - HOMEM IMPERIAL, UM LAVRADOR DO BRASIL</i>	<i>43</i>
SEGUNDO CAPÍTULO	
<i>IMPRESSÕES DE UMA VIAJANTE NAS CAPITANIAS DO NORTE: MARIA GRAHAM.</i>	55
❖ <i>IMPRESSÕES DE UMA SENHORA INGLESA NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO</i>	<i>61</i>
❖ <i>IMPRESSÕES DE UMA SENHORA INGLESA NA CAPITANIA DA BAHIA</i>	<i>75</i>
TERCEIRO CAPÍTULO	
<i>UM MISSIONÁRIO METODISTA NAS PROVÍNCIAS DO NORTE: DANIEL KIDDER</i>	85
❖ <i>IMPRESSÕES DE UM PASTOR METODISTA NA PROVÍNCIA DA BAHIA</i>	<i>98</i>
❖ <i>UM PASTOR METODISTA VISITANDO AS DEMAIS PROVÍNCIAS DO NORTE</i>	<i>105</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS - O OLHAR ESTRANGEIRO QUE ENCONTROU, CONHECEU E TORNOU CONHECIDAS AS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL	117
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

- ✓ *FIGURA I - MAPA DAS CAPITANIAS DO NORTE DO BRASIL - HENRY KOSTER;*
- ✓ *FIGURA II - TRAVESSIA POR RIO - HENRY KOSTER;*
- ✓ *FIGURA III - O SERTANEJO - HENRY KOSTER;*
- ✓ *FIGURA IV - A JANGADA - HENRY KOSTER;*
- ✓ *FIGURA V – CAPA DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO DE MARIA GRAHMA EM INGLÊS;*
- ✓ *FIGURA VI – A PORTE NORTE DO RECIFE – MARIA GRAHAM;*
- ✓ *FIGURA VII - JARDIM DA BAHIA – MARIA GRHAM;*
- ✓ *FIGURA VIII – MERCADO DE ESCRAVOS – MARIA GRAHAM (EDWARD FINDEM);*
- ✓ *FIGURA IX – VISTA DA BAHIA DO PORTO – DANIEL KIDDER;*
- ✓ *FIGURA X – VISTA DA BAHIA – DANIEL KIDDER;*
- ✓ *FIGURA XI – VISTA DE PERNAMBUCO – DAIEL KIDDER;*
- ✓ *FIGURA XII – VISTA DO PIAUÍ – DANEIL KIDDER.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“É no espaço das sutilezas, que será encontrado o viajante, revelando seu modo peculiar de estar e ver o mundo pelo qual circula”.

Marc Bloch.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: *CRÍTICA À ZONA DE CONTATO NAS PROVÍNCIAS DO NORTE.*

“Passei entre eles estrangeiro porém nenhum viu que eu o era. Vivi entre eles espião, e ninguém, nem eu, suspeitou que eu o fosse”.

Fernando Pessoa

As províncias no Norte do Brasil, mesmo antes da primeira metade do século XIX, já tinham sido visitadas por viajantes estrangeiros, mas no referido período, essas visitas tornaram-se mais constantes e receberam incentivos do próprio imperador português, D. João VI. Os viajantes, ao visitarem as províncias e registrarem suas impressões escreviam, conscientes ou não, muitos mais sobre si mesmos do que sobre os fatos que observavam; seus olhares estavam voltados para suas próprias concepções políticas, religiosas e culturais, e através da comparação com suas próprias culturas, seu modo organizacional e estrutural de ser e ver que esses viajantes descreveram as províncias por onde passavam.

De acordo com José Carlos Barreiros, o novo quadro histórico inaugurado em fins do século XVIII, com a descolonização, o rompimento com a metrópole e a formação do Estado Nacional, recriaram um processo de redescobertas e de revisitações do Brasil pelos viajantes estrangeiros. E mais, esse processo de visita tornou-se intenso em princípios do século XIX, onde os viajantes visitaram todas as províncias do Brasil ao longo do referido século, deixando narrativas detalhadas sobre os mais diversos aspectos da natureza e da cultura dos moradores.¹

Ao registrarem suas observações e as relações de contato com moradores, as narrativas de viagens situavam-se em momentos de auto-representações, nas diversas formas que lhes eram próprias, voltadas, principalmente, para a *auto-representação de si mesmos*, de suas concepções e seus valores culturais. Para analisar esses aspectos, será preciso valorizar

¹ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 09.

cada partícula da narrativa (os detalhes), ir além do que parece ser uma narrativa despretensiosa (intencional) do viajante estrangeiro, ou seja, “*especular o que foi escrito a pretexto da observação passageira, do comentário casual, dos silêncios, dos testemunhos involuntários*”.²

Os viajantes estrangeiros falavam muito mais de si mesmos quando falavam dos fatos e das pessoas observadas. Eles viam o *outro*, que era seu objeto de estudo, como um ser diferente e exótico, um objeto que estava, em determinados momentos, muito distante, e em outros, muito próximo. O viajante estrangeiro tentava não ser parte do que estava sendo observado, mas, quando a relação de contato era estabelecida, esse *outro*, considerado um ser diferente de si, já deixava de ser um objeto distante, mesmo que continuasse a ser diferente. Segundo Todorov, o *outro* sempre é visto com “*estranhamento, como algo atrasado, inferior, um ser que está fora e dentro de quem vê*”.³ O observador tenta distanciar-se de seu objeto para não demonstrar que é parte desse outro ser estranho que tanto lhe incômoda, intriga e o fez sair de seu país, arriscando-se em terras longínquas para observá-lo.

Sylvia Porto Alegre concorda que havia, de fato, a descoberta de um *outro*, “*exterior ao grupo ou à sociedade a qual se pertence, um ser estrangeiro, estranho e exótico que povoa os relatos dos viajantes e cronistas europeus que percorreram o Brasil do século XVI ao século XVIII*”. Os viajantes estrangeiros registraram em suas narrativas os domínios coloniais, recursos naturais, culturais e econômicos dos moradores das regiões visitadas. Segundo a autora, as narrativas dos viajantes estrangeiros são, até hoje, uma importante fonte narrativa de que dispomos sobre o passado histórico do Brasil - o território e a vida colonial dos moradores. A autora ressalta que, a revisão crítica mais recente sobre as narrativas dos viajantes estrangeiros, analisando-os enquanto narrativas de gênero e de ideologia, afirma que os relatos de viagens, além de ter produzido concepções sobre o continente americano, reavaliou as concepções ideológicas e práticas culturais da própria Europa,

² CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. “As Viagens são os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do Século XVIII”. In: Revista História: Questões e Debates. Nº 36. Ed. UFPR. Ano 19. Curitiba: 200. p. 12.

³ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 23.

estabelecendo representações que persistem ao tempo - construção da imagem do Brasil dentro e fora dele.⁴

O primeiro contato com esses relatos de viagem revela uma certa coincidência de período histórico, pois a grande maioria das viagens se concentrava na primeira metade do século XIX. Essa concentração de estrangeiros se deu, principalmente, depois da vinda da família real para o Brasil em 1808, pois com a abertura dos portos e o conseqüente fim do exclusivo metropolitano tornou-se possível esse aumento de viajantes estrangeiros nas províncias. Não apenas Portugal, mas outras nações, como a França, Alemanha, Áustria e Rússia passaram a incentivar prospecções científicas ao Brasil, no intuito de aprofundar conhecimentos sobre as províncias. Conhecimentos científicos que se tornaram disputas diplomáticas e mesmo militares. Portanto, analisar as narrativas de viagens será necessário levar em consideração os diversos interesses que envolveram a produção, “*ultrapassando especulações sobre motivações individuais, centrando na análise do contexto histórico que as circunscreveram*”.⁵

O olhar do viajante estrangeiro afirmava, criticamente, que os moradores das províncias do Brasil não utilizavam como se devia os recursos naturais de que suas terras dispunham. Esse descuido dos recursos da natureza era devido, segundo os viajantes, a uma suposta preguiça dos moradores das províncias – iniciada pelos índios. A natureza era considerada pelos viajantes estrangeiros de *selvagem* que precisava ser descoberta (desbravada) por eles, os quais representavam os homens civilizadores, procurando impor seu controle e domínio a tudo que seus olhos observavam e suas mãos registravam.

Segundo Andréa Delgado e David Caume, as narrativas dos viajantes estrangeiros se encaixavam no processo capitalista do Velho Mundo e no processo colonizador do Novo Mundo. As viagens, no início do século XIX, não tinham apenas um caráter científico, de investigação, na busca por regiões exóticas e desconhecidas, mas, na verdade, tinham um caráter de ordem

⁴ PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Comissão das Borboletas – a ciência do império entre o Ceará e a corte*. In: *Coleção outras Histórias*. N. 17. Fortaleza: Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 20.

⁵ DELGADO & CAUME, Andréa, David J. *Imagens do Cerrado: o olhar dos viajantes europeus no século XIX*. In: *Revista Fragmento de Cultura*. Goiânia. Volume 09. Número 02. Março / Abril de 1999. pp. 351 - 354.

capitalista (político-econômica), explicando assim porque as regiões mais visitadas foram aquelas que possibilitavam maior exploração econômica e cujas viagens contavam, na maioria, com o “*financiamento das monarquias européias preocupadas com a expansão de suas influências políticas e econômicas*”.⁶

Essa pesquisa, portanto, está situada em analisar as narrativas de viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil, mais precisamente os que passaram pelas províncias que atualmente compõem a região Nordeste, as quais faziam parte das províncias do Norte do país, na primeira metade do século XIX (1809 - 1840).

Portanto, a presente dissertação está centrada na leitura das narrativas de viagens de Henry Koster, Maria Graham e Daniel Kidder, discutindo como esses autores construíram a si mesmos, enquanto narradores, assim como as suas textualizações das províncias do Norte do Brasil visitadas, uma tentativa de revelar, através da própria narrativa dos viajantes, a ideologia do colonizador, a atuação dos olhares imperiais na zona de contato no Brasil na primeira metade do século XIX.

O fio condutor será a relação de contato, onde ocorre o estranhamento e a questão da dimensão e limite do olhar estrangeiro, pois o narrar começava com o olhar, aquilo que o viajante via estava condicionado por sua estrutura ideológica. As narrativas de viagem faziam parte da trajetória expansionista do século XIX, por isso não podem ser consideradas como atos inocentes da escrita de um viajante estrangeiro, pelo contrário, foram, na verdade, uma das muitas formas de conquista. O viajante estrangeiro, ao assumir o papel de narrador, criava o que muitos pesquisadores denominaram de violência da escrita, apropriando-se das vidas, em suas várias de expressão - manifestações culturais, religiosas e movimentos políticos - dos moradores por onde passava.

O estímulo dessa pesquisa tem como fundamento básico o ato de ver e ser visto que direcionava o olhar do viajante estrangeiro e do morador. Esse estímulo é, na verdade, uma tentativa de compreendermos a consciência do contato iniciado com o olhar. Consciência essa, que conduziu e estimulou a

⁶ DELGADO & CAUME. *Op. Cit.*, pp. 353 - 354.

natureza das relações, na qual tanto viajantes como moradores desejavam ver e ser vistos.

Diante de tais reflexões esbarramos em uma outra questão: o olhar - seja ele estrangeiro ou não. Por isso, trouxemos à tona a afirmação da pesquisadora Ivone Barbosa, de que o “*olhar que olha, é também olhado, ou seja, quem está no papel de observador é, em segunda categoria, observado pelos moradores*”. Afirmação simples e ao mesmo tempo complexa como é o próprio olhar.⁷

Os viajantes estrangeiros, na maioria das vezes, tinham consciência de que nunca passariam despercebidos pelos olhares dos moradores, causando curiosidade e modificando a paisagem através do próprio contato. Nas narrativas de viagens, há vários trechos onde os viajantes estrangeiros fizeram referências sobre esse *contato mútuo*, a essa mútua observação.

Ivone Barbosa, ao analisar a narrativa dos literatos do século XIX, observa o mesmo distanciamento percebido pelos pesquisadores ao relerem os livros de viagem. Segundo ela, é interessante notar que no processo da construção da narrativa, se observam certos distanciamentos entre o narrador e seu objeto de observação, mesmo quando esse narrador elegia um personagem (recurso literário), tornado-o o sujeito dessa narrativa. Para ela, a escolha desse personagem não era aleatória, ao contrário, tinha um propósito claro: ser o *álibi* que reforçava as imagens e registros produzidos pelo seu olhar, de forma a assegurar um “*efeito de verdade*” à narração. Portanto, segundo a autora, o fluxo da narração o colocava o narrador inserido na circunstância, para lhe dar a legitimidade de observador, e o destacava, distinguia e distanciava, “*configurando-o como não pertencendo ou não estando no todo, dando, assim, maior legitimidade ao que diz*”.⁸

A questão do olhar não se resumia ao simples ato de ver, indo mais além, a própria representação e construção do que foi visto ou imaginado pelo observador. De acordo com Sérgio Cardoso, o olhar não descansa sobre a paisagem continua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos

⁷ Para uma melhor compreensão dessa questão do olhar recomendamos uma leitura na fonte, centrada no capítulo “Olhando o olhar que olha”. In: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: Um Lugar Incomum*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretária de Cultura e Desporto do Estado, 2000. pp. 163 - 176.

⁸ BARBOSA, I. C. *Op. Cit.* p. 164.

interstícios de extensões descontínuas e desconcertadas pelo estranhamento. O autor afirma que, o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridades. O olho observa sempre um espaço aberto, mas fragmentado e dilacerado pelas circunstâncias. Assim, ao observar esse espaço aberto o olho trinca-se e rompe-se a *"superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização"*.⁹

Em relação aos conceitos buscamos, na leitura de Mary Louise Pratt - no livro *Os Olhos do Império* - compreender-los. O principal deles era a *Zona de Contato*. Mary Pratt mostra desde a etimologia até uso desse termo *"contato"* nas várias áreas de conhecimento. A autora define a zona de contato como espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas, geográfica e historicamente separadas, entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente *"associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada"*.¹⁰

Mary Pratt ressalta que o termo *"contato"*, foi tomado emprestado da lingüística, onde a expressão linguagem de contato se refere às linguagens improvisadas, que se estabeleciam entre pessoas de diferentes povos e diferentes línguas nativas, que precisam se comunicar entre si de modo compreensível, uns com os outros, em suas relações comerciais. A autora enfatiza ainda, que ao utilizar o termo contato, procura destacar as formas *"interativas e improvisadas dos encontros coloniais, tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquistas e dominações, e a questão de como os sujeitos são constituídos pelas suas relações de contato"*. Para Pratt, essas relações de contato entre colonizador e colonizado (ou viajante e visitado) não eram acontecia em forma de separação ou segregação, pelo contrário, elas eram estabelecidas em forma de presença comum, na interação, no entendimento e nas práticas interligadas, no interior de relações assimétricas de dominação e de praticas ideológicas.¹¹

Relacionado ao conceito da zona de contato temos um outro, o da

⁹ CARDOSO, Sérgio. *O Olhar Viajante (Do Etnólogo)*. In: *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp. 348 - 359.

¹⁰ PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e a transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999. pp. 31 - 32.

¹¹ PRATT, M. L. *Op. Cit.* pp. 31 - 32.

Reciprocidade, onde Mary Pratt afirma que esse foi um dos recursos utilizado pelos viajantes e mesmo pelos moradores para estabelecer contato - ou seja, contatos sendo estabelecido através das trocas, sejam elas materiais, culturais ou apenas de estranhamentos, esse último ocorrendo de várias formas - pelas trocas de olhares ou atos de reprovações. Para a autora, reciprocidade foi uma forma de ideologia utilizada pelos europeus para o crescimento e expansão do projeto idealizado pelos capitalistas, desde o seu início. Projeto europeu que tinha como objetivo primordial incentivar e aprimorar as relações de trocas entre povos diferentes e distantes, estabelecendo, assim, caminhos abertos para a submissão desses povos as suas ideologias e as sua culturas. Em suas próprias palavras Pratt definiu a reciprocidade “*como a ideologia do capitalismo sobre si mesmo*”.¹²

Analisamos que a zona de contato, como espaço social tinha seu início não no instante do contato que era estabelecido entre o viajante e os moradores ou no momento da escrita da narrativa, mas na própria chegada do visitante (viajante) ao país, ao seu pisar no porto. Portanto, a zona de contato era a própria experiência do viajante estrangeiro que, ao chegar em uma região e ao observar o que estava a sua volta, se via refletido através do que observava, tendo como parâmetro a sua própria forma (e a do grupo que estava inserido) de ver e compreender o que estava a sua volta.

Dividimos essa dissertação em três capítulos, definidos da seguinte forma:

No primeiro capítulo, discutiremos como o viajante estrangeiro Henry Koster construiu a si mesmo, enquanto narrador, textualizando com as capitâneas do Norte do Brasil por onde passou, no início do século XIX, mais precisamente em 1809. A escolha por esse viajante se deu por motivo de sua longa permanência do país. Em decorrência disso, ele precisou residir e sobreviver da economia local. Henry Koster comprou uma fazenda nas proximidades de Recife e passou a financiar as suas viagens pelas províncias do Brasil com o plantio da cana-de-açúcar de suas terras. Mesmo com a certeza que tinha de viver no país, seu olhar nunca deixou de ser um olhar estrangeiro. O viajante, com o passar do tempo, sentiu-se que estava

¹² PRATT, M. L. *Op. Cit.* p. 152.

adaptando-se aos costumes, as crenças e aos padrões que tinha de conviver nas capitanias, mas o retorno à Inglaterra marcou, para ele, a sua retomada para o que considerava de “civilização”.

No segundo capítulo, discutiremos como a viajante Maria Graham construiu a si mesma através do seu olhar de narradora e de mulher inglesa. A escolha por uma viajante se deu pelo próprio fato do gênero. Analisar o olhar de uma viajante é perceber como as mulheres se construíam como escritoras em espaços reservados para os homens. A viajante Graham relatou que muito do que procurava saber ou obter durante o tempo que passou nas capitanias do Brasil não alcançou por ser mulher, pois os homens, mesmo seus patrícios, não consideravam próprio para uma mulher a curiosidade, a presença nos espaços e assuntos reservados para o universo masculino.

No terceiro capítulo, discutiremos como o viajante estrangeiro Daniel Kidder construiu a si mesmo, enquanto narrador. A escolha por este viajante se deu por causa de sua profissão de pastor da religião metodista. Sua viagem foi financiada pela Sociedade Bíblica das Américas, a qual incumbiu ao viajante a divulgação e avaliação do uso da Bíblia entre os moradores das províncias visitadas, bem como a divulgação da religião Metodista entre estes. E foi com o olhar de religioso que Daniel Kidder observou os comportamentos e hábitos religiosos dos moradores das regiões visitadas. O viajante conversou com os moradores sobre a importância da religião protestante para melhorar e civilizar os hábitos e comportamentos. O viajante Kidder distribuía Bíblias e publicações no início das suas viagens pelas províncias para qualquer pessoa que encontrava, mas com passar dos meses no país ele percebeu que só deveria presentear àqueles que pudesse retribuí-lo de alguma forma, estabelecendo, assim, uma rede de solidariedade.

Essa dissertação consta, ainda, de uma parte reservada para fontes, periódicos e livros que serviram de base de fundamentação e fonte da pesquisa. As referências bibliográficas são importantes para aqueles que desejem conhecer os caminhos que nortearam essa. Selecionamos algumas ilustrações dos próprios viajantes ou que foram utilizadas por eles, as quais serão encontradas nos capítulos dos autores correspondentes. O índice das ilustrações encontra-se logo após o índice geral.

PRIMEIRO CAPÍTULO

*“As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos,
senão o que somos”.*

Fernando Pessoa.

CAPÍTULO I - *IMPRESSÕES DE UM COLONIZADOR COLONIZADO* *NAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL: HENRY KOSTER*

“Espero sinceramente que o Governo veja a necessidade de reformas e que o povo não espere demasiado, considerando porém que são preferíveis privações a uma geração de sangue, confusão e miséria”.

Henry Koster

Objetivamos no presente capítulo analisar as narrativas de viagens do estrangeiro Henry Koster (ou Henrique da Costa como ficou conhecido no Brasil), procurando compreender como esse viajante estrangeiro construiu a si mesmo como narrador, através das experiências conflitantes de contato que viveu no Brasil. E, ainda objetivamos interpretar como o seu olhar de estrangeiro observou, descreveu e recriou a natureza, e as categorias sociais das províncias do Norte do Brasil na primeira metade do século XIX.

Henry Koster era filho de ingleses que nasceu em Portugal em 1793, mas deixou logo cedo o seu país para viver na Inglaterra. Veio ao Brasil em 7 de dezembro de 1809, com então 25 anos de idade. Durante o período que permaneceu no Brasil empreendeu jornadas pelas províncias do Norte, principalmente pelo interior de Pernambuco, só parando sua viagem em meados de 1815 quando recebeu um convite para voltar à Inglaterra. Retornando da Inglaterra, um ano depois, para a capitania de Pernambuco. O viajante não fez referência sobre sua família. Pressupomos, que parte de sua família ficou em Portugal, negociando. Tal suposição, segundo Câmara Cascudo, pode ser comprovada pelo fato de Koster, ao visitar Fortaleza, em 1810, ter afirmado que um morador o reconheceu pelo nome de família. Não há também referência sobre suas atividades profissionais, se tinha alguma profissão ou recurso advindo de seu trabalho ou de parentes. No Brasil, investiu

suas economias, em 1812, num arredamento de um engenho no Jaguaribe, logo depois foi plantar cana no engenho Amparo em Itamaracá.¹³

Koster veio de Liverpool (Inglaterra) em um navio chamado *Lucy*, em 2 de novembro de 1809, chegando à capitania de Pernambuco, na região de Recife, no dia 7 de dezembro do mesmo ano. Koster buscou o Brasil para tratamento de uma tuberculose. Os amigos e a família recomendaram a ele a mudança de clima, indicando os ares pernambucanos. Somente um ano depois de sua chegada, em 1810, foi que Koster, sentindo-se melhor, iniciou suas jornadas. Koster, no Brasil, visitou Goiana, Igarassú e povoados intermediários da capitania de Pernambuco, Mamanguape na Paraíba, Tibaú (praia atlântica na fronteira com a capitania do Ceará), Mipibú e Cunhaú no Rio Grande do Norte, Aracati e Fortaleza no Ceará e São Luís do Maranhão. O viajante fez uma viagem rápida a Inglaterra, entre o dia 8 de abril e 27 de dezembro de 1811, quando regressou para Pernambuco.¹⁴

Luiz da Câmara Cascudo¹⁵ informa que o ano de 1810 foi um ano de intensas jornadas para Koster. Em 19 de outubro partiu para Goiana, vendo Igarassú e povoados intermediários. Foi até a Paraíba, de onde retornou a Goiana. De Goiana varou para Dois Rios, alcançou Mamanguape, na Paraíba, entrando pelo Rio Grande do Norte em Cunhaú, passando para Paparí, S. José de Mipibu e Natal. De Natal atingiu o Assu. Em 1º de dezembro, partiu do Assu para a lagoa do Piató, continuando para o Arraial de S. Luzia do Mossoró. Daí para Tibáú, praia atlântica na fronteira com o Ceará, visitou o Aracati. No dia 16 de dezembro entrou na vila da Fortaleza, onde ficou até 8 de janeiro de 1811. Regressou para Pernambuco em 8 de janeiro de 1811, pelo Aracati, S. Luzia do Mossoró, Assu, Angicos, Natal, de onde partiu para Recife a 6 de fevereiro à S. José de Mipibú, Cunhaú, voltando pela estrada paraibana para Mamanguape. A 13 de fevereiro estava em Goiana, galopou a 15 do mesmo mês, voltando a

¹³ Informações obtidas do prefácio da obra do viajante Henry Koster, escrita por Luiz da Câmara Cascudo, sendo o mesmo o tradutor da obra do viajante que foi publicada pela Companhia Editoria Nacional em 1942.

¹⁴ CASCUDO, L. da C. Prefácio. In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Estudo Introdutório e Organização de Leonardo Dantas Silva. 11ª Edição. 1º Volume. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2002. pp. 43 - 46.

¹⁵ Luis da Câmara Cascudo foi o maior estudioso da obra do viajante estrangeiro Henry Koster. Foi quem o traduziu e publicou seu relato completo na primeira versão em português em 1942, pela Companhia Editora Nacional.

Cruz das Almas, sua residência na cidade de Recife. Em 22 de fevereiro tomou um barco para S. Luiz do Maranhão. Em 8 de abril, velejou para Inglaterra, chegando a Falmouth em 20 de Maio do mesmo ano. Retornou ao Recife no dia 27 de dezembro do mesmo ano. Seguiu em princípios de 1812 para Bom Jardim, Limoeiro e Nazaré na capitania de Pernambuco. No mês de abril arrendou o engenho no Jaguaribe, a quatro léguas do Recife, em decorrência da briga com o proprietário do Jaguaribe nasceu um arranjo: Koster foi para a ilha de Itamaracá, plantar canas no engenho Amparo.¹⁶

Voltando à Inglaterra em 1815, Koster procurou o escritor Robert Southey amigo e poeta que (possuía uma biblioteca composta de 14.000 volumes) devido à afinidade dos assuntos estudados por um e conhecidos pelo outro. Southey foi colaborador da execução final da obra do viajante que foi publicada na Inglaterra nesse mesmo ano. O escritor inglês Southey nunca visitou o Brasil, mas escreveu um livro sobre a história do país, o qual intitulou *História do Brasil* publicado em 1815 e 1816, utilizando, para isso, parte das observações de Koster, para compor o terceiro volume de sua obra. Southey fez parte da categoria de outros que nunca vieram ao país, mas se consideraram capazes de escrever sobre ele. E eram justamente estas obras, de escritores que nunca vieram ao Brasil, que se tornaram fonte de leituras para muitos viajantes, compondo o imaginário europeu sobre países distantes.¹⁷

*“Se minha saúde não tivesse exigido uma mudança de clima, não teria talvez cedido tão depressa ao desejo, freqüentemente confessado, de deixar por algum tempo a Inglaterra. Julgou-se de conveniência que partisse imediatamente, e como os portos d’Espanha e Portugal estivessem fechados aos súditos britânico, por efeito das circunstâncias sobrevindas na situação política desses dois países, minha escolha recaiu no Brasil e os meus amigos concordaram. Escolhi Pernambuco porque um velho amigo da família estava prestes a embarcar para essa província, e várias pessoas me haviam dado as informações mais favoráveis sobre os habitantes e o clima”.*¹⁸

¹⁶ CASCUDO, L. da C. In: KOSTER, H. *Op. Cit.*, pp. 43 - 46.

¹⁷ Idem. pp. 43 - 46.

¹⁸ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Prefácio de Luiz da Câmara Cascudo. Estudos Introdutório e Organização de Leonardo Dantas Silva. 11ª Edição. 1º Volume. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2002. p. 63.

Segundo Maria Odila da Silva Dias a *História do Brasil* de Southey foi uma história carregada da visão européia. Para Dias, Southey foi um escritor envolvido com o Romantismo e com as idéias iluministas do século XVIII, acreditando, assim como os demais homens intelectuais de sua época, ter uma missão especial como intelectual: “orientar as leituras das sociedades modernas e levar padrões elevados para as sociedades ainda não desenvolvidas”¹⁹. Southey era um típico intelectual europeu, que utilizava seus padrões, conceitos e cultura para comparar e escrever sobre as demais civilizações. Foi esse típico intelectual europeu, descrito por Dias, quem leu e organizou a obra do viajante Koster. A obra de Southey serviu de protocolo de leituras de inúmeros viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil, no século XI.

*“O fato é que a visão implícita na História do Brasil de Southey não seria mais européia ou europeizante do que a própria visão dos estadistas fundadores do Império. Elaborada na Inglaterra, por um poeta romântico marginalizado e profundamente imbuído dos valores da ideologia conservadora da contra-revolução, sua obra faria com que a história colonial brasileira fosse pela primeira vez integrada no contexto da moderna civilização européia, de um prisma ambíguo de crítica ao capitalismo industrial, a partir de uma perspectiva tradicionalista e agrária e ao mesmo tempo afirmativa, através de uma conceituação evolutiva e organicista da história, da superioridade das tradições e instituições européias a serem implantadas nos trópicos”.*²⁰

O Diário de Koster foi publicado na Inglaterra em 1815 e 1816 com o título de *Travels in Brazil*. Anos depois ocorreram outras publicações: na Filadélfia (EUA) em 1817, Weimar e Leipzig (Alemanha) respectivamente em 1817 e 1818 e Paris (França) em 1846. No Brasil, no entanto, só ficou conhecido seu diário depois da tradução de Antonio C. A. Pimentel que a publicou, em capítulos, na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano* – números 51 até o número 150 (1898 - 1933). Uma edição completa da obra do viajante no Brasil foi publicada somente em 1942, tendo como tradutor e prefaciador Luiz da Câmara Cascudo, editada pela Editora Nacional (Coleção Brasileira, número 221) com o título de *Viagem ao Nordeste do Brasil*. Outras publicações portuguesas já foram editadas. Destacamos que tomamos como

¹⁹ DIAS, Maria Odila da Silva. *O Fardo do Homem Branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Editora Brasileira, 1974. pp. 10 - 11.

²⁰ DIAS, M. O. S. *Op. Cit.*, pp. 10 - 11.

base de análise essa edição de 1942 e uma outra, organizada por Leonardo Dantas Silva, editado pela Fundação Joaquim Nabuco através da Editora Massangana, no ano de 2002.²¹

O motivo da viagem Koster ao Brasil foi a busca por um clima mais adequado às suas condições de saúde, pois ele sofria de tuberculose. Seus amigos, na Inglaterra, recomendaram a sua vinda para a capitania de Pernambuco. Estando em Pernambuco, recuperou-se rapidamente. Quanto Koster ficava exposto às intemperanças climáticas do país a situação se agravava. O viajante nunca se livrou dessa condição enquanto esteve no Brasil. Apenas em alguns momentos sentiu-se melhor, em condição de trabalho e viagens. Os sintomas como febres constantes, tosses e dores por todo o corpo voltavam. A busca por um clima que se adequasse ao estado da pessoa acometida pela tuberculose era uma estratégia muito utilizada na Europa. Os parentes dos doentes os levavam para viver nas montanhas, acreditando que assim eles ficariam curados ou tentavam com uma boa alimentação, uma cura espontânea, onde o corpo reagiria eliminando a doença. Essa era a estratégia de Koster, de encontrar a cura espontânea nos ares de Pernambuco. Todavia, o viajante conviveu com os sintomas da doença pelo restante de sua vida, vindo a morrer em 1827, estando nesse momento com 34 anos de idade.²²

A tuberculose que afligia Koster era uma infecção que podia desencadear as mais variadas manifestações e localizar-se em várias partes do corpo. Manifestava-se através de febre, dores pelo corpo, tosse, estados de calafrios e em sua fase mais grave, expulsão de sangue. Localizava-se nos pulmões, nos rins, no intestino e principalmente, no sistema nervoso. Sem cura no século XIX e ainda, persistindo assim até parte do século XX, o tratamento utilizado no final do século XIX era o mesmo do século XVIII (tratamento higiênico-dietético) consistindo em: cuidados com a alimentação, com a higiene pessoal e ambiental, repouso e a busca por um clima agradável. Outro meio para tratar um paciente de tuberculose era o isolamento, ficando os doentes fechados em quartos ou locais afastados das cidades.

²¹ CARVALHO, A. de. *Op. Cit.*, pp. 265 - 271.

²² Carvalho, Alfredo de. *Viajantes Ingleses em Pernambuco*. In: Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambucano. Volume XVII. Janeiro a Março de 1915. Número 87. pp. 126 - 143.

Depois dessa análise mais geral sobre a vida, os motivos de sua vinda e os percursos realizados por Henry Koster, passaremos para a análise da sua narrativa de viagem contidas em *Viagem ao Nordeste*. Esclarecemos que a perspectiva desta análise é discutir como o viajante construiu a si mesmo, como narrador, a partir dos contatos que eram estabelecidos com os moradores das capitanias. Analisaremos, através da narrativa dos contatos, as experiências culturais conflitantes do viajante e sua visão de homem europeu com relação às culturas locais.

Um primeiro elemento de sua narrativa que nos chama atenção foi a chegada do viajante à capitania de Pernambuco. Koster, após se instalar, foi visitar o governador da capitania para entrega-lhe uma carta de recomendação e fazer-se conhecido. O viajante foi indagado pelo senhor Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o governador, sobre os motivos de sua vinda ao Brasil e o seu período de permanência. Koster informou-lhe que veio para residir na capitania, precisando para isso, de um lugar para morar. Assim o viajante abriu espaço de diálogo diplomático com as autoridades locais, uma estratégia usada pelos viajantes estrangeiros para o caso de precisarem, no decorrer do período que permaneciam no Brasil, de ajudas ou autorizações para suas jornadas. Koster, estrategicamente, se preparava para as incertezas de viver e viajar por um país desconhecido, onde ele estava exposto ao convívio de pessoas que não conhecia.

*“Os numerosos arranjos necessários à nossa instalação impediram que fizesse imediatamente a visita protocolar ao Governador. Na manhã seguinte fui ao palácio, situado numa pequena praça, com a casa da Guarda ao lado, onde estaciona um capitão. (...) Passamos ao gabinete do Secretário e mandaram-me entrar para um espaçoso salão, onde o Governador nos aguardava. É uma grande e excelente pessoa, com todas as maneiras de um gentil-homem. Sentamo-nos todos e fez-me várias perguntas sobre assuntos da Europa. Levara comigo uns jornais ingleses e os deixei com ele ”.*²³

O primeiro momento de contato que um viajante estrangeiro tinha com os locais visitados era à procura de um alojamento, o que não era fácil de si conseguir em Recife, em princípios do século XIX. Koster teve que dedicar bastante tempo em sua instalação, retardando assim a sua visita ao

²³ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 81.

governador de Pernambuco. Kidder afirmou que não havia alojamentos em Recife, pelo menos nenhum que ele tenha sido informado, ficando instalado em um quarto que alguém conseguiu para ele. Os recém-chegados, ao procurarem um alojamento, levavam em consideração o tempo de permanência: de passar apenas uma noite ou ficar por vários dias ou mesmo meses. Dificuldades que eram bem maiores para um viajante estrangeiro desembarcando na região de Recife no início do século XIX, estrangeiro que, muitas vezes, não sabia a língua do país (Koster não teve esta dificuldade, uma vez que aprendera o português com seus pais, que viveram em Portugal). Neste momento inicial, o viajante tinha que sair de seus padrões culturais e começar a adequar-se às situações que poderia encontrar no país - alojamentos modestos e com pouca mobília ou preços excessivos, reclamações constantes dos viajantes. Constatamos que com essa situação de instalação iniciava-se a experiência cultural do contato entre Koster e os moradores das regiões visitadas. Sendo esse o primeiro momento conflitante que passou Koster.

*“Não se encontra no Recife e Olinda albergues nem casas de cômodos, um amigo do meu companheiro de viagem procurou imediatamente alguns quartos e nos forneceu cousas de que tínhamos necessidade. Eis-nos, portanto, tranqüilamente instalados em nossa nova residência, tão tranqüilamente como possa estar alguém quando uma vintena de negras grita sob a janela, em todos os tons de que a voz humana é capaz, laranja, banana, doce e outras mercadorias para vender”.*²⁴

A visita protocolar ao governador de Pernambuco foi uma estratégia usada por Koster na tentativa de ter tempo para conhecer a região e, posteriormente, delimitar os espaços desconhecidos. Ao lado dessa estratégia, Koster municiou-se de outra: a entrega de Cartas de Recomendações. Uma carta de recomendação já tinha sido entregue ao governador Montenegro durante a visita, mas outras, o viajante reservou para os comerciantes ingleses da região de Recife, que inseririam o viajante numa rede de solidariedade já existente entre os estrangeiros que moravam no Brasil. Percebemos que o viajante tinha um protocolo de viagem recomendado por seus amigos-orientadores (da Inglaterra), a ser seguido quando chegasse no Brasil: procurar

²⁴ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 67.

um alojamento adequado para a sua estada, visitar as autoridades locais e entregar cartas de recomendações aos estrangeiros, na maioria ingleses.

*“Os poucos primeiros dias depois de minha chegada, ocupei-os com entregar as cartas de recomendação. Breve, relacionei-me com todos os negociantes ingleses. Viviam de modo digno e muito têm feito de bem, estabelecendo alguns hábitos que os portugueses tiveram o senso de adotar sem que renunciassem, ao mesmo tempo os seus, mais convenientes ao país e ao clima”.*²⁵

Um outro elemento de sua narrativa que nos chama atenção foi a curiosidade mútua do viajante sobre os moradores e dos moradores das capitanias visitadas sobre o viajante. As curiosidades dos moradores iam desde a aparência dos estrangeiros, seus modos de vidas, suas culturas, até as notícias de eles traziam sobre seus países e sobre as particularidades dos lugares por onde passavam. Essa curiosidade mútua era uma das formas de materialização da experiência de contato que ocorria entre os viajantes estrangeiros e os moradores das capitanias visitadas. Entre esses dois mundos, relações sociais conflitantes foram estabelecidas na Zona de Contato: troca de olhares, indagações, avaliações e reprovações: *“(...) sentamos todos e o governador fez-me várias perguntas sobre assuntos da Europa. Levara comigo os jornais ingleses e os deixei com ele, no fim de uma meia-hora nos retiramos”.*²⁶

Os moradores tinham grande interesse em saber notícias dos países de origem dos viajantes estrangeiros que passavam por suas regiões, numa tentativa de reafirmar o que já havia em seus imaginários culturais (o que já sabiam sobre a qual) e de reforçar interesses particulares. Os moradores ficavam ansiosos para saber se nos países dos estrangeiros havia animais, plantas e certos hábitos como nos deles. E quando os moradores descobriam que havia particularidades comuns ficavam espantados, pois isso perturbava e modificava o que existia em seus imaginários sobre os estrangeiros e seus países. Esse estado de espanto também permeava as constatações dos viajantes estrangeiros, que tinham suas visões prévias sobre as regiões e seus

²⁵ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 81.

²⁶ *Idem.* p. 81.

moradores. Logo, era o início das experiências culturais do contato marcadas pelo estranhamento, reprovação, ou identificação.

Depois de realizada a visita ao governador, o viajante passou a se dedicar na entrega de cartas de recomendação aos comerciantes locais e de localidades vizinhas. Durante essa tarefa, Koster teve a oportunidade de trocar experiências com os moradores da capitania de Pernambuco, sendo esse mais um momento de contato, denominado por Koster de “*estranhamento*”. O estranhamento era, na realidade, as experiências culturais conflitantes da zona de contato: as selas usadas nas montarias. Os moradores estranharam quando o viajante Koster pegou as suas *sillas* inglesas para montar. Eles consideravam esses modelos estrangeiros de selas inadequados às montarias dos sertões do Brasil. O viajante, estando ainda preso às suas próprias experiências, não aceitava usar as selas portuguesas, alegando serem muito altas, causando, com isso, um certo desconforto. Mais uma vez o viajante municiou-se de uma estratégia para adiar o estranhamento, manteve-se no seu mundo cultural ao trazer as suas *sillas* inglesas como parte de sua bagagem. A bagagem de um estrangeiro tinha mais do que objetos pessoais, mapas, livros, tinha o próprio desejo de evitar ou retardar as experiências do contato com a cultura de um outro país, com outro modo de ser e de viver das populações.

*“Nossas selas inglesas causavam tanta surpresa aos pernambucanos quanto as dos portugueses nos pareciam estranhas. São altas diante e atrás, o que obriga o cavaleiro a uma posição hirta, e a moda é ser o mais rígido e ter, perpendicularmente, uma chibata de imenso comprimento. Os cavalos são disciplinados na marcha e no delicioso trote, e alguns, neste passo, podem alcançar grande rapidez”.*²⁷

Voltando a questão da curiosidade mútua, destacamos outro momento interessante da narrativa de Koster. A curiosidade que teve um major que Koster conheceu em sua jornada de Natal para Assu, na região de Pai Paulo. O fato de o major saber que o mundo do viajante Koster era parecido com o seu lhe causou grande estranhamento, mas também o aproximou do estrangeiro, o fazendo ver-se refletido na imagem do outro, através do olhar da aproximação. O major ficou incomodado ao saber que a Inglaterra era tão

²⁷ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 83.

parecida com o Brasil, pois ele tinha suas visões prévias sobre os países da Europa e seus moradores, e os pontos comuns constados entre ele e o viajante Koster modificavam o seu imaginário, fazendo-o ver os estrangeiros de forma mais próxima de si e de seu grupo. Koster modificou o imaginário do major sobre a prática de fé dos estrangeiros. O major acreditava que os estrangeiros não tinham religião e nem devoção aos santos: *“Tornei-me íntimo para com o meu amigo Major. Ficou sabendo por mim que havia cavalos, vacas e cachorros na Inglaterra, e me ficou estimando mais”*.²⁸

Nem sempre os viajantes estrangeiros, que vinham ao Brasil na primeira metade do século XIX, tinham esses momentos de contatos diretos com os moradores das províncias, pois os obstáculos lingüísticos, culturais e geográficos dificultavam e até impediam o contato. No caso de Koster o obstáculo lingüístico, como já foi dito, não foi um problema.

Nos momentos de trocas de experiências culturais o viajante era deslocado da posição de observador para a de observado, principalmente quando cedia às curiosidades dos moradores, sendo portador de notícias sobre o seu país ou sobre locais que havia conhecido. O viajante tinha que ceder às curiosidades do *“outro”*, mantendo contatos com os moradores com o objetivo de conhecê-los e saber o que eles pensavam, principalmente sobre os estrangeiros. Era a situação descrita por Ivone Cordeiro Barbosa, onde o olhar que olha, era também olhado, ou seja, quem estava no papel de observador, passava, num segundo momento, a ser observado pelo seu próprio objeto de observação.²⁹

“Espantava-o (o major) que eu montasse regularmente, não parecendo aprendiz, embora tivesse há pouco tempo no Brasil. Surpreendeu-o saber que tínhamos igrejas na Inglaterra, das quais nunca ouviram falar. Declarou que não mais acreditaria que os ingleses fossem pagãos. Eu lhe disse que um dos pontos que diferenciava minha religião da sua, é que nós não somos obrigados a confessar-nos. Ele olhava a confissão como uma prática muito incômoda, mas não duvidava da sua necessidade”.³⁰

²⁸ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 177.

²⁹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: Um Lugar Incomum*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretária de Cultura e Desporto do Estado, 2000. p. 18.

³⁰ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 177.

As imagens que permeavam o imaginário dos viajantes estrangeiros e dos moradores eram distorcidas, constituídas através de informações obtidas através de leituras ou conversas. Ambos, viajante e morador, acreditavam que a cultura do “*outro*” era completamente inversa a sua. Nas passagens acima, os moradores não acreditavam que na Inglaterra existissem animais parecidos com os do Brasil e que o viajante Koster soubesse montar, pois os moradores também não tinham conhecimento que em países estrangeiros houvessem cavalos utilizados para o trabalho rural. A experiência conflitante das culturas ou choque cultural criava um estado constante de comparação. Os moradores das províncias por onde os viajantes passavam indagavam os estrangeiros, acreditando que eles eram pessoas diferentes de si mesmas, incrédulas, sem fé ou religião. Os viajantes estrangeiros, também os indagavam, através dos seus olhares imperiais, de colonizadores diante da cultura do colonizado. Os viajantes cotejavam o que observavam nas províncias com seus próprios padrões ideológicos e culturais. Estabelecia-se a zona de contato.

Koster não tinha ainda iniciado suas viagens, quando ficou doente, tendo períodos longos febre, chegando inclusive a ser carregado pelos seus ajudantes e guias. Durante esse período, o viajante teve que interromper suas preparações de viagens e ir procurar um médico. O viajante silencia em relação ao tratamento recebido por esse médico e, se o mesmo era luso-brasileiro ou estrangeiro. Koster informou apenas que com o auxílio do médico ficou bom em pouco tempo, mas muito fraco. Segundo Koster, a ajuda que recebeu de um rapaz inglês foi essencial para a sua rápida recuperação. O rapaz inglês, segundo Koster, cuidou dele como um íntimo amigo. Era a nacionalidade que os aproximava, tornando-os membros de uma única família, a inglesa. Não havia necessidade de conhecimentos e apresentações mais detalhadas sobre outro, apenas o fato de ser inglês (ou estrangeiro), já os apresentavam. Portanto, quando na zona de contato a comunicação cultural entre as partes não ocorre naturalmente, a referência do colonizador apazigua.

Objetivamos destacar um outro momento desta passagem: a rede de solidariedade existente entre os estrangeiros. Os estrangeiros ao saírem de seus países, tentavam municiar-se de estratégias para se resguardarem de intempéries e de outros problemas. Os viajantes municiaavam-se de

informações para assim mapearem os terrenos desconhecidos. Koster já tinha usado algumas estratégias quando desembarcou em Recife: a visita protocolar ao governador e as entregas de cartas de recomendações. O viajante, quando adoeceu, mesmo não tendo sido programado, ficou em uma rede de solidariedade: ao ter recebido ajuda de um Inglês. Essa estratégia o levou a evitar os cuidados dos moradores - representado pelos seus guias e ajudantes, pois, ao ser recebido por um inglês, o viajante voltou ao seu mundo cultural, ou seja, ao seu mundo de experiências, mas naquele momento, tendo incorporado em suas experiências culturais o tratamento recebido pelo médico local. O silêncio de Koster diante dessa “nova” experiência revela a busca constante dos viajantes estrangeiros pela segurança dos seus referenciais. Os viajantes não conseguiam se desprender de seus mundos, da segurança que eles lhes causavam.

Os moradores das regiões do Brasil, principalmente os índios, eram exímios conhecedores das ervas medicinais que existiam nas matas e faziam excelentes usos delas. Ervas que eram observadas pelos viajantes estrangeiros, onde em conversas com os moradores das regiões visitadas, registravam as propriedades e usos dessas ervas e levavam para os seus países além das anotações, amostras das plantas para serem plantadas. Era a medicina local usada nas capitanias do Brasil, na primeira metade do século XIX, sendo transculturada para a Europa, entretanto Koster, na zona de contato, ainda não havia reconhecido essa possibilidade.

*“A 10 de maio tive um súbito ataque de febre, acompanhado de delírios mas, com a assistência de um médico, a moléstia durou apenas 48 horas. Fiquei muito fraco e será necessário algum tempo para restaurar as forças. Essas febres são muitas conhecidas no país, mas não são comuns. São em geral precedidas de calafrios. (...) Um rapaz inglês insistiu para levar-me a sua casa. Só me podia mover pelas mãos dos criados. Trouxe um palanquim e conduziu-me para sua companhia. Em sua residência recobrei a saúde, ficando inteiramente restabelecido, sendo tratado com tanto carinho que só era possível esperar dos mais íntimos e queridos amigos”.*³¹

O viajante Henry Koster teve experiências únicas de comparação, avaliação e adaptação dos universos culturais em jogo na zona de contato,

³¹ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 92.

através do cotejo do seu meio cultural com as experiências dos moradores das regiões visitadas. Koster tinha a sua frente um mundo que ora se aproximava ou se afastava do seu. Mas o contato era favorecido justamente quando o viajante encontrava os pontos comuns existentes entre os dois mundos, quando se permitia que as experiências do contato fizessem parte do seu *mundo ideológico e cultural* e permitindo, assim a transculturação. O viajante transculturava imagens e ideologias até então rejeitadas pelo seu imaginário prévio, pelas suas concepções do mundo e do caráter do outro.

❖ *O OLHAR DE UM COLONIZADOR COLONIZADO NAS
CAPITANIAS DO NORTE*

“Se minha saúde não tivesse exigido uma mudança de clima, não teria talvez cedido tão depressa ao desejo, freqüentemente confessado, de deixar por algum tempo a Inglaterra. Julgou-me de conveniência que partisse imediatamente”.

Henry Koster.

Analisaremos neste item dois pontos centrais: primeiro, como o viajante Henry Koster observou as províncias do Norte do Brasil e, segundo, como ele manteve o seu olhar de estrangeiro (de colonizador) durante os anos que residiu no país, mesmo tendo vivido da agricultura e participado de festas locais. O viajante era um colonizador colonizado, ora se sentia próximo dos moradores, ora distante destes.

As festas sempre foram momentos ideais de socialização, onde o contato poderia ser estabelecido com maior facilidade. As festas proporcionavam momentos em que os viajantes poderiam ver os moradores sair de seus cotidianos, de suas casas, para compor ambientes públicos. Os momentos festivos dos moradores das províncias sempre foram alvo dos viajantes estrangeiros, pois eles sabiam que esses eram os períodos mais adequados para as observações e para as experiências de contatos. As festas religiosas eram os momentos mais explorados pelos viajantes quando passavam pelas capitânicas do Norte do Brasil. Tais festas religiosas

propiciavam, no primeiro momento, estranhamento, contudo também, admiração e encanto.

As festas eram para os moradores, momentos de sociabilidade, possibilidades dos grupos sociais de confrontar seus prestígios e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poder. As festas e procissões, na primeira metade do século XIX permitiam a todas as camadas sociais o divertimento, a fantasia e o lazer. Havia ainda vários sentimentos nas funções aparentemente irrelevantes das festas, pontuando certas maneiras de pensar, de ver e de sentir das camadas sociais envolvidas na atmosfera lúdica. A mistura entre o *“sagrado e o profano valia para diminuir e caricaturizar o pagão, o inculto, o diferente aos olhares europeus”*³². Dentro das festas havia outras festas bem particulares, onde os grupos sociais, índios, negros, autoridades, população, participavam ao seu modo, dando às festas um duplo caráter ritual de representação e percepção. Os viajantes estrangeiros participavam como observadores das festas locais por onde passavam na perspectiva de registrar esse *“universo social”* que viviam os moradores nesses momentos.

Koster reservou espaços para participar de festas locais, principalmente, na região de Recife, onde morou. Koster participou de várias festas – religiosas (casamentos batizados) e momentos de comemorações por uma boa safra nas fazendas. O viajante não era apenas mais um participante das festas, principalmente de festas de casamentos, onde foi muitas vezes padrinho dos noivos. As festas religiosas foram destacadas das demais para o viajante, uma vez, que eram realizadas em espaços públicos e em vários períodos do ano, dando oportunidade a Koster de afirmar sua transculturação na zona de contato.

O viajante mantinha em seu discurso características próprias de um imperialista: comparação, reprovação e distanciamento. As manifestações culturais dos moradores das regiões visitadas por Koster eram submetidas às lentes do estranhamento e da comparação ideológica. As palavras usadas pelo viajante para registrar os resíduos que ficavam depois desse processo de filtração eram de: surpresa, espanto e estranheza. A passagem seguinte, o

³² DEL PIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 37.

viajante ficou “surpreso” ao observar as danças e as marchas realizadas pelos moradores durante a festa em Paço da Panela. Segundo ele, os participantes dessa festa também ficariam *surpresos* ao verem as festas, danças e marchas dos ingleses. Portanto, na zona de contato, o viajante estrangeiro, no papel de observador, diante do que seu objeto de observação (relação que não era estática) mantinha seu discurso imperialista próprio de “quem era de fora”. Pontos comuns existentes entre o viajante e seu objeto de estudo favoreciam o contato cultural. Pontos comuns que mesmo sendo filtrados pelas lentes distorcidas da cultura estrangeira, permaneciam em seus registros como partículas culturais ou fragmentos da cultura dos moradores.

*“É um tempo de agitação e de alegria, e tivemos igualmente a nossa festa em Poço da Panela. Essas festas são sempre precedidas por nove noites com cantos de hinos e música, em honra da Virgem ou de do Santo cujo dia lhe é dedicado. A orquestra dessa novena consistia num piano, tocado pela senhora de um negociante, numa viola e n’alguns instrumentos de sopro, tocados por pessoas respeitáveis. (...) Fiquei um tanto surpreendido pelo tom de danças e de marchas fortuitamente introduzidas nessas composições. (...) Não perdi festa alguma e, entre outras, fui a de Santo Amaro, curador de úlceras, em cuja Capela vendem pedacinhos de fitas, como amuletos e muitos homens do povo as amarravam ao tornozelo ou no pulso, usando-as até que se desfizessem”.*³³

Ao participar de festas religiosas, Koster teve a oportunidade de observar certas particularidades dos moradores, vendo como estes se comportavam em espaços públicos e em espaços considerados sagrados para os moradores. O viajante observou as distinções sociais presentes nas igrejas, onde as mulheres sentavam na frente, todas juntas, não havendo diferenciação de cor ou posição social. Atrás das mulheres ficavam os homens de pé, esses também, todos juntos senhores e escravos. Muitos viajantes ao lerem esta observação de Koster - que nas igrejas do Brasil todos, senhores e escravos, ficavam juntos cultuando os mesmos santos - afirmavam que a escravidão no Brasil era mais branda do que em outros países. Todavia, Koster comprovou através do seu convívio com os escravos que, no Brasil, assim como na Inglaterra, a sociedade era composta de classes, onde as que se consideravam mais elevadas mantinham e reafirmavam a posição inferior das demais classes. Os escravos ficam na base da pirâmide social como objetos de exploração, mão-de-obra

³³ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 85.

necessária para a fase pré-capitalista que vivia o país, na primeira metade do século XIX.

*“A capela principal é, invariavelmente, na extremidade oposta à porta de entrada. Sai do corpo da Igreja e é estreita. Essa parte, destinada aos padres oficiantes, é separada da nave por uma balaustrada. As mulheres, ao entrar, sejam brancas ou de cor, ficam junto a essa grande, sentando-se no chão, no grande espaço aberto no centro. Os homens se postam de pé, em cada lado da nave, ou ficam perto da entrada, detrás das mulheres que, seja qual for sua posição ou cor, devem ser as primeiras acomodadas”.*³⁴

Nas festas religiosas os viajantes tinham oportunidades de observar os moradores em suas concepções religiosas, seus modos de cultos e representações públicas. Os viajantes ao observarem os espetáculos religiosos eram levados ao estado de surpresa, de espanto e de admiração. Koster ficou consternado ao assistir a uma representação da Paixão de Cristo, na cidade do Recife, onde moradores fervorosos levavam às “apresentações demasiadamente a sério”, causando “surpresa” aos olhos do viajante. Os viajantes estrangeiros imaginavam um Brasil sem religiosidade e leis, prevalecendo a imoralidade e as regressões. A vida religiosa dos moradores do Brasil sempre foi alvo de avaliação e reprovação aos olhos dos estrangeiros, registrando faltas e excessos nas práticas religiosas das capitanias.

*“No dia seguinte, Sexta-Feira Santa, a decoração das igrejas, o traje das mulheres e mesmo as maneiras dos dois sexos, mudaram. Tudo estava sombrio. Pela manhã, com os mesmos companheiros, saí para assistir na Igreja do Sacramento a representação na descida da cruz do Nosso Senhor Salvador. Penetrei a igreja pela porta principal, muito comprimido porque era grande a dificuldade de entrar. Uma enorme cortina, suspensa do cimo, tomava toda a visão da capela-mor. Um missionário italiano, frade do convento da Penha, com comprida barba e vestido de hábito de grossa fazenda escura, estava no púlpito e pronto para começar o improvisado e longo sermão. Após largo exórdio, adaptado ao dia, gritou “vede-o!”. a cortina caiu imediatamente, deixando ver uma cruz enorme, com uma imagem de madeira do Salvador. (...) Tudo se fizeram rapidamente sob o comando da palavra do pregador. Concluído o sermão, deixamos a igreja. Ficara completamente assombrado. Pensei que haveria de ser algo de surpreendente mas nunca tive a idéia de que levariam tão longe a representação”.*³⁵

As visitas aos moradores das capitanias visitadas também faziam parte do protocolo de viagem de Koster. Essas visitas proporcionavam momentos de

³⁴ KOSTER. H. *Op. Cit.*, p. 87.

³⁵ KOSTER. H. *Op. Cit.*, p. 87 - 88.

socialização (de contato), claro que em escala menor do que aquela que ocorria nas festas religiosas ou profanas, no entanto, as visitas aos moradores eram oportunidades de os viajantes observarem estes em seus ambientes, bem como no convívio com parentes e serviçais. A presença dos viajantes modificava o ambiente que era visitado, pois tudo era organizado para recebê-los. Assim, a representação vinha à cena recriando os ambientes e as pessoas. Entrava em cena, no momento da visita do estrangeiro, a auto-representação ou auto-etnografia, *“instâncias nas quais os moradores das regiões visitadas representavam a si mesmos comprometidos com os padrões culturais do colonizador”*.³⁶ A família anfitrião arrumava e organizava o ambiente; tornando-o agradável aos padrões do estrangeiro, servindo comidas típicas de seu país. O viajante também se preparava para esse encontro, utilizando o protocolo da entrega de cartas de recomendações como sua maneira de contato inicial, transmitindo, assim, confiança aos anfitriões.

Quando passou pelos canais do Espírito Santo, situados às margens do rio Paraíba, seguindo de Goiana para o Rio Grande, em 3 de novembro de 1810, Koster foi recebido na casa do senhor José Francisco de Paula Cavalcanti d’Albuquerque que era capitão-mor na província da Paraíba. O viajante, para iniciar o contato com esse senhor, entregando-lhe uma carta de recomendação, estratégia repedida do viajante para aproximar-se e tornar-se confiável: *“Levava cartas para o proprietário, membro da família Cavalcanti e Capitão-Mor da província da Paraíba. Fui por ele recebido de maneira afetuosa”*.³⁷

Koster, durante o jantar, não se comportou como um mero convidado, mas como um observador que filtrava tudo o que via, registrando mentalmente as cenas e reprovações para depois transcrevê-las no seu *diário*. A comparação estava presente no seu olhar tendo como base seus padrões culturais, as suas experiências e o seu modo de ver e sentir o que se passava a sua volta. O viajante teceu várias críticas ao jantar, mostrando que sua postura de estrangeiro era uma barreira que o impedia de participar mais diretamente das *trocas culturais* do contato, reprovando, assim, a experiência de comer uma comida do Brasil.

³⁶ PRATT, M. L. *Op. Cit.*, p. 33.

³⁷ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 147.

“Por ceia puseram diante de mim carne-seca e farinha de mandioca, tornada em papa, que chamam pirão, e também biscoitos duros (bolachas) e vinho tinto. Não era suficientemente brasileiro para comer o pirão, preferindo a bolacha e a carne, o que estremeceu o anfitrião. Os doces, servidos depois, eram como sempre, deliciosos, conforme o hábito das famílias dessa ordem. O rico homem brasileiro tem tanto orgulho dos seus doces quanto o cidadão inglês de sua mesa ou dos seus vinhos”.³⁸

Destacamos outro momento desta passagem: a curiosidade que o viajante causou entre os parentes do senhor Cavalcanti. A situação de observador desejada pelos viajantes estrangeiros era extremamente frágil, pois essa situação se invertia na realidade do contato. Os viajantes estrangeiros tinham consciência que eram alvo das curiosidades dos moradores e, em várias situações, precisavam reforçar e ceder a elas para continuar mantendo experiências.

Koster foi alvo de olhares curiosos após o jantar na casa do senhor Cavalcanti. Os outros membros da casa vieram conhecê-lo. Assim poderiam confirmar o que havia em seus imaginários sobre um estrangeiro. Koster descreveu as impressões dessas pessoas, diante de sua figura de estrangeiro, usando como base suas próprias impressões diante destes. O olhar de curiosidade dessas pessoas fez o viajante se sentir como “*ser diferente*”, uma pessoa diferente das demais. E era assim que os viajantes estrangeiros registravam os moradores das regiões visitadas, como “*seres diferentes*”. O viajante ressaltou que a sua relação de contato com os moradores causava algumas formas errôneas de pensar, por ser ele diferente dos estrangeiros que já passaram pelas regiões do Brasil, principalmente, por ele falar o bem língua do país. Os moradores que tinham contato com ele acreditariam que, ao chegar em outro país logo se adaptariam com a cultura e fariam língua do visitado uma vez que Koster falava o português.

“O Capitão-Mor sentara-se sobre o móvel, na outra ponta, e conversava comigo. Durante isso, as principais pessoas da casa nos cercavam, para ver bicho estranho chamado inglês. Passamos, depois, para o aposento mais amplo e cada qual escolheu uma rede, das muitas que havia na sala, e ficamos conversando e balançando meio adormecidos. Um dos presentes supunha que eu falando português era um inglês que não sabia seu idioma ou que todo português que fosse à Inglaterra falaria imediatamente a linguagem deste país, como eu falava o português. O Capitão-Mor deixa

³⁸ KOSTER, H. *Op. Cit.*, pp. 147 - 148.

*raramente seu engenho para ir ao Recife ou Paraíba, vivendo, como os outros de sua classe no Brasil, num estado de vida feudal”.*³⁹

O viajante confirmou que os moradores recebiam em suas casas pessoas que estavam em jornada, por deverem favores a quem mandava as recomendações. É, devido a essa dívida, os moradores eram recebidos com o melhor que tivessem em suas residências. Segundo Koster, os moradores, para impressionar um estrangeiro ou pessoa importante, tentavam oferecer o máximo de conforto e comida que podiam ou teriam em sua casa, sendo esse tratamento uma forma pagamento por certos favores recebidos, principalmente quando esses favores vinham de determinadas pessoas políticas ou influentes de outras regiões do país.

O viajante, ao visitar a Vila do Aracati na capitania do Ceará, em 1810 (quando seguia do Rio Grande para essa capitania), ficou hospedado na casa de um morador, o senhor José Fidelis Barroso, rico mercador e grande proprietário de terras, que lhe ofereceu um tratamento muito especial, com todo o cuidado e requinte que o mesmo pôde dispor. O senhor Barroso recebeu o viajante e sua comitiva por dever favores ao governador da província do Rio Grande do Norte, por quem Koster foi recomendado.

*“A casa que eu ia ocupar constava de duas salas amplas, com dois quartos grandes. (...) Suspendi minha rede na sala principal e mandei procurar galinhas para fazer provisões. Preparavam uma delas para mim quando apareceram três criados pretos pertencentes ao senhor Barroso. O primeiro trazia uma vasta bandeja, cheia de excelentes e deliciosos pratos, vinho, doces, etc; o segundo carregava um jarro, com bacia de prata, toalha franjada, e o terceiro vinha saber se eu não desejava outra coisa, além do que me haviam mandado esse voltou com a resposta e os outros dois ficaram para servir-me, como julguei. (...) Pela manhã recebi a visita do senhor Barroso, cujos ademanos são cerimoniais e corteses. Quando mencionei os inconvenientes que lhe causava minha estada, disse-me não lhe ser possível modificar a forma de receber-me, porque, afirmou, não pagaria suas dividas para com o governador do Rio Grande, a quem devia muitas obrigações, aproveitaria todas as ocasiões para expressar sua”. gratidão pelos meios que pudesse”.*⁴⁰

Ainda nesta jornada para a capitania do Rio Grande, o viajante manteve o protocolo de visitar os moradores nas várias regiões por onde passou, tendo

³⁹ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 147.

⁴⁰ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 217.

conhecido diversas pessoas em seus ambientes familiares. As pessoas que o viajante se propôs a visitar (ou as pessoas que o convidava) eram autoridades locais ou pessoas influentes das regiões. O viajante, ao visitar Cunhaú, foi recebido pelo senhor André d'Albuquerque Maranhão (que anos depois se tornou chefe da Revolução de 1817 nesta capitania).⁴¹

O senhor André d'Albuquerque Maranhão era um rico fazendeiro, membro de uma família conhecida e influente na região: a família Albuquerque.⁴² Koster e sua comitiva se detiveram na casa do senhor Maranhão por uma noite, pois este, depois que recebeu a carta de recomendação das mãos do viajante, decidiu oferecer-lhe mais do que uma refeição, trocando, no outro dia, os seus cavalos e abastecendo o viajante de água e alimentos para a continuidade de suas viagens.

*“O coronel reside no seu engenho feudal. Seus negros e demais serviçais são numerosos. Comanda o regimento de cavalaria miliciano e o tem em bom estado, atendendo-se às condições da região. Veio para perto de mim, logo que desmontei, e lhe entreguei as cartas que levava, e ele as pôs à parte para ler com sossego. Fez-me sentar e conversou sobre várias questões, meus planos, intenções, etc. Levou-me aos aposentos reservados aos hóspedes, a pequena distância dos seus. Encontrei um bom leito. Trouxeram água numa grande bacia de latão, e todo o necessário foi providenciado. Tudo era magnífico e até as toalhas tinham franjas”.*⁴³

Essa experiência do viajante na casa do senhor Maranhão o aproximou de sua atmosfera cultural, pois o senhor Maranhão tinha padrões, considerados pelo viajante, de *elevados, a gosto de um inglês mais exigente*. Aproximação e distanciamento andavam sempre juntos nos relatos dos viajantes estrangeiros. Koster sentiu-se distante ao observar a estrutura administrativa do engenho do

⁴¹ A Revolução de 1817 iniciou-se na capitania de Pernambuco, mais precisamente na região de Recife. A Revolução tinha como participantes vários representantes da sociedade pernambucana: grandes proprietários, comerciantes, militares, juizes, artesãos e muitos religiosos. Em pouco tempo essa revolução entendeu-se para outras capitanias do Norte: Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. Os interesses desses diversos setores envolvidos na revolta não eram os mesmos: os proprietários desejavam a descentralização da Metrópole, a classe média desejava a instauração de uma República e ao restante o desejo era de liberdade e igualdade e menos impostos e taxas para as importações. A Revolta de 1817 durou três meses, mas os revoltosos foram presos e enforcados por tropas da Coroa.

⁴² O senhor André d'Albuquerque Maranhão foi uma das primeiras vítimas do movimento de repressão para conter a Revolução de 1817 em Pernambuco. O senhor Maranhão foi pego por um grupo de reacionários, ferido e levado para uma fortaleza, onde agonizou até a morte, no dia 26 de abril de 1817.

⁴³ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 150.

senhor Maranhão. O viajante observou que a organização do engenho do senhor Maranhão tinha a aparência de um *engenho feudal*. Segundo o viajante, ao entrar no engenho, observou que o senhor Maranhão administrava-o como eram administrados os engenhos no período do feudalismo e que este mantinha sua autoridade e controle diante de inúmeros escravos e outros empregados.

Koster usou, com base de cotejo, as suas experiências na Inglaterra; o contexto sócio-econômico que vivia os ingleses no início do século XIX. O mundo rural inglês que conhecia, através de experiências pessoais, ou tinha apenas conhecimento teórico. Como não tinha elementos para avaliar uma grande propriedade escravista colonial a referência mais próxima que obteve com seus "*olhos imperiais*" foi a do feudalismo europeu. Ao invés de analisar social e historicamente a escravidão colonial buscou nos padrões ingleses a comparação. Portanto, era o olhar do estrangeiro, mesmo quando não tinha referencial, tentava compreender o mundo que estava diante dos seus olhos, não como ele era, mas como deveria ser através do olhar imperialista.

A Inglaterra no início do século XIX estava em pleno processo de mudanças em seu desenvolvimento industrial, sendo o único país europeu que reuniu, no século anterior, as condições políticas, econômicas, sociais e culturais necessárias ao desenvolvimento da indústria e, portanto, do capitalismo industrial. Todavia, o processo de industrialização que ocorria na Inglaterra não se estendia naquele momento para os demais países da Europa, situação que permaneceu até a metade do século XIX. Com o processo de industrialização os ingleses consideravam inadequada a utilização da mão-de-obra escrava. As mudanças tecnológicas avançavam e os operários ocupavam as fábricas, De acordo com todas essas mudanças, o inglês do século XIX tinha novas concepções de tempo e mundo. O homem inglês tinha seu tempo regido pelo relógio - o tempo útil estava vinculado à produção.

Koster ao registrar suas observações sobre os engenhos no Brasil tinha como parâmetro o contexto de mudanças por que passava a Inglaterra e as mudanças que continuavam passando a zona rural deste país. O olhar do viajante estava preso às suas próprias experiências históricas culturais e do seu grupo. Os moradores mantinham posturas e concepções que, para Koster, eram próprias de outra época. A presença dos negros nos engenhos, a postura

dos proprietários diante destes e a forma de administração eram, para Koster, atitudes de um tempo pretérito, pois na Inglaterra, as propriedades não só produziam para o mercado local ou de consumo próprio; essas propriedades produziam, em grande escala para abastecer as cidades. A zona rural inglesa (terra e produção) ganhou valor estritamente comercial integrando-se ao capitalismo deste país. O Brasil vivia o ritmo da empresa colonial da presença e administração dos colonizadores, mantendo os engenhos e fazendas com características coloniais: força de trabalho escrava, instrumentos rudimentares movidos à força manual e tração animal e administração patriarcal.

Koster observava as técnicas administrativas que os moradores usavam em seus engenhos com olhar de colonizador (olhar imperial), no entanto, quando o viajante administrou o seu engenho, ele o observou com olhar de colonizado. Koster, ao retornar para a região de Recife, em 27 de dezembro de 1811, vindo da Grã-Bretanha (para onde partiu em 8 de abril do mesmo ano), arrendou o engenho Jaguaribe (em abril de 1812). Um engenho que ficava na ilha de Itamaracá, a quatro léguas de Recife. Em princípios de 1813, por motivos de discussões com o proprietário do engenho Jaguaribe, o viajante, que estava disposto à luta armada, aceitou um acordo e passou a ser o proprietário de outro engenho, o Amparo, na mesma região, na ilha de Itamaracá.⁴⁴

O viajante utilizou as estruturas produtivas existentes que encontrou em no engenho Amparo, e as mesmas técnicas usadas pelos proprietários no plantio da cana-de-açúcar. O viajante não parecia ter sido um lavrador na Inglaterra, mas, ao tornar-se um no Brasil, utilizou suas observações sobre os engenhos das províncias por onde passou para administrar o seu. Koster manteve as mesmas características de um engenho escravista colonial: mão-de-obra escrava, feitores, capataz, alguns empregados livres e a mesma estrutura de casa-grande e senzala.

“Quando eu estava doente no Recife e Monteiro, o feitor e sua mulher se instalaram na casa-grande e ali ficaram até meu regresso. Assim, vivo literalmente no meio desse povo. Sempre tomo as minhas refeições só, mas geralmente duas ou três pessoas, empregadas no engenho, estão na sala, enquanto almoço ou janto.

⁴⁴ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Nota de Luiz da Câmara Cascudo. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª. Volume 221. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 318.

Sentados ou em pé, falando comigo. O feitor e sua mulher narram-me os casos raros e repetidos. É um homem de temperamento feudal, honesto e fiel em todos os respeitos, por uma atenção pessoal à entidade a quem serve e não pela opinião geral do mundo”.⁴⁵

Destacamos que o viajante registrou sua confiança no feitor que empregou em seu engenho. Provavelmente, já pertencia ao engenho, passando apenas a servir ao viajante mediante a troca. Koster referiu-se ao feitor como um homem de bom caráter, mas de um temperamento feudal. Mesmo como proprietário de uma unidade escravista colonial e usando seus elementos produtivos, Koster se referia ao seu universo imperial para designar as relações sociais do contato.

O temperamento “*feudal*” que Koster via no feitor não era, naquele momento, algo totalmente reprovável, pois o feitor trazia uma qualidade bem vista pelo viajante: a fidelidade à pessoa que o empregava, como um “*servo*”. O feitor tinha, na visão de Koster, particularidades só encontradas em homens no Brasil, que não era fiel ao dinheiro, mas a pessoa a qual ele servia. Portanto, o viajante reprovou as estruturas e padrões existentes nas capitanias do Brasil por onde passou, mas as utilizou quando foi necessário, compondo o seu próprio mundo “*feudal*” escravocrata no Brasil.

❖ *“O NÃO ESTAR NO TODO” - HOMEM IMPERIAL, UM LAVRADOR DO BRASIL.*

“Era um espetáculo inédito para mim. Quando pensava na completa mudança de hábitos que esse gênero de vida exigia e como eram diversos dos vividos na Inglaterra, e mesmo na Europa”.

Henry Koster.

Objetivo deste neste segundo item é refletir como as experiências de contato vividas pelo viajante Koster, nas capitanias do Norte do Brasil, moldavam seus hábitos e comportamentos, fazendo-o abandonar,

⁴⁵ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 296.

momentaneamente, seus próprios padrões culturais. E, ainda, como o viajante percebeu e registrou essas mudanças.

Os viajantes estrangeiros registravam as suas impressões sobre suas próprias culturas quando reprovavam as culturas dos moradores visitados. Eles refletiam sobre as suas experiências através de seus olhares imperiais, que comparavam, avaliavam e reprovavam. Koster, em seus relatos, seguiu esse modelo da comparação, com base em seus próprios padrões ideológicos. Ao deixar registradas as comparações que foram feitas, ele refletia também sobre as mudanças que sentia na experiência social da transculturação. Em outras palavras, Koster tomou consciência da dimensão única de sua experiência de viajante, que o moldava em situações as quais seriam impensáveis na Europa. A viagem exigia do viajante um mergulho nas experiências culturais das regiões por onde passava, adaptando-se, moldando-se e abandonando preceitos ideológicos de sua cultura.

Os viajantes estrangeiros encontravam inúmeras dificuldades em suas viagens, dificuldades que antecedia o momento dos seus desembarques nas regiões desejadas: financiamento, preparativos para viagem, trajetos a serem seguidos, cartas de recomendações e outros materiais necessários. Quando os viajantes desembarcavam nas regiões, as dificuldades continuavam: procura por alojamento, visitas as autoridades, licenças para visitar certas regiões e preparativos para seguir em viagem pelas regiões por terra ou mar. Outras dificuldades estavam nas próprias regiões visitadas. Não era nada fácil viajar pelo sertão ou pela caatinga, principalmente, em períodos longos de seca, nem nos períodos de chuvas também difíceis para os transeuntes.

Koster tinha, além das dificuldades encontradas por outros viajantes, uma saúde frágil fazendo com que o mesmo, ao empreender viagens pelo sertão, exposto a seca e/ou tempestades, ficasse constantemente doente. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos viajantes, as viagens por matas e sertões causavam fascínio entre estes homens europeus, pois eles sabiam que as experiências de contatos diretos com a natureza e as emoções que esses contatos poderiam causar seriam algo impensável na Inglaterra, impossíveis para o meio cultural e para os padrões de um europeu. O viajante tinha que abandonar (mesmo que momentaneamente) as suas regras de conduta para adaptar-se às situações encontradas no contato. Destacamos três momentos

importantes desta passagem, que ocorreram quando o viajante passava pela região de Mamanguape, situada na Paraíba, em 1810: primeiro, as mudanças sentidas; segundo, o mergulhar-se para conhecer e terceiro, a adaptação.

“Era um espetáculo inédito para mim. Quando pensava na completa mudança de hábitos que esse gênero de vida exigia e como eram diversos dos vividos na Inglaterra, e mesmo na Europa; quando olhando em torno de mim, via as várias fogueiras, porque a frescura do ar obrigava que cada pessoa tivesse a sua; os homens adormecidos, as cangalhas, malas e mais partes da bagagem espalhadas, como elas ficam quando descarregamos os animais; quando ouvia o murmúrio da água e o rumor do vento nas folhas; quando notava estar no seio de um povo cujos hábitos pouco conhecia e que ignorava as intenções para com meus patrícios, caía numa depressão moral, rapidamente dissipada, prevendo as alegrias do regresso e realização do que julgava impossível. Era reanimado pela idéia de saber o idioma do país e pela resolução de, conforme os costumes do povo, a eles submeter-me fielmente. Não era demasiado idoso para ter hábitos tão arraigados que não pudessem ceder quanto necessário”.⁴⁶

Koster ao passar por essa região registrou suas observações sobre os moradores e a natureza desta, registrando também reflexões curiosas sobre as mudanças que a vida de viajante lhe proporcionava. O viajante lembrou os momentos em que ele teve que permanecer nas matas, dormindo e se adaptando a esse novo modo de vida, comum aos seus guias (na maioria índios) e aos negros que o acompanhavam. Nas matas, os viajantes se deparavam com um meio bem distante do seu, tendo que utilizar sempre o improvisado e cautela, pois as situações eram as mais inesperadas: insetos pequenos, animais selvagens, falta de água ou de rios próximos, chuvas torrenciais. Koster precisou adaptar-se ao modo de vida de um aventureiro que dormia ao ar livre e em companhias inusitadas, mas o seu corpo sofria mais do que outros viajantes, pois quando estava doente, nas mãos de seus homens ou de moradores das regiões próximas, sofria diferentes provações.

O viajante percebia que conhecia poucas coisas sobre os moradores, conhecendo apenas o que eles permitiam que conhecesse. Um mergulho mais profundo seria necessário para que Koster pudesse compreender as concepções, valores e padrões culturais usados pelos moradores, podendo até

⁴⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Prefácio de Luiz da Câmara Cascudo. Estudos Introdutório e Organização de Leonardo Dantas Silva. 11^ª Edição. 1 Volume. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2002. p. 148.

mesmo compreender as idéias que existiam nas capitâneas sobre os estrangeiros: como os moradores viam os estrangeiros e seus estratagemas para enganá-los, pois os viajantes eram sempre visto pelos moradores como pessoas ricas e fáceis de serem usurpados.

Diante das mudanças sentidas através de experiência de contato e da necessidade de adaptação, Koster sentiu-se obrigado a ceder em seus hábitos e valores culturais. A situação o moldava e a necessidade o obrigava a ceder, tendo que agir de acordo como faziam os moradores das capitâneas. Todavia, mesmo sendo obrigado a se modificar, as experiências culturais que o viajante trazia consigo continuavam sendo filtros para o seu olhar de observador, pois a modificação ou adaptação era momentânea. Quando o viajante se sentia seguro ou em um ambiente próximo às suas experiências, o seu olhar de estrangeiro tornava a comparar, a criar seus próprios juízos de valor, reprovando ou inferiorizando o que era diferente do seu campo de experiências.

Koster registrou as mudanças que estavam acontecendo com ele devido ao contato com os moradores e ao processo de adaptação que passava, mas as suas concepções ideológicas estavam sempre presentes em suas observações, em seu modo de ver e agir os moradores das províncias. Quando Koster visitou o arraial de Santa Luzia ⁴⁷ (em 1810 na capitania do Ceará) usou as suas experiências culturais para aproximar-se dos moradores e obter deles o que desejava. O viajante, ao pensar que estava tratando com ingleses mandou o seu guia comprar um pouco de leite, mas não procurou saber se os homens que o tinham desejavam vender. Com tal gesto, o viajante causou para os homens um insulto: comprar algo que poderia ser cedido gratuitamente.

O viajante sentiu que tinha tratado com os moradores como ele trataria os homens na Inglaterra, pagando por tudo que ele deseja-se. A sua estratégia de aproximação resultou em distanciamento, mostrando ao viajante que ele precisava aprofundar-se mais no contato para conhecer melhor as culturas das regiões visitadas e poder aproveitar as experiências adquiridas pelo contato, principalmente porque não se tratava de uma sociedade capitalista e sim colonial onde os favores representavam mais que o comércio. Portanto, o

⁴⁷ Santa Luzia era o antigo Poço da Lavagem, no município do Assu, atualmente distrito.

viajante sentia as mudanças que ocorriam com ele, decorrentes das experiências do contato. Sentia que, forçado pela necessidade que algumas situações lhe impunham, tinha que ceder em seus pressupostos culturais.

“Neste dia, pelas dez horas, chegamos à fazenda de Santa Luzia. (...) Pelo meio-dia vi alguns homens tirando leite de algumas cabras. Mandeí Júlio com uma cuia buscar um pouco de leite e com ordem de pagar. O guia aconselho-me que não o fizesse. O leite veio mas a moeda não fora aceita e, pouco depois, três homens vieram até nós. Agradei-lhe o leite. Um deles, dirigindo-se a mim, quis saber se pretendia insulta-lo, oferecendo pagamento, o que não era hábito na região. O guia me havia advertido e fora minha culpa o sucedido, mas pus a todos de bom humor, explicando que pedia desculpas do engano, mas pertencia a um país onde tudo se pagava, até areia para esfregar os assoalhos”.⁴⁸

Destacamos dois outros momentos nessa citação: a curiosidade dos homens por vê um estrangeiro e a busca destes por notícias do próprio Brasil. a questão do estranhamento, do olhar comprometido com suas experiências culturais, estava presente entre os homens que tiravam o leite, os quais não acreditavam que o homem que estava na frente deles era um estrangeiro. O estrangeiro próximo causou aos homens desapontamento, mas o estrangeiro distante, John o amigo de Koster, lhes alegrou, pois confirmava o que havia em seus imaginários sobre *os de fora*. No segundo momento, os mesmos homens ficaram ansiosos por saber notícias sobre a capitania de Pernambuco, pois os viajantes ao passar pelas regiões do país traziam notícias sobre o que estava acontecendo, principalmente sobre o comércio.

“Eles disseram que o rapaz que foi buscar o leite mencionara haver um inglês no grupo, e que muito desejavam ver, porque era “bicho” que nunca tinham visto. Respondi-lhes que fora com os cavalos e voltaria logo. Referia-me ao John, mas o guia declarou que eu também era inglês. As fisionomias mostraram o desapontamento quando se convenceram da verdade, porque esperavam ver uma besta estranha. John voltou e foi objeto de curiosidade. (...) Sentaram-se ao chão, junto de minha rede, e pediram-me as novidades de Pernambuco, porque não os interessavam os assuntos distantes”.⁴⁹

⁴⁸ KOSTER, H. *Op. Cit.*, pp.187 - 188.

⁴⁹ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 188.

Os viajantes estrangeiros ao visitarem o Brasil tentavam traçar em seus percursos de viagem, algumas regiões podiam ser visitadas por terra e outro apenas por via marítima ou fluvial. As regiões do interior das capitânicas eram as mais difíceis de serem visitadas, pois no início do século XIX não havia estradas que ligasse estas regiões as capitânicas, o meio era seguir por terra adentrando as matas, seguindo as trilhas dos índios e dos tropeiros. O viajante teve acesso a esses dois meios, viajando entre 1810 até princípios de 1811 por terra e depois, a São Luiz do Maranhão, de barco em fevereiro do mesmo ano. Os viajantes, ao contratarem guias e ajudantes para as suas viagens, desejavam uma certa segurança, por não conhecerem as regiões, e um prazo determinado para chegarem nas regiões escolhidas. Os homens empregados nessas viagens também desejavam uma breve estada nas jornadas, desejando o retorno para suas regiões, por isso, as paradas para as refeições deviam ser breves e poucas. Durante essas viagens, principalmente as que eram realizadas por terra, o viajante começou a sentir a necessidade de adapta-se a alguns costumes usados pelos moradores, representados pelos seus ajudantes. Koster tinha uma equipe composta por onze homens entre eles índios, negros e mulatos.

Um dos costumes registrado pelo viajante foi o hábito de fumar assim que acordasse ou quando sentia fome. O hábito de fumar espantava a fome e não os atrasava, pois só paravam ao meio dia e, mais uma vez, à noite para o repouso, avaliação e preparação da jornada do dia seguinte. A adaptação tornava-se mais necessária, os percursos das viagens eram mais longos e mais cansativos, os prazos previstos pelos guias precisavam ser cumpridos, por isso, não permitiam refeições e períodos de descansos longos, usando a estratégia de espantar a fome com o fumo que dava uma sensação de saciado. Koster, diante da situação e das metas a serem cumpridas, utilizou essa estratégia.

*“Tomei, por esse tempo, o hábito de fumar muito cedo, convencido de que isto me evitava o desagradável sentimento da fome e não podia preparar coisa alguma antes do meio-dia. Meus companheiros nada comiam pela manhã por causa do atraso que isto determinaria, não seria conveniente que eu lhes desse um mau exemplo”.*⁵⁰

⁵⁰ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 177.

o viajante Koster, nos períodos em que permaneceu em seu engenho, teve a oportunidade de participar de experiências culturais únicas para um viajante estrangeiro. Era mais um campo de experiência que o viajante vivia na zona de contato. No engenho, o viajante representava o papel de um “*senhor de engenho*” do Brasil, um conhecedor de suas atribuições. O viajante relacionava-se com seus vizinhos, com seus negros e outros empregados. Ele tinha que se preocupar com o período do plantio, colheita e com a utilização da cana.

Nos registros sobre a vida de Koster não consta qual era a sua profissão na Inglaterra, se tinha muitos recursos ou onde advinham os recursos que trouxe para o Brasil. O que obtivemos durante a pesquisa foi que o viajante optou por investir suas economias em um engenho no Brasil. Os engenhos eram administrados segundo padrões próprios das regiões onde se situavam: tempo e condições necessárias para o plantio, preparação e rituais para a colheita. O viajante ao reprovar as administrações dos engenhos que conheceu, deixava transparecer que administraria o seu de forma diferente, entretanto, não foi isso que ele fez. O viajante administrou o seu engenho da mesma forma que os moradores da região, recorrendo a fazendeiros quando precisava de orientações, quando surgia uma situação inesperada como a fuga de escravos ou o retorno de um que tinha fugido há alguns dias. O viajante por conversar com os fazendeiros e os escravos e mulatos de seu engenho, sabia dos perigos que enfrentavam os proprietários que utilizavam a mão-de-obra escrava. Koster ficou sabendo que devido aos maus tratos, os negros tentavam matar os seus donos, envenenando-os ou armando emboscadas. O viajante passou a viver os conflitos sócio-culturais do escravismo.

O viajante, em fevereiro de 1813, ao retornar ao seu engenho em Itamaracá, recebeu a visita inesperada de um escravo fugido, que voltara pedindo perdão. O viajante sabia que os escravos fugitivos que se arrependiam e desejavam voltar aos seus antigos donos tinham que trazer um bilhete de alguma pessoa conhecia deste, solicitando o perdão do proprietário da fazenda. Koster estranhou o fato disso não acontecer com o mulato que voltava, preocupado que a volta fosse uma emboscada. O viajante agiu rapidamente prendendo o escravo e o mandando para um amigo na região de

Pilar. O viajante tratou o assunto do escravo fugitivo como tratariam os fazendeiros do país. Os castigos impostos aos escravos fugidos iam até a morte, assim, o viajante preferiu, por não estar acostumado ver um negro sofrer até a morte, mandá-lo para outra região e de lá vendê-lo.

*“Fiquei muito surpreendido, no começo de fevereiro, vendo chegar um mulato escravo que fugira no mês de Novembro. Chegara sozinho e sem trazer o habitual bilhete de uma pessoa amiga solicitando seu perdão. Subiu os degraus da casa onde eu resido, com perfeita serenidade, e com sua faca a cintura e uma vara na mão, pedindo para ser perdoado. Chamei-o sob pretexto de verificar se o freio do bridão se soltara. Ele veio e lhe pus uma mão sobre a cabeça e com a outra lhe apontei a pistola, mandando, ao mesmo tempo, que jogasse fora seu machado e sua faca, o que foi feito. Depois chamei os dois homens livres para o prenderem... eu acompanhei os seus condutores até Amparo, de onde escrevi ao meu novo amigo do Pilar, enviando o escravo para essa povoação. Foi posto a ferros até que eu pudesse desembaraçar-me dele, o que imediatamente cuidei de fazer. Nunca mais o vi”.*⁵¹

O viajante, em sua experiência de lavrador, tinha que se adaptar aos rituais e preparativos seguidos mediante a cultura das capitanias. Os negros e demais serviçais não admitiam que Koster, por ser estrangeiro, se recusasse a estas cerimônias: uma missa com a presença de um padre para benzer a colheita durante o dia e, à noite, uma festa, vista por alguns, como comemorativa, mas, para os negros, outro ritual de proteção. O viajante cedeu às tradições dos engenhos e mandou chamar um padre, pois, se assim não o fizesse, teria que se responsabilizar por algum incidente que, para os seus escravos, seria um castigo por ele não ter respeitado às tradições religiosas do Brasil. Ao ceder as tradições religiosas do país, o viajante adaptava-se e aprofundava-se em sua nova e surpreendente vida de senhor de escravos, de plantador de cana no Brasil do início do século XIX.

A consciência dos negros em relação a sua condição de escravo e ao seu meio era ambígua. Os escravos tinham consciência e questionavam o poder que era responsável por sua situação de “coisa”, contudo, não percebiam que os acidentes, relacionados ao trabalho, estavam diretamente ligados a organização disciplinadora existente nos engenhos e fazendas.

⁵¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Nota de Luiz da Câmara Cascudo. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª. Volume 221. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. pp. 323 - 352.

*“Fizemos os preparativos no mês de outubro para movimentar o engenho. Em muitos pontos da região as canas de açúcar não tinham a grossura ordinária e as minhas eram ainda menores por tê-las plantado muito tardiamente. Tudo ficou pronto pelo fim do mês e mandei buscar um Padre para benzer o engenho. Sem que essa cerimônia seja realizada nenhuma das pessoas empregadas no engenho, seja homem livre ou escravo, quer começar sua tarefa, e se algum acidente sobrevém, é explicado como justo castigo do céu pela falta da observância religiosa”.*⁵²

Os viajantes estrangeiros ao retornarem aos seus países levavam consigo além de anotações sobre as regiões visitadas e amostras da flora e fauna, experiências culturais ímpares: novas concepções de hábitos, religiosidades e organizações, as concepções ideológicas do seu grupo sendo reavaliadas através dos padrões culturais dos grupos visitados. As experiências culturais vividas pelos viajantes estrangeiros criavam novos padrões imperiais de contato para esses observarem os seus países. Ou seja, os viajantes, através das suas experiências sociais de contato, tinham novas lentes para verem seus mundos, novos filtros culturais de comparação.

Koster interrompeu suas experiências culturais para retornar a Inglaterra, em princípios de 1815, ano que publicou suas narrativas. Os registros não informam os motivos da necessidade da ida do viajante a Inglaterra, se ela se deu por motivos familiares ou por ter deixado negócios a resolver, ou, ainda, se a ida do viajante foi um pretexto do mesmo para entregar ao seu amigo Southey as suas anotações. Koster interrompeu o contato com os moradores das capitânicas do Brasil para retornar ao que ele chamou de “*um retorno à civilização*”. Todavia, a ida do viajante para a Inglaterra foi apenas uma continuidade dessas experiências vividas no Brasil, pois, na Inglaterra, ele teve que reanimar as cenas observadas para poder selecioná-las (o recorte) na organização de seu *Diário*. Koster voltou ao Brasil um ano depois e, de acordo com os registros, não se ausentou mais até a sua morte.

“Pouco tempo depois recebi notícias da Inglaterra que tornavam necessária minha volta ao lar. Abandonei com relutância meu desejo de residir no Brasil, mas hoje muito me alegro de haver sucedido esse caso. Era preciso possuir uma grande resolução para deixar o povo, a terra e tudo quanto me interessava, meus negros, e os homens livres, meus cavalos, meus cães e também meus gatos e galinhas, a casa e o jardim que eu improvisara e ia cultivando, e os

⁵² KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 324.

campos que limpava e ia semeando. Tudo isso, confesso, me custava muito sofrimento deixar, mas agradeço aos que desejavam que o fizesse. Tornar-me-ia bem depressa um lavrador do Brasil. A posição que se encontra um homem que governa escravos não é feita para formar a criadora melhor de que seria noutras circunstâncias”.⁵³

O viajante envolvido pela experiência de contato não deixou de avaliar de acordo com suas experiências culturais que, naquele momento, se fundiam com as experiências vividas no país, os perigos das relações escravistas, um homem que tinha poder de vida e morte sobre seus escravos, influente na região e servido por algumas regalias na sociedade local.

Quando retornou a Inglaterra, Koster pensou que não mais viria ao Brasil, mas o clima da Europa continuava não sendo favorável a sua saúde, forçando-o à volta ao Brasil um ano depois, em 1816. De volta ao país, o viajante assistiu a Revolução Republicana de 1817, da qual o viajante era simpatizante e tinha ligações de amizade com alguns líderes intelectuais. O próprio senhor André d'Albuquerque Maranhão, que Koster conheceu quando visitou a região de Cunhaú, na província do Rio Grande em 1811, tornou-se líder dessa Revolução. Devido às agitações liberais que passava a região de Recife mesmo depois que as tropas legalistas portuguesas contiveram os revoltosos, Koster decidiu se mudar para outra região da capitania de Pernambuco - Goiana - residindo nessa região por dois anos. Por não se desfazer do engenho Amparo na ilha de Itamaracá teve que retornar para Recife, no final de 1819, para organizar a administração e os cuidados com o engenho. Koster vinha, cada vez mais, sofrendo graves crises de tuberculose, as febres eram mais constantes e em períodos mais longos e foi em decorrência dessa doença que, em princípios de 1820, o viajante veio a falecer. Os registros não informam onde exatamente o viajante foi sepultado, alguns autores pressupõem que tenha sido enterrado no Cemitério dos Ingleses.⁵⁴

O viajante observou as organizações sociais, políticas, econômicas e culturais dos moradores por onde passou. Todavia, essa obra só poderá ser

⁵³ KOSTER, H. *Op. Cit.*, p. 417.

⁵⁴ CARVALHO, Alfredo de. *Viajantes Ingleses em Pernambuco*. In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambuco. Volume XIII, N° 72. Editora da UFPE, Março de 1908. p. 265 - 271.

entendida se for analisada juntamente com outros elementos que permearam os momentos de observações e da escrita da narrativa: a vida do viajante na Inglaterra, o próprio momento vivido pela Inglaterra, os motivos da vinda do viajante para o Brasil e as crenças e padrões culturais que o viajante possuía. Portanto, para analisar um relato de viagem é preciso levar em consideração a afirmativa de Ana Lúcia Cruz:

*“Ao analisar as narrativas de viagens é preciso valorizar os detalhes, ir além do que intencionalmente foi colocado em primeiro plano, especular o que foi escrito a pretexto da observação passageira, do comentário casual, dos silêncios, dos testemunhos involuntários”.*⁵⁵

O viajante Koster, ao se preparar para vir ao Brasil, trazia as estratégias dos homens do Império. Estratégias que várias vezes retardaram o estranhamento do contato inicial com os moradores das regiões visitadas: visitas protocolares aos governadores das capitâneas e a entrega das cartas de recomendação que o inseria na rede de solidariedade entre estrangeiros, e mesmo entre os moradores. O viajante adquiriu certos hábitos decorrentes da adaptação a que foi submetido: fumava quanto tinha fome pela manhã para não perder tempo e cumprir o tempo previsto pelos guias, as exposições às intempéries das jornadas pelas matas, as faltas (alimentos e água) e as improvisações durante essas jornadas.

As experiências de contato que o viajante Koster viveu modificaram seu modo de ser, sendo adicionadas as suas experiências culturais inglesas, tornando o estrangeiro Henry Koster (ou melhor, Henrique da Costa como era conhecido no entre os moradores das capitâneas do Norte do Brasil) um colonizador colonizado na zona de contato. O viajante Koster observava como colonizador (com seus olhos imperiais) e vivia como um morador do Brasil na primeira metade do século XIX.

⁵⁵ CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *As Viagens são os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do Século XVIII*. In: *Revista História: Questões e Debates*. Nº 36. Ed. UFPR. Ano 19. Curitiba: 2000. p. 134.

SEGUNDO CAPÍTULO

“O olhar deseja sempre mais do que o que lhe é dado a ver. Por isso, foi também necessário que o indizível se tornasse prosa, participando do lado de sombra da História e revelando o sensível que está oculto no outro lado do corpo”.

Adauto Novaes.

CAPÍTULO II - *IMPRESSÕES DE UMA VIAJANTE NAS CAPITANIAS DO NORTE: MARIA GRAHAM*

“A verdade é que, de qualquer modo, só devo esperar alegria da posteridade: se escrevo mal, alegria por ser esquecida; se bem, alegria por ser lembrada com respeito”.

Maria Graham.

Objetivamos no presente capítulo analisar os relatos da viajante estrangeira Maria Graham (Maria e não *Mary* como insistem em escrever muitos autores), procurando compreender como essa viajante estrangeira construiu a si mesma, na qualidade de narradora, através das experiências conflitantes de contato que viveu no Brasil, e como ela conseguiu inserir a sua presença em determinados espaços públicos e certos eventos, reservados para os homens.

Maria Graham nasceu em Papcastle, na Inglaterra, em 19 de junho de 1785. Graham era a filha mais velha dos quatro que teve o oficial britânico George Dundas, casado com uma americana da Virginia. Em companhia do seu pai, Graham viajou pela Índia em 1808, resultando daí seu primeiro livro de viagem. Um ano depois Maria Graham casou-se com o capitão Thomas Graham, da marinha de guerra, e fez sua segunda viagem à Índia. Em 1821, sra. Graham veio ao Brasil na fragata *Doris*, sob o comando do seu marido, como professora de literatura de uma turma de guardas-marinhas. No final de 1821, a viajante seguiu viagem para o Chile, onde seu marido faleceu.⁵⁶

A viajante Graham chegou no porto de Recife em 1821, nesse ano viajou pelas capitâneas de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. No ano seguinte a viajante partiu do porto do Rio de Janeiro para o Chile, retornando ao Brasil um ano e três dias, em 1823, estado viúva. Em princípios de 1824 retornou a Inglaterra, a fim de preparar materiais didáticos a pedido da Imperatriz D. Leopoldina, voltando ao Brasil em agosto do mesmo ano. No final

⁵⁶ Esses dados referentes à vida e obra da viajante foram obtidos no prefácio da publicação traduzida, escrito pelo tradutor Américo Jacobina Lacombe, Editora Itatiaia de 1990.

de 1825, Maria Graham parte definitivamente para a Inglaterra. Lá, casou-se com Sir. Augustus Calcott, um pintor de renome e, na companhia deste, a viajante escreveu vários livros sobre história da arte. Maria Graham faleceu na Inglaterra acometida pela tuberculose em 1842, com 57 anos de idade.

Segundo Miriam Moreira Leite, a viajante Maria Graham foi a mais conhecida dos viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil, na primeira metade do século XIX, sendo o seu diário comentado e citado por diversos historiadores que pesquisaram sobre o processo de Independência do Brasil. Para a autora, o peso da obra da viajante Graham está na consciência que ela tinha no gênero do escritor, na preocupação com o público e principalmente, pelo seu nível de percepção e de informações que registrou sobre as capitanias por onde visitou, durante os períodos que esteve no Brasil.⁵⁷

Os viajantes estrangeiros, ao saírem de seus países para conhecer lugares longínquos, tinham idéias preconcebidas sobre as regiões, idéias adquiridas através de leituras as mais diversas: narrativas de viagem, manuais científicos, livros sobre história de um país, jornais publicados no país escolhido para as visitas. Todavia, o livro que pontuou as orientações dos viajantes estrangeiros na primeira metade do século XIX foi *História do Brasil* de Robert Southey. O escritor Southey se tornou ponto comum de informações entre os viajantes, permeando seus olhares sobre o que poderiam encontrar no Brasil: os hábitos e os costumes dos moradores, os perigos e as belezas da natureza.

Robert Southey, o amigo do viajante estrangeiro Henry Koster, orientou as concepções prévias do viajante estrangeiro Daniel Kidder e da viajante inglesa Maria Graham, que registraram em seus livros de viagem diversas afirmações desse escritor para descrever a formação ou acontecimentos das regiões visitadas. Sra. Graham tomou como base as informações de Southey sobre a formação histórico-geográfica do Brasil e as deixou registradas na *Introdução* de seu diário, objetivando informar aos leitores um conhecimento pleno sobre o país que ela escolheu para visitar.

“Para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que foi testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esboço da História do Brasil ao meu diário de viagem. A primeira parte da

⁵⁷ MOREIRA LEITE, Mirian L. *Livros de Viagem (1803 -1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. pp. 36 - 37.

história foi quase toda extraída de Southey, embora me tivesse sido fácil basear-me em autores portugueses, já que li quase todas as fontes impressas citadas pelos cronistas, além de outras que ele não menciona. O senhor Southey, porém, foi tão fiel e criterioso no uso que fez desses autores, que seria absurdo, se não impertinente, desprezar-lhe a orientação”.⁵⁸

Luciana Martins informa que o interesse e esforço da viajante para deixar registrado, através dos desenhos, as paisagens e impressões que tinha das pessoas e dos costumes das regiões por onde passava surgiu quando recebeu um pedido de um inglês que era diretor de uma revista importante na Inglaterra e que vivia no Brasil mandando informações sobre o país para serem publicadas em tal revista. O inglês era *William Hooker*, diretor de *Kew Gardens*. Diante do convite, a viajante se pronunciou: “*Em geral, eu não desenho plantas, mas posso fazê-lo - como qualquer forma peculiar de semente. Basta apenas dizer-me como poderia ser útil e eu tentarei sê-lo*”.⁵⁹

As narrativas de viagem de Maria Granham foram publicadas na Inglaterra, em 1824, com o título de “*Jornal of a voyage to Brazil and residence there during the years 1821, 1822, 1823*”. No Brasil, Oliveira Lima escreveu um artigo para Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano (1906) com o título de “*Mrs. Graham e a Confederação do Equador*”, este artigo foi também publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 27 de novembro do mesmo ano. A primeira tradução completa do diário em português apareceu em 1946, traduzido por Américo Jacobina Lacombe e publicado pela Editora Nacional. Tivemos acesso para as nossas análises de uma republicação portuguesa de 1990 da editora Itatiaia.

Depois dessa análise mais geral sobre a vida, motivos de sua vinda e os percursos que permearam a obra da viajante estrangeira Maria Graham, passaremos, nesse momento, para a análise de seus relatos de viagem contidos em seu *Diário de uma viagem ao Brasil*. Esclarecemos que a perspectiva desta análise é discutir como a viajante construiu a si mesma, como narradora, a partir do contato que era estabelecido com os moradores das províncias. Analisaremos, na narrativa do contato, as experiências culturais

⁵⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Nacional, 1956. p. 23.

⁵⁹ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes - O olhar britânico (1800 - 1850)*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001. p. 172.

conflitantes da viajante e sua visão de inglesa com relação às culturas locais. Destacamos, ainda, que a análise centrará nos relatos da primeira viagem de Maria Graham, quando ela vem ao Brasil pela primeira vez em 1821, pois, neste momento, passou mais tempo nas capitanias do Norte, principalmente Pernambuco e Bahia.

O primeiro elemento de sua narrativa que nos chama a atenção foi o motivo da viagem de Maria Graham, que estava imbuído dos propósitos da própria Inglaterra: conhecer e analisar a participação econômica dos ingleses no mercado brasileiro. Mas diante das revoltas liberais que viviam as capitanias do Brasil em 1821, essas metas ampliaram-se em atos intencionais de auxiliar os comerciantes ingleses que viviam no país e, caso fosse necessário levá-los juntamente com suas famílias de volta para a Inglaterra. A viajante manteve um protocolo de visitas intensas aos ingleses durante o primeiro ano que passou no Brasil, preocupada com a situação dos ingleses diante das definições políticas que vinha passando o país, com as sucessivas campanhas pela independência. Durante essas revoltas liberais que ocorriam em todo o Brasil, o ódio dos moradores nascidos no Brasil (os brasileiros) pelos estrangeiros, principalmente pelos portugueses vinha crescendo.

*“Cerca de três horas um grande barco, com dois oficiais patriotas, aproximou-se, para certificar-se de que éramos realmente ingleses, e se tínhamos vindo, como se dizia, para ajudar os realistas, ou se ajudaríamos a eles. Os homens, debaixo da influência de fortes sentimentos, são tão capazes de duvidar da perfeita indiferença da parte dos outros, que eu duvido muito tenham eles crido na estrita neutralidade que professamos. Deixaram-nos, contudo, sem revelar nenhuma ansiedade especial e tomaram um caminho curvilíneo para voltar, a fim de evitar o cruzeiro de Recife, que vigiava os barcos vagabundos ou os navios, de qualquer natureza, pertencentes aos patriotas”.*⁶⁰

Outro elemento que nos chama a atenção na narrativa da viajante Graham foi o protocolo de viagem que era seguido pelo capitão da fragata: a entrega de cartas às autoridades locais e a seus compatriotas. A viajante, diferente dos demais viajantes estrangeiros analisados acima, não pôde entregar cartas de recomendações em seu próprio nome, as cartas que ela compartilhou foram as oficiais, entreguem em nome da fragata as autoridades locais. Essas cartas permitiam a participação da viajante em espaços oficiais,

⁶⁰ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 128.

convivendo nos salões dos palácios dos governadores (e mesmo do imperador D. Pedro I) e visitando os acampamentos dos revoltosos.

*“O Sr. Dance, que foi enviado a terra com cartas oficiais para o governador e para o cônsul inglês em exercício, encontrou a cidade em estado de sítio, e trouxe com ele o coronel Patrone ajudante de ordens do governador, que nos fez o seguinte relato do estado atual de Pernambuco. Além da disposição para a revolução, que estávamos prevenidos existir há muito em toda parte no Brasil, havia também rivalidade entre portugueses e brasileiros, situação que os últimos acontecimentos haviam agravado em não pequeno grau”.*⁶¹

O protocolo de viagem não consistia apenas na entrega de cartas oficiais assinadas pelo capitão da fragata estendia-se, também, às visitas protocolares aos familiares das autoridades locais, bem como aos ingleses que residiam na região. A viajante Graham era incumbida destas visitas aos familiares das autoridades, por ser a esposa do capitão e a única mulher a fazer parte da tripulação. Sra. Graham visitou diversas famílias inglesas nas regiões por onde passou, estabelecendo assim, experiências de contato. Através dessas experiências de contato, a viajante manteve relações de amizades, passando a fazer parte da rede de solidariedade entre estrangeiros. A viajante ao ser inserida na rede de solidariedade manteve-se sempre em uma atmosfera cultural próxima ao visitar e compartilhar a companhia dos ingleses.

A estratégia utilizada pela viajante de manter contato com as autoridades locais, facilitava a sua entrada nos espaços oficiais e reservados para os homens. O protocolo estendia-se aos parentes destes e, era no contato, principalmente com as mulheres que Sra. Graham conheceu seus ambientes reservados (as casas) e participou de jantares como o jantar na casa do governador Luís do Rego, onde conheceu a família do governador. A senhora Luís do Rego passou a fazer parte da rede de amizade da viajante no Brasil. Sra. Graham considerou a esposa do governador muito agradável, principalmente, por poder estabelecer conversas com ela, a qual falava muito bem o inglês, mesmo não sendo inglesa.

“Achei madame do Rego uma senhora agradável, bem bonita, e falando inglês como uma nativa, o que ela explicou, informando-me que sua mãe, a viscondessa do Rio Seco, era irlandesa. Nada poderia exceder a gentileza e a amenidade das suas maneiras, e as das duas filhas do general Rego, cujo ar e cujos modos são os das senhoras bem educadas. Uma delas é muito bonita. Depois de

⁶¹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 126.

conversamos por algum tempo, serviram-se refrescos e, logo depois, apareceu o próprio governador, com bela aparência militar”.⁶²

A amizade entre Maria Graham e a senhora Luís do Rego estendeu-se durante todo o tempo que a viajante esteve em Recife. A senhora Luís do Rego chegou a visitar a viajante Graham em seu navio, pois a vida da Sra. Inglesa, longe de seu país e viajando em uma fragata oficial, era motivo de curiosidade para a portuguesa e para as mulheres inglesas que viviam em Recife. Havia, de fato, uma cumplicidade de sexos entre elas, por serem mulher e estrangeiras em um país distante. Cumplicidade que a viajante também encontrou em outras mulheres inglesas que conheceu na capitania da Bahia.

“Recebi a bordo a visita de Madame do Rego, uma das suas filhas, Miss Stewart e vários cavalheiros. A maior parte dos convidados ficou enjoada com o jogo do navio. (...) Despeço-me de meus amigos no palácio. Madame do Rego deu-me várias amostras de ametistas e a pedra chamada minha nova, além de um belo exemplar de minério de ouro da província. Disse-me que Luís do Rego havia remetido para o reino muitos e belos minerais da capitania, bem como alguns fósseis.”.⁶³

A viajante Graham manteve seu olhar voltado para os acontecimentos políticos que viviam o Brasil em 1821, preocupada com a situação dos comerciantes ingleses. A neutralidade pregoada pela viajante foi a primeira estratégia usada para entrar e permanecer na região de Recife. Momentos políticos decisivos passavam a capitania de Pernambuco, tornando-se essa capitania a pontuar as narrativas da viajante, mesmo quando estava longe geograficamente dela. Quando esteve na capitania do Rio de Janeiro em 1823, retornando do Chile, Sra. Graham procurava obter informações, através dos capitães dos navios que desembarcavam no porto, sobre como se encontrava a situação política de Pernambuco. Por deter, a viajante Graham, o seu olhar nesta capitania, bem mais do que nas outras, centramos um item para analisar como a Sra. Graham filtrou os acontecimentos que observou durante os meses que passou em Recife, bem como, as suas observações sociológicas sobre os moradores visitados.

⁶² GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 132.

⁶³ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 151 e 162.

❖ *IMPRESSÕES DE UMA SENHORA INGLESA NA CAPITANIA
DE PERNAMBUCO*

“Pernambuco não é uma cidade murada, mas está cercada de rios largos e rápidos e vastos estuários. Só é acessível pelas estradas e aterrados; as trincheiras erguidas para a defesa atual são de molde a poder deter a cavalaria brasileira por alguns minutos, ou permitir abrigo para a mosquetaria, mas a melhor defesa é o pântano na boca do Capibaribe”.

Maria Graham.

Analisaremos neste item as experiências conflitantes de contato vividas pela viajante Maria Graham com os moradores da capitania de Pernambuco e como a viajante observou, inquiriu, comparou, reprovou e registrou a cultura e organização sócio-político-econômica dessa capitania. Destacaremos ainda, como a viajante observou o mundo escravista, através do seu olhar imperialista, revelando a construção ideológica do colonizador.

A viajante partiu da Inglaterra no dia 31 de julho de 1821, chegando no dia 21 de setembro do mesmo ano, ao porto de Recife e permanecendo nessa região por quase um mês. A viajante encontrou Recife em momentos de agitações, com a Revolta Liberal que ocorria na capitania. A região de Goiana tinha sido tomada pelos patriotas que desejavam a destituição do governador Luís do Rego. Naquele ano, as agitações liberais ocorriam em quase todas as capitanias do Brasil, tanto do Norte quanto do Sul. A colônia passava momentos políticos decisivos, na primeira metade do século XIX: as pressões de Portugal para a volta do Imperador D. João VI, as revoltas provinciais em busca da Independência do país e os conflitos entre brasileiros e portugueses que se tornavam mais acirrados.

Foi nesse contexto de revoltas liberais, porque passava Pernambuco, que a viajante Graham veio visitá-la. Sra. Graham registrou que já sabia que o Brasil passava por agitações políticas. Pressupomos que as notícias do país chegavam na Europa através dos cônsules estrangeiros que exerciam suas funções do Brasil, ou por meio das relações comerciais que eram exercidas entre estrangeiros e portugueses no Brasil, ou, ainda, através de portugueses

e brasileiros que saíam do país para irem estudar na Europa. O próprio Southey em sua *História do Brasil* registrou sobre os acontecimentos de 1817 (Revolta de 1817) em Pernambuco - revolta que ainda mantinha-se viva em 1821 em Recife, onde estavam presentes vários dos participantes e as idéias liberais reivindicadas naquele ano: “*Tudo isso sabia eu antes de desembarcar e pensava estar bem preparada para ver Pernambuco. Mas não há preparação que evite o encantamento de que se é tomado ao entrar neste porto extraordinário*”.⁶⁴

O momento da chegada ou cenas de chegada - que Mary Pratt chama de zona de contato - são momentos interessantes para a análise das primeiras relações de contato. No momento da chegada o encanto, a ansiedade e as imagens idealizadas circulavam as mentes dos viajantes estrangeiros e, era do porto que os viajantes tinham suas primeiras impressões do país visitado. A viajante Graham descreveu sua chegada, no porto de Recife, confirmando o que tinha lido (principalmente da *História do Brasil* de Southey) nos livros sobre o Brasil. Há um certo encantamento no olhar da viajante ao ver a cidade de Recife, mas depois a preocupação toma conta de sua mente, pois os tiros anunciando a sua chegada não foram confirmados.

“Final estamos à vista da costa do Brasil, que é aqui verde e baixa, cerca de dois graus ao norte do porto primeiramente descoberto por Vincente Pinzón em 1500. O tempo está muito ventoso, e o mar muito grosso. (...) Apesar de termos dados mais de um tiro de canhão, pedindo um piloto, não parece que venha nenhum”.⁶⁵

Segundo Odila Silva Dias, a vinda da Corte portuguesa para o Brasil e o objetivo de fundar um novo império nos trópicos já significara por si uma quebra interna nos setores políticos do velho reino, aonde os conflitos que vieram das cisões e do partidarismo interno do reino desde a Revolução Francesa estavam se acentuando com as divergências entre portugueses do reino e da nova Corte e, que com o tempo a dissidência doméstica tenderia a intensificar-se. Para a autora, o importante é integrar essa discussão no jogo de fatores e pressões da época colonial do Brasil, tentando não confundi-la com uma luta dos nativos da colônia contra a metrópole portuguesa.

“A história da emancipação política do Brasil tem a ver com a separação política da Mãe Pátria, com os conflitos internos e

⁶⁴ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 129.

⁶⁵ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 125.

*domésticos do reino, associado à luta civil que se trava então entre as novas tendências liberais e a resistência de uma estrutura arcaica e feudal contra inovações que a nova Corte do Rio tentaria impor ao reino”.*⁶⁶

A viajante mesmo tendo sido informada que não seria prudente desembarcar devido as possíveis manifestações de revoltosos e de possíveis confrontos, cedeu as suas curiosidades e, com a permissão do seu marido, foi conhecer o que tanto a “fascinou” de nunca ter visto uma cidade em estado de sítio: “O coronel Patrone chegou esta manhã cedo, prevenindo que a cidade estava em estado de sitio, recomendando que ficássemos a bordo. Mas nunca tinha visto uma cidade em estado de sitio e por isso revolvi desembarcar”.⁶⁷

O porto era a porta de entrada de estrangeiros, idéias liberais e forças auxiliares. A preocupação com os portos aumentava sempre que uma região vivia momentos de revoluções, como era o caso de Pernambuco. As autoridades de Recife vigiavam e dificultavam a entrada e permanência de navios. Os revoltosos também vigiavam o porto, tentando impedir a entrada de forças auxiliares da Corôa, criando diversas barreiras para dificultar a permanência de navios estrangeiros, como a proibição do desembarque dos tripulantes antes da revista, e a proibição da entrega de alimentos, água e outros itens necessários. Neste momento, Sra. Graham percebia que estava diante de grandes dificuldades para conhecer a região, pois todo esse contexto de desconfiança e distanciamento dos moradores com os estrangeiros, não permitiram que a viajante adentrasse nos espaços desejados para reafirmar as suas concepções sobre a administração e o caráter dos moradores luso-brasileiros.

Era a primeira vez que a viajante visitava o Brasil, mas ela sabia que a descrição que fazia do país, naquele momento, seria de um Brasil diferente da forma habitual, devido às agitações políticas porque passava. A viajante preocupa-se com as limitações que teria para suas observações, as quais tentou vencê-las mantendo estratégia de amizade com o representante da Corôa portuguesa, o governador Luís do Rego. Sra. Graham registrou que em cada esquina havia um soldado armado e preparado para o combate com os

⁶⁶ DIAS, Odila Silva. *A Interiorização da Metrópole (1808 - 1853)*. In: *1822 Dimensões*. São Paulo: editora Perspectiva, 1986. pp. 160 - 184.

⁶⁷ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 128.

revoltosos, as ruas e locais importantes da cidade eram vigiados por essas forças monarquistas, a mando do governador Luís do Rego. Os revoltosos sitiavam os limites da cidade, proibindo a entrada e saída de pessoas da região. Essa vigilância constante e a presença de homens armados limitaram, diversas vezes, às visitas da viajante e as suas pretensões de conhecer os arredores de Recife. A viajante registrou que, ao caminhar por Recife, era interrogada inúmeras vezes por guardas armados sob quem era e o que estava fazendo na região: “No fim de cada rua encontramos um canhão leve, e nas cabeceiras das pontes, dois, com morrões acesos. Em cada posto éramos interpelado pela guarda”.⁶⁸

E foi nesse contexto complicado que vivia os moradores de Pernambuco que Sra. Graham teve a oportunidade de ver um grupo de sertanejos que tinha vindo trazer profissões para abastecer Recife e estavam voltando para o sertão. Sra. Graham os viu quando estava voltando de Boa Vista para o porto de Recife, tinha ido visitar a família do inglês Stewart. Ao descrever esse grupo de sertanejos, tomou como base às informações de Southey sobre as categorias sociais existentes no Brasil. Reafirmando e acrescentando aos imaginários europeus as características dos sertanejos. Mas algo modificou a cena observada pela viajante, havia uma mulher do grupo vestida à moda francesa. Os olhos imperiais da viajante reprovaram a infiltração das culturais estrangeiras entre os moradores do Brasil. A viajante considerou que a mulher vestida distorcia a típica imagem já descrita dos sertanejos, seus modos culturais de vestir. Portanto, ao caracterizar o grupo de sertanejos, a viajante construía uma alteridade colonial, através da confirmação dos estereótipos criados pelo colonizador.

Os sertanejos forma sempre alvo dos olhares atentos (nada inocentes) dos viajantes estrangeiros, assim como os índios e os negros. Os viajantes registraram que os sertanejos eram a população mais isolada que havia no Brasil, justificando, portanto, o que eles (os viajantes) consideravam de “incivilização dos costumes” desse povo. Segundo José Carlos Barreiro, os viajantes estrangeiros afirmaram que seria preciso libertar os sertanejos do aprisionamento das florestas, dos atoleiros, do mau dos velhos caminhos

⁶⁸ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 133.

coloniais, construindo estradas de ferros, ferrovias e desenvolvendo a navegação a vapor. “Só assim poderia ser superada o isolamento dos sertanejos e vencidas a sua aversão a potência disciplinadora do tempo útil e às regras e normais da sociedade capitalista”.⁶⁹

*“Hoje, ao virmos da Boa Vista, encontramos uma família de sertanejos. Os sertanejos constituem uma casta de homens rudes e ativos, na maior parte, agricultores. A família que encontramos formava um grupo, muito pitoresco: homens vestidos de couro dos pés à cabeça. a jaqueta leve e as calças são tão apertadas, o pequeno chapéu redondo tem a forma do petaso de Mercúrio. O tom geral do conjunto era um belo castanho queimado. Fiquei aborrecida porque a mulher do grupo vestia uma roupa evidentemente à moda francês. Estragava a unidade do grupo”.*⁷⁰

A viajante usa de estratégia para conseguir caminhar pela cidade de Recife, passando pelos postos de defesas sem ser detida: repetindo que era amiga “ingresa”. Sendo esse o seu passaporte dentro dos limites da cidade.⁷¹

A viajante aos poucos foi se inserindo nos espaços masculinos. Diante de certos incidentes Sra. Graham - com a permissão do seu marido - acompanhava os oficiais do navio para resolver os entraves. Um desses problemas foi à proibição da entrega das roupas da tripulação que tinham sido levadas para a cidade para serem lavadas. Diante da proibição Sra. Graham acompanhou alguns oficiais do navio em uma visita oficial aos revoltos que estavam acampados em Beberibe. Sra. Graham consciente das limitações do universo feminino, sabendo que não eram permitido as mulheres participarem de reuniões desta natureza, ao chegar no acampamento ficou no pátio, mas por ser uma mulher estrangeira, foi convidada a entrar. A viajante registrou que perdeu a maior parte da conversa dos patriotas com os homens de sua tripulação por não conhecer a língua do país, não podendo, assim, registrar os diálogos travados entre eles. Mas através de gestos e de algumas poucas palavras que compreendia entendeu que o principal propósito dos patriotas era saber se os ingleses apoiariam as causas deles e se a Inglaterra reconheceria a desejada independência do Brasil, ou se ela tomaria participação na luta dos portugueses.

⁶⁹ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 222.

⁷⁰ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p.135.

⁷¹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 136.

*"Sabendo que os patriotas se recusavam a permitir que a roupa pertencente ao navio, enviada a terra para lavar, voltasse à cidade, decidiu-se que nos dirigíssemos ao comando deles, para queixarmos dessa maneira muito inconveniente de prejudicar o porto. Consegui partir em companhia dos comissários e, por isso, desembarcamos todos logo depois do almoço. Nosso primeiro trabalho foi obter passaportes e informarmo-nos das senhas. em seguida o capitão Graham e o coronel Cottar, principal ajudante de ordens do governador, dirigiram-se conosco ao posto avançado. (...) Nosso grupo consistia no Sr. Caumont, que fazia de interprete, o Sr. Dance, que levava a carta, e eu. Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de passar as linhas. Sentimo-nos como meninos de colégios em gazetas e estávamos na melhor disposição".*⁷²

A situação de Pernambuco era delicada, os revoltosos desejavam, a qualquer custo, a destituição de Luís do Rego do governo capitania. Já haviam tomado a vila de Goiana e pretendiam atacar Recife. O governador Luís do Rego lutava para se manter em seu posto e defender os interesses da Corôa Lusitana. O clima de desconfiança na região tendia a crescer, principalmente em relação aos estrangeiros, tendo em vista que estes, em determinado momento, teriam que assumir seu apoio a um dos lados, saindo da tão afirmada "neutralidade". Sabendo disso, tanto o governador quanto os revoltosos usavam de estratégias para conseguir a confiança dos estrangeiros e receber o seu apoio. O governador convidava os estrangeiros para jantar em sua casa e, em conversas descontraídas, expunha suas idéias de fidelidade a Corôa portuguesa. Os patriotas, em contrapartida, convidavam os estrangeiros (um convida sem recusa com homens armados), para conhecê-los, em seus esconderijos, expondo, também, as suas idéias de fidelidade ao Brasil e ao fim do controle dos colonizadores portugueses.

A capitania de Pernambuco apresentava-se, antes mesmo de 1821, como um verdadeiro centro de gravitações políticas, tornando essa nova Lusitânia o palco de todas as agitações que se passava nas capitanias do Norte. Alguns historiadores partem do pressuposto que a capitania de Pernambuco diferenciava das demais devido a fatores econômicos, a economia da monocultura da cana-de-açúcar. É o caso de Cabral de Mello, o qual afirma que para entender a participação sempre ativa de Pernambuco nas campanhas pela Independência do país, o pesquisador deve seguir o percurso da economia que se desenvolvia na monocultura da cana-de-açúcar. Segundo

⁷² GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 144.

ele a monocultura da cana teve assim de adapta-se a diferentes condições geográficas e climáticas.

*“Enquanto na mata norte os canaviais ficavam restritos às várzeas quaternárias recortadas pelos tabuleiros, às várzeas fluviais e às encostas suaves, fugindo das chãs e dos tabuleiros interflúvios, na mata sul eles puderam avançar por várzeas e encostas, poupando apenas os cimos das colinas, onde se refugiaram os restos da Mata Atlântica. Esta diferenciação física e humana, já marcante no período holandês, não deve ser perdida de vista por quem deseje compreender o processo da Independência em Pernambuco. O apoio rural aos movimentos insurrecionais do Recife procedeu invariavelmente da mata norte, ao passo que a reação partiu geralmente da mata sul”.*⁷³

A viajante cedendo as estratégias do governador de conseguir a confiança dos estrangeiros participou de uma jantar em sua casa. O governador Luís do Rego buscava o apoio dos ingleses para sua causa, na verdade, na causa da Coroa que ele representava. Com esse objetivo ele convidou para o jantar em sua casa os comerciantes locais e os estrangeiros que se encontravam na cidade. Segundo Sra. Graham, os comerciantes locais compareceram em massa, pois eles acreditavam que o governador Luís do Rego era o lado mais forte dessa revolta, por falar em nome da Coroa portuguesa e esperar auxílios do próprio príncipe regente. A viajante Graham registrou que a atmosfera, durante o jantar, foi bastante agradável, a esposa do governador, se preocupou em servir pratos típicos para os ingleses e franceses que foram convidados. Era o memento da auto-representação, onde os anfitriões comprometidos com os padrões culturais do convidados, oferecem um ambiente próximo, servido comidas conhecidas nos seus países.

“Hoje diversos oficiais e guardas-marinha da Doris acompanharam-nos a jantar em casa do governador as quatro e meia da tarde. A nossa recepção foi a mais cordial. Sua Excelência ocupou uma das cabeceiras da mesa, um ajudante de ordens à outra. Eu fiquei sentada entre o Sr. e a Sra. Luis do Rego. Ele parecia contente por falar de seus velhos amigos ingleses da guerra da península, com muitos dos quais eu me dava. A Sra. tinha muita coisa que perguntar sobre a Inglaterra, onde ela estava ansiosa por ir. Pediram desculpas por oferecer tão poucos pratos, mas as belas baixelas estavam encaixotadas num armazém inglês juntamente com as jóias e outras cousas preciosas de sua Excelência. A cozinha era um misto de comida francesa e portuguesa. Após a sopa, passou à roda

⁷³ MELLO, Evaldo Cabral. A Outra Independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 57.

uma travessa de carne magra cozida, fatias de carne de porco gorda e salgada e lingüiças. Com este prato, arroz feito em azeite e verduras frescas. Serviu-se “roast beef”, em atenção aos ingleses”.⁷⁴

Antes de partir de Recife, a viajante Graham ficou sabendo seus oficiais do navio que o governador tinha pedido ajuda as regiões próximas, vindo homens da Bahia e Paraíba. A junta, vinda da Paraíba, tinha outro objetivo além da luta armada, a de mediar um acordo entre o governador e os representantes dos Patriotas. Esse acordo ocorreu no dia 8 de outubro, onde ficou decidido que as tropas dos patriotas deixariam Recife, permitindo que o governador Luís do Rego continuasse a frente do governo. Mas eles tiveram a garantia do governador que teriam representantes no conselho e participariam da administração de Pernambuco. Foi, na verdade, um acordo provisório que ficou a até os despachos vindo de Lisboa. A viajante Graham ficou satisfeita com essa trégua entre o governador e os revoltosos, pois, assim, ela pode, nos seus últimos dias na cidade, conhecer os arredores da cidade, a zona rural: *“Soubemos hoje, ao ancorar, que havia chegado a um acordo com os patriotas, que eles terão representantes no conselho e parte igual na administração. Em compensação terão de retirar as tropas invasoras, até os despachos de Lisboa”.*⁷⁵

A viajante e os guardas-marinhas sentiam-se como verdadeiros aventureiros em terras distantes e exóticas. Movidos por uma curiosidade constante de ver e saber mais sobre o outro. As visitas nas praias próximas onde o navio ficava ancorado eram sempre motivos de contentamento, assim como a *“vida selvagem”* dos moradores das regiões. O ato de deixar a formalidade dos vestuários e padrões para viver como homens *pré-históricos* livres em um país de clima tropical fascinava os jovens guardas-marinha e a própria viajante. E essa emoção tornava-se maior para uma mulher e uma bando de jovens sonhadores, que viajavam pela primeira vez para tão distante de seu país: *“Enquanto tentávamos esquecer nossa fome examinando a ilha, bebendo leite de coco e imaginando uma porção de coisas banais, mas novidades para olhos jovens e não viajados, como era o bando”.*⁷⁶

⁷⁴ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 142 - 143.

⁷⁵ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 154 - 155.

⁷⁶ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p.155.

Com a retirada dos homens armados pelas ruas, a viajante, em seus últimos dias em Recife, pode sentir os ares habituais da cidade com as agitações do comércio, as inúmeras pessoas pelas ruas comprando e vendendo e negros comercializando e servindo de mercadoria de venda. A viajante aproveitou a oportunidade do fim do estado de sítio para registrar suas concepções sociológicas sobre a presença dos negros nas ruas e para definir o caráter dos moradores.

A primeira observação que fez a viajante Graham, quando observava o comércio de Recife, foi sobre os mulatos: a viajante registrou que os mulatos tinham qualidades que os diferenciavam dos negros e que, com essas qualidades, conseguiam ter fortunas. Para a viajante, com a definição do quadro político, decorrente das campanhas pela independência, esses mulatos seriam valorizados pela sociedade. A quantidade de mulatos no Brasil era considerável, principalmente na primeira metade do século XIX. Os mulatos eram filhos não reconhecidos de escravas com senhores brancos. Na concepção que a viajante deixou subentendida, a mistura da cor dos negros com os brancos, além de clarear a pele, lhes davam qualidades superiores, como agilidade, ambição e inteligência, qualidades que faltavam nos negros.

*“Fomos a terra cedo pela primeira desde o armistício. (...) Fiquei impressionada com a grande preponderância da população negra, pelo último censo a população de Pernambuco, incluindo Olinda, chegava a setenta mil, dos quais não mais de um terço era de brancos, os demais são negros ou mulatos. Os mulatos, em geral, são mais ativos, mais industriais e mais espertos que qualquer das outras classes. Acumulam grandes fortunas em muitos casos, e estão longe de ficar para trás na campanha pela independência”.*⁷⁷

O olhar da viajante estava sempre cotejando o que via com os seus padrões culturais. Sra. Graham avaliava assim, a cultura e o comportamento dos seus patrícios quando comparava e reprovava a cultura e o comportamento dos luso-brasileiros. *“Fui procurar uma família portuguesa, e como fosse a primeira casa portuguesa em que ia entrar, estava curiosa em verificar a diferença entre ela e as casas inglesas daqui”.*⁷⁸

O olhar sociológico da viajante invadiu o cenário escravista de Pernambuco. A viajante Graham registrou fragmentos do que viu em Recife,

⁷⁷ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 157.

⁷⁸ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p.158.

generalizando para todas as capitanias do Brasil. Eram com fragmentos de cenas e fatos observados em determinadas regiões que os viajantes estrangeiros registravam reflexões sobre o país que visitavam, criando aproximações e distanciamentos, igualdade e desigualdade de suas próprias culturas e de seu grupo leitor. A viajante, ao observar os negros em Recife, estava cotejando com os trabalhadores livres da Inglaterra. Todavia esses trabalhadores livres ingleses não viviam em condições tão favoráveis, tendo em vista o fato de a Revolução Industrial (século XVIII - XIX) ter criado uma classe de trabalhadores explorados, vivendo em condições marginais.

A viajante Graham mostrou-se extremamente “*espantada*” ao observar pela primeira vez um mercado de escravos, cena ocorrida quando sra. Graham saiu para visitar a esposa do governador. A viajante Graham informou que, quando estava na Inglaterra, pensava sobre a escravidão, ainda persistente na América do Sul, sentindo “*sentimentos penosos e fortes*”, mas que nada se comparava com a realidade que observou. Ao refletir sobre a escravidão do Brasil, a viajante estava reavaliando a realidade social do seu país, a servidão pela qual passava a massa de trabalhadores na Inglaterra, não a escravidão nos moldes do Brasil, mas em “*novos moldes*”, recriação da Europa. O olhar da viajante estava penetrando o universo escravista da colônia e como não tinha elementos para avaliar um país escravista colonial a referência mais próxima estava no contexto econômico da Inglaterra, nos trabalhadores livres.

*“Não tinha dado cinquenta passos no Recife quanto ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tantos os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quanto em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos (...) O espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução “não ruidosa, mas profunda” de que tudo o que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravidão seria considerado pouco”.*⁷⁹

Um outro momento que a viajante observou a escravidão em Recife, foi quando estava na casa de uma senhora inglesa, a esposa do comerciante Stewart. Sra. Graham viu pela janela da casa uma mulher branca surrando uma negra. Neste momento de indignação, a viajante comportou-se como uma observadora participante, agindo e interagindo com o seu objeto, modificando a

⁷⁹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p.134.

cena observada. O observador participante era aquele tipo de observador que não só observava as cenas a certa distância, mas interagia com a paisagem e com seus componentes e, conseqüentemente, interferia nas cenas, modificando as situações. A viajante mandou que os homens que lhe acompanhavam fizessem a mulher branca parar de surrar a negra. Era o olhar piedoso da mulher inglesa, modificando a cena que se passava, indignada com o que via.

*“Esta manhã, antes do café, olhando pela janela da casa do Sr. Stewart, vi uma mulher branca, ou antes, um demônio, surrando uma pobre negra e torcendo seus braços cruelmente enquanto a pobre criatura gritava angustiadamente, até que nossos homens interferiram. Bom Deus! Como pode existir este trafico e estes hábitos de escravidão!”*⁸⁰

O mundo escravista apresentado a viajante - o qual ela não tinha referência em suas experiências culturais - surgia como características da inferioridade dos moradores do Brasil, que não rejeitavam tais práticas impiedosas de utilização de mão-de-obra escrava. Os olhos imperiais da viajante voltavam sempre as experiências ideológicas e culturais do seu país para avaliar, comparar e reprovar as cenas que via. Mostrando aos leitores ingleses um lado desumano da escravidão no Brasil que não poupava nem as crianças, as quais eram separadas de suas mães e vendidas ainda criança aos senhores.

*“Perto da casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Em um vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso estas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem suficientemente. Agora, o dinheiro está tão escasso que não se encontra com facilidade um comprador”*⁸¹

A viajante Graham observou os negros, através das lentes ideológicas e culturais do seu grupo, através de suas concepções. Concepções adquiridas das experiências que tinha em companhia do seu marido e das viagens que, ao lado dele, realizava. Eram visões de uma mulher de almirante, que não conseguia ver a escravidão com os olhos dos escravos, por isso, não buscava compreendê-los em sua cultura e revivendo os filtros estes usavam para

⁸⁰ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 136 -137.

⁸¹ *Idem.* pp. 136 - 137.

modificar, suportar e resistir às situações impostas pelos seus senhores. Graham registrou que os negros aguardavam as mudanças, que sofreria o país com as revoltas liberais, que tinham como objetivo a independência do país de Portugal, para se organizarem em revoltas. Ela acreditava que, pelo fato dos negros terem acesso a armas de fogo, principalmente em períodos como esses, onde eram requisitados para compor as forças de resistência, logo aprenderiam o poder que o uso dessas armas lhes daria. A viajante não compreendia que os negros tinham os seus próprios meios culturais de resistência e seu próprio tempo de agir.

*“Estão convencidos das prodigiosas dificuldades, senão malefícios que fizeram a si próprios com a importação de africanos. Sem dúvida, encaram, agora, com pavor a hipótese a revolução, que libertará os escravos da sua autoridade e, declarando-os iguais aos outros, autorizá-los-á a tomarem como agravos os insultos que suportaram pacientemente e por tanto tempo”.*⁸²

Os viajantes estrangeiros, em sua maioria, reservaram partes de seus relatos para as observações sobre os negros que viam circulando pelas ruas das capitanias do Brasil. Na primeira metade do século XIX, o número de negros era tão grande na zona urbana quanto na zona rural. Eles eram utilizados nos trabalhos das fazendas, dos engenhos, em pequenas lavouras, nos serviços de venda e compra pelas ruas e nas atividades domésticas das casas dos senhores.

Em Pernambuco e na Bahia, os viajantes estrangeiros que as visitavam, na primeira metade do século XIX, ficavam espantados com o número de negros perambulando pelas ruas, vendendo doces para os seus senhores, ocupados com compras e limpeza das casas. Alguns viajantes estrangeiros chegavam a comparar essas capitanias com a própria África, considerando que o Brasil estava se tornando a África brasileira. O viajante Saint-Hilaire, que veio ao Brasil em 1820, destacou que os negros marcavam profundamente os costumes, o imaginário, a cultura e a miscigenação das sociedades do Brasil, influenciando a construção da identidade nacional e a formação do povo brasileiro.⁸³

⁸² GRAHAM, M, *Op. Cit.*, p. 157.

⁸³ REIS, João José. *Nos achamos em campo a tratar a liberdade*. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem Incompleta*. São Paulo: Senac, 2000. p. 262.

Alan K. Manchester afirma que a escravidão estava profundamente enraizada no Brasil, muito mais do que na América espanhola. Os indígenas, escapando, desaparecendo ou morrendo, não forneceram a mão-de-obra necessária, como fizeram nas possessões espanholas, enquanto até os próprios jesuítas favoreceram o tráfico escravo africano, num esforço para salvar os índios das mãos do mameluco português. O autor afirma ainda que, por volta de 1807, o trabalho escravo no Brasil tinha se tornado um “*deus econômico, com o comércio escravo como seu poderoso direito*”. A viajante Maria Graham era fruto de todas essas preocupações inglesas.

*“Tentar suprimir o tráfico, que era um adjunto essencial à própria escravidão, simplesmente aprovando estatutos e assinando tratados, era uma atividade vã. Na Inglaterra, uma longa e intensa educação da opinião pública precedera a abolição final do tráfico. O Ministério do Exterior britânico tentou impor a mesma medida, de conscientização, a um país que acreditava fervorosamente na necessidade do trabalho escravo e contava com o tráfico africano para o necessário suprimento de novos negros”.*⁸⁴

Analisamos, num primeiro momento, essas preocupações da viajante com os escravos no Brasil, de “*sensibilidade*” e “*sentimentalismo*”. No entanto, depois de uma análise mais detalhada, perceberemos que a “*sensibilidade*” e o “*sentimentalismo*” da viajante Graham eram estratégias diante de seu papel de narradora, de escritora inglesa e das concepções políticas e ideológicas do seu país.⁸⁵

A viajante analisava a escravidão, para mostrar aos leitores ingleses as inviabilidades do uso dessa força de trabalho e dos prejuízos que estava sendo para o Brasil a insistência em mantê-la. Segundo Sra. Graham, os negros modificavam a aparência social das regiões, onde eles, os negros, em um futuro próximo, se revoltariam contra seus senhores. E que essa revolta dos escravos eclodiria, justamente, quando eles pegavam em armas para defender seus senhores e os ideais destes, os quais não eram os seus.

A viajante Graham mostrava aos leitores ingleses os sofrimentos que os

⁸⁴ MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil*. Tradução de Janaína Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973. pp. 145 - 150.

⁸⁵ O Brasil tentava resistir às pressões da Inglaterra para extinção do tráfico. Estendendo-se até 1880 a utilização da mão-de-obra escrava nas províncias, mesmo enfraquecido no cenário internacional e, com a diminuição de entrada de navios negreiros - as pressões e controles ingleses aumentavam a cada ano -, o preço do escravo internamente crescia, tornando-se cada vez mais oneroso à aquisição de negros.

negros passavam no Brasil, sendo jogados nas praias depois de mortos. E eram mortos por qualquer motivo, pois cabia ao senhor a escolha do castigo a ser aplicado pelas infrações cometidas pelos seus escravos, variando desde pequenas mutilações até a morte. Era a questão a “coificação” do escravo presente no Brasil oitocentista, onde os senhores tinham, em suas mãos, a vida dos escravos, podendo encerrá-la a qualquer momento.

*“O sol já ia baixo muito antes de termos alcançado sequer o primeiro dos dois fortes em nosso caminho de volta para a cidade. Os cães já haviam começado uma tarefa abominável. Eu vi um que arrastava o braço de um negro de sob algumas polegadas de areia, que o senhor havia feito atirar sobre os seus restos. É nesta praia que a medida dos insultos dispensados aos pobres negros atinge o máximo. Quando um negro morre, seus companheiros colocam-no numa tábua, carregam-no para a praia onde abaixo do nível da preamar eles espalham um pouco de areia sobre ele. Mas um negro novo até este sinal de humanidade se nega. É amarrado a um pau, carregado à noite e atirado a praia, de onde talvez a maré o possa levar. Estas coisas nos fizeram chegar em casa tristes e sem animo, não obstante as paisagens agradáveis entre as quais havíamos estado cavalgando”.*⁸⁶

Segundo Graham, nesses momentos de agitações os negros lembrariam de todo o sofrimento por que passavam, e se levantariam em violentas revoltas em todas as capitâneas. As preocupações da viajante Graham tinham como base suas próprias concepções de revoltas, concepções advindas da Inglaterra e sua posição de esposa de um oficial. Era com os olhos de inglesa e vivendo em um meio militar que a viajante cotejava os levantes de escravos que viriam a acontecer em um tempo próximo. No entanto, os negros já se organizavam em movimentos de resistência desde o século XVII, com os quilombos. O quilombo de maior destaque, no século XVII, foi o Quilombo de Palmares.

O Quilombo de Palmares, que ficava entre Pernambuco e Alagoas, era composto por aldeias de negros fugitivos, chegando a reunir cerca de 30 mil habitantes à época de sua destruição, que ocorreu em 1695. Mas, nesses períodos de agitações sociais, os negros e os índios eram sempre recrutados para reforçar as tropas imperialistas, para defender as regiões dos contrários a Coroa Portuguesa. Os negros recrutados eram sempre os mais fortes fisicamente e mais confiáveis aos olhos do senhor, ocupando uma posição de destaque e tratamento diferenciado dos demais negros da fazenda. Eles (os

⁸⁶ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 140.

negros) lutavam por uma causa que não era sua, mas passava a ser incorporada como parte de sua realidade no Brasil.

❖ *IMPRESSÕES DE UMA SENHORA INGLESA NA CAPITANIA DA BAHIA.*

“Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar. (...) Desembarcamos no Arsenal, onde não há nada de limpeza que se observa em nossa terra”.

Maria Graham.

Analisaremos neste item as experiências conflitantes de contato vividas pela viajante Maria Graham com os moradores da Bahia e como a viajante observou, comparou, reprovou e registrou a cultura e organização socio-político-econômica dessa capitania.

A fragata *Doris* partiu da província de Pernambuco no dia 14 de outubro, no domingo, com destino a capitania da Bahia. No dia 17, numa quarta-feira, a fragata chegou no porto de São Salvador. A tripulação foi recebida pelo cônsul britânico em exercício, o senhor Pennell. O cônsul convidou o capitão Graham e a sua esposa para passarem o dia em sua casa, em companhia de sua família. A esposa do cônsul, depois de conhecer o capitão e sua esposa, estendeu o convite ao restante da tripulação, que ficou também numa atmosfera próxima de suas concepções e de seus hábitos culturais, afastando, através dessa estratégia, o estranhamento do contato e perdendo o que as novas experiências poderiam lhes proporcionar.

*“Estas manhãs, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um do mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar. Desembarcamos no Arsenal, onde não há nada de limpeza que se observa em nossa terra. (...) Muito cedo mudamos nossa ancoragem para mais perto da costa. Então, a convite de Mr. Pennell, cônsul britânico, fomos a terra a fim de passar o dia com ele. Mr. Pennell fez amavelmente aos nossos rapazes um convite amplo para sua casa. Em consequência, hoje diversos deles ali jantaram e tivemos uma reunião à noite. Algumas senhoras tocaram quadrilhas, enquanto outras dançavam”.*⁸⁷

⁸⁷ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 164 - 165.

A viajante Graham, ao observar a Bahia do navio, ficou encantada com que os seus olhos viam, mas ao desembarcar suas impressões se modificaram. A viajante observou o abandono que essa capitania se encontrava, devido às sucessivas revoltas liberais que tinha passado e ainda, passava. O estar no porto causava um certo encantamento ao olhar dos viajantes e dava as suas narrativas um ar romântico, mas o contato mais próximo com as cidades desfazia essa atmosfera, levando os viajantes a perceber a realidade do mundo que estava a sua volta.

*“A primeira coisa que vimos, contudo, foi uma bela fragata de 58 canhões nos estaleiros, cujo modelo vi elogiar como belo pelos entendidos. Não há ali mais nada digno de ser visto., além do novo navio e algumas belas peças de velhos canhões de bronze. Tudo está visivelmente, ou em suspenso, ou em decadência, até que se defina a situação política do Brasil. encontramos as coisas aqui, ainda que tão desassossegada como em Pernambuco, contudo tendendo para o mesmo caminho”.*⁸⁸

Os portugueses que passaram a residir ou nasceram no Brasil mantinham hábitos próprios da região onde moravam, se adaptando ao clima e a cultura do país. Um desses hábitos era o de não ser visitado e de não visitarem outros moradores nas primeiras horas do dia. Os homens portugueses se dedicavam ao cuidado de seus comércios e as mulheres, ao cuidados da casa. As visitas deviam ocorrer sempre no final do dia, quando a casa e as pessoas estavam arrumadas, por isso, os convites de sociabilidade dos moradores eram sempre para jantares e nunca para almoço. Atraída pelo proibido e no desejo de quebrar as normas existentes entre os moradores, a viajante decidiu visitar os amigos portugueses de sua anfitriã no período da manhã, quando algumas ainda dormiam. O objetivo da viajante, ao transgredir os hábitos culturais dos moradores da região, era de registrar as cenas cotidianas dos moradores sem representações, sem os cuidados pessoais e organizacionais que tinham as pessoas quando eram visitadas; os mesmos cuidados que tinham os ingleses quando recebiam alguma visita. A viajante registrou o que observou como regra de comportamento dos moradores do

⁸⁸ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 164.

Brasil, quando não estavam representando: *“Acompanhei Miss Pennell numa série de visitas a seus amigos portugueses. Como não é costume visitar ou serem visitados na parte da manhã, mas minha curiosidade, ao menos, foi bem paga”*.⁸⁹

A narrativa da viajante Graham (assim como os demais viajantes) estava longe de ser uma narrativa inocente, era, na realidade, uma das formas de conquista, onde o viajante-escritor, através de suas experiências culturais e ideológicas, integrava as regiões visitadas e, conseqüentemente, os moradores, ao seu mundo de experiências, projetando de forma geográfica e textualmente um universo de conhecimento e de autoridades sobre essas novas regiões conquistadas.

A viajante Graham ficou preocupada com a instabilidade política que passava o Brasil. As preocupações da viajante na Bahia tinham um caráter mais pessoal, pois ela, quando esteve em Pernambuco, observara como ficava uma capitania quando as lutas revoltosas se instalavam: ruas protegidas por guardas armados, cidade sitiada, moradores sem poder voltar para as suas casas no campo, clima de hostilidade e confrontos armados com vítimas. Caso a Bahia, mais uma vez, iniciasse um período de hostilidade entre as forças, a viajante não poderia conhecer a cidade de São Salvador livremente, dificultando, ainda mais, as visitas aos espaços públicos que tanto a viajante Graham desejava conhecer: *“Há na Bahia, uma disputa em que tomam parte realista e independente e todos os dias esperam-se hostilidade, mas ambos os partidos parecem tão desejosos de ficar em paz que confio em que o negocio terminará sem sangue”*.⁹⁰

O viajante Daniel P. Kidder, que passou pela Bahia anos mais tarde, em 1837, registrou que a capitania da Bahia tinha enfrentado grandes agitações políticas, no ano 1820. Segundo o viajante, essas agitações eram reflexos do contexto político que vivia a Metrópole. As idéias liberais que norteavam as agitações da cidade do Porto, em prol da Constituição, encontraram eco imediato na Bahia. Uma junta provisória foi instalada na capitania, nesse mesmo ano. A rivalidade entre os portugueses que moravam na capitania e os brasileiros ficou cada vez mais acentuada. Kidder afirmou que foi a primeira

⁸⁹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 168.

⁹⁰ GRAHAM, M. *Op. Cit.* p. 175.

vez que a Bahia mergulhou em uma grave crise civil, onde cerca de duas mil pessoas foram massacradas e outros milhares deixaram a cidade, fugindo da violência. Os portugueses, na figura do general Madeira, tomaram o controle de São Salvador, levando terror para quem lá permanecia. O viajante informou, ainda, que a situação se estendeu até 1823 quando o *Lord Cochrane*, depois que voltou do Chile, foi contratado pelo Imperador D. Pedro I. O *Lord Cochrane* interveio energeticamente no conflito, bloqueando os navios de provisões dos portugueses e cercando-os por terra. “Assim, cercados por terra e bloqueados pelo mar, os portugueses, na Bahia, foram reduzidos à míngua”.⁹¹

As preocupações da viajante se concretizaram, a Bahia entrou em um período de revolta entre a junta provisória dos portugueses e os independentes. Na verdade era um confronto entre os portugueses que viviam na Bahia e os brasileiros, tendo como irradiador os privilégios e controles que os brasileiros afirmavam que tinham os portugueses. Quando a viajante estava na Bahia, em outubro de 1821, o governo estava nas mãos de uma junta provisória e o comando militar nas mãos do general Inácio Luís Madeira de Melo. Segundo a viajante Graham, os conflitos entre os realistas e os independentes já estava a ponto de serem deflagrados.⁹²

Diante das agitações políticas por que passava São Salvador, o capitão Graham preparou o seu navio para seguir viagem a qualquer momento, levando junto com a sua tripulação alguns ingleses e amigos estrangeiros: como o cônsul britânico, o senhor Pennell e seus familiares. No entanto, os estrangeiros estabelecidos na Bahia não desejavam partir deixando para trás todos os seus investimentos, esperavam que a situação melhorasse e o clima de tranqüilidade fosse retomado, mas a situação continuou a se agravar, tornando-se mais conflitante para os estrangeiros que viviam na Bahia. “O

⁹¹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 44 - 45.

⁹² Os conflitos só aumentaram depois que a viajante Graham seguiu para o Chile. O general Madeira desobedeceu à ordem do imperador D. Pedro I para que deixasse a capitania e seguir-se para a Metrópole. Quando voltou do Chile, a viajante convenceu o seu amigo, o *Lord Cochrane*, a aceitar o convite do Imperador para ficar à frente das tropas imperiais. A viajante Graham, mesmo estando na capitania do Rio de Janeiro, mantinha contato com o *Lord Cochrane* para saber como estavam os conflitos na Bahia. A viajante foi informada que o *Lord* inglês obteve êxito em suas investidas contra os portugueses, não só em expulsa-os, mas também em prendê-los quando fugiam levando as pratarias das igrejas e todas as riquezas móveis da cidade: *Quem, senão o Lord Cochrane, havia libertado a Bahia dos portugueses, este enxame de zangões que ameaçavam devorar a terra?* GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p.374.

capitão Graham combinou com o cônsul certos sinais, para o caso de aumentar o perigo para sua família".⁹³

Estado na Bahia, a viajante não só registrou sobre essas agitações liberais que estavam ocorrendo, voltando seu olhar de estrangeira para outras cenas e assuntos. Quando a viajante observou as mulheres e homens que viviam em Salvador, ela não conseguia se desprender de suas próprias concepções e das caracterizações que leu em Southey. Estando a viajante em uma reunião na casa do cônsul britânico, em companhia de portugueses e ingleses, observou que as mulheres inglesas estavam bem mais elegantes que as portuguesas, apesar de essas últimas estarem bem vestidas, à moda francesa. Para a viajante Graham, as mulheres inglesas eram superiores em elegância e beleza, pois isso fazia parte do seu cotidiano, no entanto, as portuguesas não tinham o hábito de cultivar tais qualidades, representavam ser elegantes quando estavam em espaços públicos. Os homens, segundo a viajante, tinham, em sua maioria, uma aparência "*desprezível*" e sem qualquer educação. A viajante coteja os homens portugueses que viviam no país com os homens ingleses, principalmente os de aparência formal e tom de autoridade, como militares com quem ela convivia.⁹⁴

A viajante ficava incomodada com o modo de ser de seus próprios patrícios que viviam no país, por esses adquirirem hábitos diferentes dos que tinham no seu. Em outra passagem a viajante centrou o seu olhar para caracterizar os hábitos e o caráter dos homens portugueses, sendo bastante severa nessa caracterização, principalmente por não aceitar o jogo que era muito usado como passatempo pelos moradores, afirmando que os moradores, tanto homens quanto mulheres, buscavam o jogo porque tinham muito tempo livre, pois os mesmos não liam e nem tinham qualquer hábito ligado à educação e, nem tão pouco fazia exercícios ao ar livre. Por isso, os jogos tornavam-se uma abreviação de suas medíocres vidas.

"Os homens portugueses têm todos aparecia desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação acima dos escritórios comerciais e todo o tempo é gasto, creio eu, entre o negócio e o jogo. As mulheres participam largamente depois de casadas. Antes desse período feliz, quando não há dança de noite, ficam em volta das mesas de cartas e, com olhos ansiosos, acompanham o jogo e

⁹³ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 185.

⁹⁴ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 174 - 175.

*esperam ardentemente o momento em que também poderão tomar parte nele”.*⁹⁵

A presença dos negros também chamou a atenção da viajante na Bahia. Os viajantes estrangeiros, ao observar pequenas amostras de determinados assuntos ou comportamentos dos moradores e ao registrar em um contexto mais amplo, criavam imagens distorcidas do Brasil, tornando regra o que, na maioria das vezes, eram particularidades de uma região ou de uma comunidade. Ações individuais eram vistas, pelos viajantes, como parte do caráter geral de todo dos moradores, atribuindo os costumes e as atitudes, muitas vezes inadequados, a uma coletividade. Em fim, as amostras concretas fragmentárias observadas pelos viajantes estrangeiros, tornavam os moradores e sua cultura alvo de inúmeros mal-entendidos.⁹⁶

Segundo a viajante, os negros, quando percebiam que a sua situação era igual a todos os outros negros que viviam no país ficavam “*consolados*”, conformados com sua situação de sofrimento. Todavia, os negros, diante da sua situação de escravidão no Brasil, mantinham suas estratégias de resistências, muitas vezes sutis para uma inglesa que não conseguia entender que a decantada obediência dos escravos ao seu senhor era, na verdade, um recurso tático cotidiano contra a violência, e uma espera paciente para um ato de libertação.

*“Os escravos que vi trabalhando na destilaria, pareciam magros, e, deveria dizer, esgotados. Mas informaram-me que só durante os meses de destilação eles parecem assim, e que nas outras épocas soa tão gordos e alegres como os da cidade, o que será muito bom. Eles aqui tem uma igreja e um cemitério, e vêem que a sorte deles é a sorte de todos, ficam tão consolados quanto podem ficar os escravos”.*⁹⁷

Os viajantes estrangeiros, ao deterem seus olhares para o contexto de escravidão que viviam os negros no Brasil, criaram inúmeras incongruências, principalmente, por não terem acesso a quadros mais amplos, registrando apenas amostras fragmentárias do que viam. Os estrangeiros não compreendiam as táticas usadas pelos negros, considerando “*conformismo*” o

⁹⁵ GRAHAM, M. Op. Cit., pp.175 e 176.

⁹⁶ MOREIRA LEITE, M. L. Op. Cit., p. 10.

⁹⁷ GRAHAM, M. Op. Cit., p. 179.

que era estratégia. As rebeliões eram a forma de resistência dos negros, mas os objetivos que levavam os escravos a se rebelarem nem sempre o fim do escravismo ou a liberdade dos escravos envolvidos nesse seguimento, como desejavam os viajantes. Várias rebeliões de escravos tinham como meta punir os feitores, símbolos da execução da crueldade física, ou corrigir os excessos do poder do senhor sobre suas vidas, diminuindo o estado de “coisificação” que viviam no Brasil. Os negros desejavam sua liberdade, mas esperavam o momento mais adequado, de acordo com suas concepções, para agir. Enquanto o momento não chegava, lutavam para modificar o que podia ser modificado no seu cotidiano de escravo.⁹⁸

A viajante registrou cenas “dramáticas” sobre amostras de tratamentos dos moradores com os negros. Era, na verdade, estratégia de Graham, como escritora, de mostrar aos leitores ingleses que a escravidão não estava mais adequada ao processo de industrialização que o mundo vinha passando - no Brasil e no restante das Américas. Registrando que os negros, quando velhos eram rapidamente alforriados pelos seus senhores, por não estarem mais aptos ao trabalho, fracos e com suas forças esgotadas os velhos negros eram deixados pelas ruas das cidades a viver da caridade dos moradores, caridade cada vez mais rara. Os ingleses socorreram a negra e levaram-na para um dos seus hospitais no Brasil. Atitude que, segundo Graham, diferenciava os ingleses dos portugueses e dos nascidos no país: os ingleses não aceitavam a submissão de uma raça a outra, no entanto, os ingleses aceitavam a submissão dos seus patrícios a um sistema de trabalho exploratório, onde a classe de trabalhadores livres vivia em condições “marginais”.

“Há poucos dias, ao voltar de um pic-nic, um grupo de cavalheiros encontrou uma pobre negra em estado miserável, jazendo à margem da estrada. Os cavalheiros ingleses recorreram aos companheiros portugueses para que lhe falassem e a confortassem, pensando que ela os entenderia melhor. Mas eles disseram: Oh! É só uma negra, vamos embora! E assim fizeram, sem querer saber mais dela. A pobre criatura, que era uma escrava despedida, foi levada para o hospital inglês, onde morreu dentro de dois dias. Suas doenças eram idade e fome.”⁹⁹

⁹⁸ REIS, J. J. *Op. Cit.*, p. 245.

⁹⁹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 179.

A viajante, em seu papel de narradora, levou para os leitores dados que teve a preocupação de pesquisar sobre a entrada de escravos no Brasil. O mundo escravocrata deixava a Sra. Graham em outro universo, bem distante do seu, onde ela tentava compreender os complexos interesses dos senhores coloniais, interesses que os faziam manter esse sistema escravista mesmo diante das pressões da Inglaterra e dos prejuízos com o tráfico negreiro. A viajante transculturava suas concepções sobre as relações de trabalho para o mundo escravista, vendo-o e comparando-o com a cultura do seu país, que eram os referenciais mais próximos que tinha em seu universo de experiências.

*“Mas uma vez que se admite o tráfico, não admira que o coração se torne duro para os sofrimentos individuais dos escravos. Outro dia tomei alguns jornais velhos da Bahia, exemplares da Idade do Ouro, e encontrei na lista dos navios entrados durante três meses deste ano esses dados. De modo que a carga desses cinco navios, calculada assim acidentalmente, mais de um quinto morreu na travessia. Parece que os vasos de guerra ingleses na costa d’África estão autorizados a alugar negros livres para completar seus quadros, quando deficientes. Há vários agora a bordo do Morgiana, dois dos quais são oficiais inferiores, e são considerados auxiliares utilíssimos. Recebem o pagamento e a ração tal qual nossos marinheiros”.*¹⁰⁰

A viajante Graham afirmou que as capitânicas do Brasil causavam um certo estranhamento aos europeus que vinham visitá-las, que a cultura e a natureza observada no país traziam sempre um tom de novidade, principalmente, pela presença constante de negros pelas ruas das cidades, os quais tornavam as cenas observadas bem particulares. E que, devido a esse estranhamento, os europeus “*repugnavam*” os sentimentos saudáveis e a beleza que se encontrava nas regiões do país.

Estranhamentos, para os viajantes estrangeiros, tinham diversos significados: estranhar era não aceitar o que se via, ou rejeitar sem nem procurar conhecer e compreender o que se via, ou, ainda, avaliar o que se via de acordo com seus padrões, reprovando o que fosse diferente. Os viajantes europeus e norte-americanos estranhavam a natureza, costumes, hábitos e comportamentos dos moradores das regiões do Brasil, reprovando e rejeitando o que não estava de acordo com seus padrões culturais e com suas próprias

¹⁰⁰ GRAHAM, M. Op. Cit., p.186.

experiências. A viajante Graham relatou os seus sentimentos diante das *novidades e selvageria* que o Brasil oferecia.

*“Mas há uma nota de novidade em cada coisa aqui, uma falta de interesse em relação ao que já foi, que se sente visivelmente. No máximo podemos ascender ao selvagem despido que devorava seu prisioneiro e se adornava com ossos e penas (...) Aqui, cada coisa, a própria natureza, tem um ar de novidade e os europeus ficam tão evidentemente estranhos ao clima, com seus escravos africanos - que repugnam a quaisquer sentimentos saudáveis”.*¹⁰¹

A viajante, em meio dessas agitações políticas porque passava a Bahia, saiu no dia 08 de dezembro e seguiu, com o navio *Doris*, para o Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro, Sra. Graham, em 1822, visitou o Chile, retornando ao Brasil um ano depois e ficando estabelecida no Rio de Janeiro, onde, de lá, procurava obter informações sobre como estavam as agitações liberais na Bahia (e em Pernambuco). O interesse da viajante Graham em saber sobre o que se passava na Bahia não vinha exclusivamente do fato de ela se interessar pela política do país, mas por ter seu amigo inglês, o *Lord Cochrane* envolvido na situação como chefe militar das tropas legalistas.

Assim como os demais viajantes estrangeiros, a narrativa de Maria Graham só poderá ser analisada juntamente com outros elementos que permearam os momentos das observações e da escrita. Questionado as posições, às vezes ambíguas, que a viajante assumiu durante sua existência: escritora, desenhista, contrária a superioridade masculina e imperialista. Questionamentos importantes para se entender as sutilezas das suas afirmativas, o que ela viu, através de amostras fragmentárias concretas nas capitâncias do Brasil. A viajante Graham participou ativamente do processo de anticonquista europeia, na primeira metade do século XIX, impondo seu olhar de estrangeira, o qual expressava uma posse do resto do mundo sem uma suposta violência e com uma aparente inocência.

¹⁰¹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, pp. 181 - 182.

TERCEIRO CAPÍTULO

“Narrar começa com o olhar. Aquilo que o viajante vê está condicionado por sua própria estrutura ideológica”.

David Spurr.

CAPÍTULO III - *UM MISSIONÁRIO METODISTA NAS PROVÍNCIAS DO NORTE: DANIEL KIDDER.*

“Não somente encerra o Brasil tudo quanto a natureza tem de belo, luxuriante e magnífico, como ainda, goza de clima salubre e ameno. Em toda a extensão de seu território situado em latitude igual à da costa africana, reina uma salubridade desconhecida naquela região do continente negro. E, nem os tesouros do Chile e do Peru, do outro lado da América do sul, podem vagamente compensar a ausência de terremotos que desfruta o Brasil”.

Daniel Kidder

Objetivamos analisar no presente capítulo os relatos de viagem do viajante estrangeiro Daniel Kidder, na tentativa de compreender como esse viajante estrangeiro construiu a si mesmo, como narrador, através das experiências conflitantes do contato que viveu no Brasil e ainda, como o seu olhar de norte-americano e pastor metodista descreveu e recriou as práticas religiosas, as concepções e as formas culturais dos moradores das províncias do Norte do Brasil na primeira metade do século XIX.

Daniel Parish Kidder nasceu em 18 de outubro de 1815 em Darien, no estado de Nova York. Ainda jovem, converteu-se à religião Metodista, tornando-se pastor e assumindo atribuições de missionário: divulgar as suas concepções religiosas e a Bíblia para o resto do mundo. O viajante veio ao Brasil em companhia de sua esposa Cynthia H. Russel, em 1837, com os objetivos de um missionário metodista a serviço da Sociedade Bíblica Americana. Permaneceu no Brasil até 1840, voltando aos Estados Unidos por causa da morte de sua esposa. Durante esse período no país viajou pelas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e pelas do Norte. Kidder faleceu em Evanston, uma cidade perto de Chigago em 29 de julho de 1891, com então 76 de idade.¹⁰²

¹⁰² Esses dados referentes à vida e obra do viajante foram obtidos na própria publicação do Diário do viajante, na tradução de Moacir N. Vasconcelos reeditado da Editora Itatiaia da “coleção Reconquista do Brasil” de 1980.

Ao retornar aos Estados Unidos em 1840, Kidder organizou suas anotações que foram publicadas em 1845 com o título de *Sketches of recidente and travels in Brazil*, com 32 litografias. No Brasil, essa obra foi traduzida por Moacir N. Vasconcelos e Elias Dolianti em 1940, pela editora Martins Fontes com o título de *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil* que, anos depois, foi dividida em duas obras: a primeira, os relatos sobre as províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro e, a segunda, os relatos sobre as províncias do Norte. O seu livro de maior sucesso, que tornou-se para os americanos um clássico sobre o Brasil, foi *O Brasil e os Brasileiros* - a publicação brasileira é também de 1940 - obra escrita em parceria com o missionário J. C. Fletcher, que esteve no Brasil antes os anos de 1851 a 1865. O trabalho de Fletcher consistia, principalmente, em adicionar pequenas descrições de lugares por onde Kidder não andou. Analisamos uma segunda publicação das narrativas do viajante, reeditada pela Editora Itatiaia em 1980.¹⁰³

De acordo com Max Weber a religião Metodista era a combinação de um tipo de “*religião emocional*” e, ainda assim, ascética, com a crescente indiferença ou até o repúdio das bases dogmáticas do ascetismo calvinista. O nome *Metodismo* surgiu da palavra método, tendo como modelo os padrões religiosos e ideológicos que os estudantes da Universidade de Oxford organizavam suas vidas. Surgindo na Inglaterra no século XVIII, como fruto de uma marcante experiência religiosa pela qual passou o Reverendo John Wesley. A Igreja Metodista nasceu como um movimento de renovação da Igreja Anglicana. Ao reverendo John Wesley e a seu irmão Charles, outro adepto ativo, juntaram-se outras pessoas, todas elas imbuídas do mesmo propósito: “*transformar a Igreja e a sociedade inglesas, espalhando a santidade bíblica por toda a terra*”.¹⁰⁴

Segundo Rubens Alves, o protestantismo chegou no Brasil não apenas como uma nova religião, mas como parte da “*onda de modernidade*”, que trazia em si os ideais e valores da sociedade burguesa da Europa e dos Estados Unidos. E mais, que o protestantismo oferecia uma versão religiosa dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa e das “*verdades*

¹⁰³ Ibid, Idem.

¹⁰⁴ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradutor Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret., 2001. Coleção a Obra-Prima de cada Autor. pp. 103 - 105.

evidentes por si mesmas” a que se referia a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América do Norte.¹⁰⁵

Os missionários protestantes já tinham tentado vir ao Brasil antes do século XIX, com as invasões francesas no Rio de Janeiro em 1555 até 1557 e com as expansões holandesas na Bahia e em Pernambuco, de 1624 até 1630. Essas tentativas não lograram êxitos, pois não havia condições estruturais que possibilitassem a implantação, de formas permanentes de cultos protestantes no Brasil. A presença efetiva e permanente de grupos protestantes só ocorreu em princípios do século XIX, devido a alguns fatores sócios, políticos e econômicos tais como: a assinatura do Tratado do comércio de Portugal com a Inglaterra em 1810, os movimentos de libertação nacional que culminou com a independência política em 1822, a liderança do sistema capitalista mundial assumido pela Inglaterra e pelos Estados Unidos.¹⁰⁶

Jether P. Ramalho afirma que no Brasil, o catolicismo predominou, quase absoluto, por 300 anos e, em um século aproximadamente várias correntes passaram a se instalar no país: maçonaria em 1801, luteranismo em 1823, metodismo em 1835, presbiterianos em 1859 e outras. E que a vinda dessas correntes do pensamento protestante coincide com o término da etapa colonial e com a fase de “*efervescência dos movimentos de independência*”. Segundo o autor, de início, as divulgações do protestantismo ficavam a cargo da Sociedade Bíblica Britânica e, depois, passaram para a Sociedade Bíblica Americana, ambas metodistas.¹⁰⁷

Os missionários tiveram que vencer inúmeros obstáculos para realizarem as distribuições de Bíblias e outras publicações pelas províncias do Brasil - na primeira metade do século XIX - além da língua, da adaptação ao clima, as doenças, até uma série de leis que foram impostas pelo Império que eram restritas aos participantes de outras religiões, não católicos, tais como: a proibição de construções de casas com fachadas de igrejas, o de somente se considerar válidos os casamentos efetuados por sacerdotes católicos e a

¹⁰⁵ ALVES, Rubem. *Protestantes no Brasil*. In: RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educacional e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976. pp 17 - 46.

¹⁰⁶ RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educacional e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976. pp. 47 - 67.

¹⁰⁷ RAMALHO, J. P. *Op. Cit.* pp. 50 - 51.

proibição de livre pregação das doutrinas evangélicas em lugares públicos sem autorização local. Nos primeiros anos do século XIX, as mudanças em relação a essas restrições ocorreram de forma lenta, a resistência se fazia notar entre os moradores do Brasil que visualizava nos missionários os portadores de uma ideologia que não coincidia com a realidade colonial que existia no país no período.

Depois dessa análise mais geral sobre a vida, motivos de sua vinda e os percursos que permearam a obra do viajante estrangeiro Daniel P. Kidder; passaremos, nesse momento, para a análise da sua narrativa de viagem contida em "*Reminiscência da viagem e permanência nas províncias do Norte do Brasil*". Esclarecemos que a perspectiva desta análise é discutir como o viajante construiu a si mesmo, como narrador, a partir do contato que era estabelecido entre ele e os moradores das províncias. Analisaremos na narrativa do contato, as experiências culturais conflitantes do viajante e sua visão de norte-americano e pastor com relação às culturas locais.

O primeiro elemento de sua narrativa que nos chamou a atenção foi os preparativos que o viajante fez, ainda em seu país, para vir ao Brasil. Assim como Koster, Daniel Kidder preparou seu protocolo de viagem, sendo o primeiro a leitura de obras sobre o Brasil. O livro que Kidder destacou em sua narrativa foi Viagem ao Brasil do príncipe Maximiliano. Os viajantes estrangeiros se preocupavam com o que poderiam encontrar em terras desconhecidas, daí a preparação do protocolo de viagem, com o objetivo de diminuir e delimitar as incertezas. As leituras eram o primeiro passo a ser dado pelos viajantes. Diversos eram os autores, mas quase todos os livros eram de viajantes e aventureiros que vieram ao Brasil, com exceção da obra *História do Brasil* de Southey, sendo leitura obrigatória para os viajantes.

Kidder confirmou ter lido e utilizado a *História de Southey* como fonte pesquisa para conhecer as províncias que desejava visitar e para registrar as informações sobre elas em seu relato. O registro de informações sobre as regiões visitadas era uma estratégia usada pelos viajantes, como narradores, para tornar os leitores mais próximos de suas jornadas, mais entusiasmados com suas aventuras.

"Conquanto tivéssemos a intenção de relatar aqui nossa segunda e mais detida visita à Bahia supomos que ao invés de novas descrições

de, viagem, o leitor apreciará mais uma súpula histórica da cidade. Na preparação deste esboço servimo-nos, além da História de Southey, do interessante trabalho publicado pelo sr. Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, cujos quatro volumes intitulados “Memórias Históricas e Políticas da província da Bahia”, temos à mão”.¹⁰⁸

Através da leitura do príncipe Maximiliano, Kidder acreditou que encontraria um país selvagem, que se depararia com animais ferozes e figuras humanas estranhíssimas. A visão do Brasil que o viajante obteve na leitura do príncipe foi a de um naturalista, um homem que tinha como objetivo observar e descrever a fauna, flora e tribos indígenas do Brasil. O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied era botânico e zoólogo, desembarcou no Brasil em 1815 com o objetivo de descrever para Europa como era o retrato de um país exótico que conheceu. Ou seja, o príncipe, assim com os demais viajantes estrangeiros, objetivava mostrar aos europeus um mundo novo, inexplorado, estranho e desmesurado. Sua profissão o fez descrever situações inesperadas e estranhas nas matas e rios do país, assim como animais ferozes e índios exóticos. Descreveu as tribos indígenas como “selvagens” e as terras por onde passou de “perigosas”, causando aos viajantes que se detinham na leitura de seu livro sensações de desconfortos, medo e entusiasmo. Desconforto e medo do que poderiam encontrar nestas terras e entusiasmo pela experiência cultural ímpar que o príncipe passou no Brasil, experiência impossível de viver na Europa.

“O único escritor que já percorreu, por terra, essa região brasileira, foi o Príncipe Maximiliano de Neuwied. Poucos naturalistas demonstraram maior entusiasmo e raros viajantes tão constante perspicácia como Sua Alteza Real, ao atravessar essas paragens incultas e virgens. É difícil fazer idéia dos obstáculos, aborrecimentos e perigos que o real viajante teve de enfrentar, tais como, mataria cerrada e travada de espinhos, insetos nocivos - entre os quais enxames de abelhas e de vespas - animais ferozes, reptis venenosos e rios sem pontes. (...) Suas viagens pelo Brasil datam de 1815 e 1818 e os livros ricos de interessantes informes em que publicou suas impressões, encerram as melhores descrições até hoje feitas do cenário e dos habitantes da região”.¹⁰⁹

¹⁰⁸ KIDDER, D. P. *Reminiscência de viagens e permanência nas províncias do Norte do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1980. p. 28.

¹⁰⁹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 21.

P. E. Vanzolini informou que Maximiliano Alexandre Phillip era *priz zu Wied Neuwied*, conhecido pelos amigos zoólogo como Príncipe Max, foi um nobre da Romênia, na Alemanha, e que, aos 32 anos de idade, terminadas as guerras napoleônicas, trocou a carreira das armas pela vida científica. Influenciado por Humboldt, decidiu vir ao Brasil em 1815, permanecendo até 1817. No Brasil, o viajante conheceu o Rio de Janeiro, depois subiu até Ilhéus, de lá para Vitória da Conquista, voltando daí para o Rio de Janeiro, através de Minas Gerais. O autor afirma ainda que o viajante Maximiliano, depois de sua viagem ao Brasil, pela convivência com os índios as províncias do Espírito Santo e Bahia, tornou-se bem mais antropólogo do que zoólogo, pois tinha crescido uma paixão pela cultura desses povos “*primitivos*”. Ao terminar a publicação dos resultados brasileiros, o príncipe Maximiliano embarcou para os Estados Unidos, realizando expedições antropológicas entre os anos de 1832 e 1834. Maximiliano veio a falecer 1867 com 85 anos de idade.¹¹⁰

Maximiliano era príncipe de Wied-Neuwied, 8º na linha sucessória de um pequeno soberano que tinha seu principado em Neuwied, no Reno (Alemanha). Veio ao Brasil, em 1815, usando o pseudônimo de Max von Braunsberg, viajando por terra do litoral da província do Rio de Janeiro até a província da Bahia. Tendo como meta em encontrar tribos indígenas em “*estado selvagem*”. Meta que influenciou a escolha pelo Brasil, onde seu principal objetivo era, portanto, estudar e descrever tribos indígenas que não tiveram contato com os luso-brasileiros, que se encontravam em uma “*pré-civilização*”. Nas narrativas do príncipe surgem descrições detalhadas dos hábitos e costumes das etnias puris, botocudos, pataxós, coroados, goiatacás, macunis, malalis, macachalis, camacãs e outras. Essas descrições foram, anos mais tarde, utilizadas por antropólogos e outros viajantes estrangeiros, principalmente naturalistas, como fontes de etnias que, pouco tempo depois, já haviam extinguido no Brasil, pelo menos no estágio cultural observado pelo viajante Maximiliano.¹¹¹

¹¹⁰ VANZOLONI, P. E. *A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas*. In: *Revista USP*. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N° 01 .Março/Maio de 1989. São Paulo, S. P.: USP, CCS 1989. pp. 190 - 240.

¹¹¹ MAXIMILIANO. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Susseking de Mendonça e Flávio P. de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1940.

Em sua narrativa, o príncipe Maximiliano registrou as dificuldades que passou no país: a falta de água, alimento e chuvas torrenciais durante os períodos que passou nas matas, dificuldade para transportar as amostras coletadas, a falta de passagem para as mulas que transportavam as cargas, ausência de mapas para as regiões a percorrer e nas regiões, e a falta de alojamentos, tendo que ficar a mercê da boa vontade dos moradores e das autoridades locais. Em Ilhéus, o príncipe teve que recorrer ao juiz ordinário, senhor Amaral, em busca de ajuda financeira para poder continuar sua viagem, o juiz, diante da situação difícil que passava a vila, mandou buscar viveres e farinha em sua própria fazenda, situada na grande lagoa.¹¹² Kidder sabia, através do príncipe Maximiliano, que sua viagem ao Brasil vinte anos depois não seria fácil. Acreditava que poderia encontrar as regiões do país ainda em estado “selvagem”, como descreveu o príncipe, podendo se deparar com inúmeras situações inusitadas como esta que viveu Maximiliano quando estava no Sertão da província do Rio Grande do Norte:

*“Um dia, mal saíra a canoa para uma dessas excursões quando vi os caçadores fazer fogo, voltando imediatamente. Tinha percebido as quatro patas de um quadrúpede saindo fora da água, tomando-as como de um porco morto, mas, em se aproximando, deram como enorme serpente, que se enroscava em muitos anéis numa grande capivara, matando-a descarregaram, de imediato, dois tiros no monstro”.*¹¹³

Kidder filtrou essas descrições do livro de viagem do príncipe Maximiliano, assim como as demais informações que encontrou em outros livros, para ter uma visão prévia do país que viria a conhecer. Kidder, como tinha a missão de divulgar a religião metodista e a leitura da Bíblia entre os moradores que conhecesse nas províncias, centrou seu olhar nas práticas religiosas desses. Porém, ao observá-las, comparava-as com as suas experiências religiosas (e as do seu grupo norte-americano) e reprovava-as como práticas exageradas e ridículas. O viajante avaliava suas próprias concepções (experiências culturais) de vida e religiosidade. As experiências conflitantes do contato que viveu nas províncias do Brasil lhe causaram modificações sutis, de auto-avaliação.

¹¹² MAXIMILIANO. *Op. Cit.*, pp. 304.

¹¹³ MAXIMILIANO. *Op. Cit.*, pp. 254 - 255.

Outro elemento de sua narrativa que nos chama a atenção foi a dificuldade encontrada pelo viajante para distribuir e divulgar materiais e suas concepções religiosas, pois além da adaptação aos locais desconhecidos, os missionários encontravam moradores temerosos em conversar ou receber materiais ideológicos de outra religião, uma vez que os padres eram as figuras propagadoras desse medo entre os moradores. Os padres não aceitavam a presença dos estrangeiros divulgando suas concepções religiosas, eles acreditavam que os estrangeiros tinham o objetivo de profanar as práticas católicas do país, negando, assim, a autoridade dos representantes da Igreja Católica Apostólica Romana. Porque os padres desejariam mudar as suas situações no Brasil? Os frades, no início do século XIX, empreenderam viagens pelo interior das províncias para conter os contatos dos moradores com os estrangeiros e, também, na tentativa de estimular os moradores a freqüentarem mais as missas. Segundo o viajante Kidder, as viagens dos frades eram uma maneira de ofuscar os efeitos das missões protestantes que cresciam a cada ano: *“De vez em quando os frades fazem viagens pelo interior, e, ao que se afirma, operam prodígios no sentido de civilizar o povo. (...) A fim de ofuscar, uma vez por todas, os feitos das missões protestantes”*.¹¹⁴

Não era fácil para os missionários protestantes distribuírem materiais de sua religião entre os moradores das províncias, pois os padres proibiam e amedrontavam os fiéis, acusando as Sociedades Bíblicas estrangeiras de mandarem para o Brasil Bíblias adulteradas ou mutiladas das escrituras. Essas Bíblias trazidas pelos missionários protestantes traziam diferenças significativas das Bíblias católicas: eram traduções da *vulgata* para o português e sem apócrifos. Além das diferenças visíveis, havia outras: o acesso da leitura da Bíblia retiraria a autoridade dos representantes da Igreja Católica de perdoar os pecados, mediante a confissão. Os padres, segundo o Vaticano, eram os únicos habilitados para exercer a função de mediadores entre Deus e os fiéis, assim com as Bíblias traduzidas os fiéis não precisariam mais de suas mediações, buscando a Deus de forma direta, confessando os seus pecados e buscando a salvação também sem intervenção dos padres, ou de outros membros da Igreja Católica. Os padres sentiam-se ameaçados com essas

¹¹⁴ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 61.

missões protestantes, por isso tentavam combater-las exortando os moradores dos perigos de receber ou ter em casa essas “Bíblias profanas”.

“Depois de acusar as Sociedades Bíblicas de lançar em circulações exemplares adulterados ou mutiladas das Escrituras e de afirmar que os missionários protestantes pouco ou nada fizeram pelo bem da humanidade, pôs-se a proclamar que os de sua Igreja saíram para suas missões sem outra Bíblia que os seus breviários!”¹¹⁵

Para os padres, as autoridades locais e mesmo o Imperador regente não deveriam aceitar a entrada de estrangeiros propagando suas concepções religiosas nas regiões do país. As autoridades católicas acreditavam que os estrangeiros eram subversivos e utilizavam suas visões para levar o povo às revoltas, a subversão as autoridades políticas e religiosas locais. E era em busca de acusações mais concretas que os padres liam atentamente os folhetos e Bíblias distribuídas pelos missionários. Os reverendos, no entanto, criticavam as autoridades católicas por não praticarem e nem ensinarem aos moradores a verdadeira conduta de fé pregada pelas Escrituras. Criticavam ainda, o fato dos padres proibirem o acesso dos moradores à Bíblia, de não ensinarem os moradores a guardarem o sábado e o incentivo à adoração de imagens, descumprindo, assim, um dos mandamentos. Segundo Kidder, os padres, ao lerem seus folhetos, nada encontravam para acusá-los de práticas demoníacas ou subversivas, pois, nos folhetos, não havia críticas às práticas católicas e sim ensinamentos das Escrituras.

“Distribuímos grande profusão de folhetos na Bahia. Essas publicações eram freqüentemente procuradas no depósito e muito bem recebidas, a despeito de algumas furiosas denúncias do clero. Todas as Bíblias que trouxéramos, juntamente com a remessa recebida pelo Reverendo Mr. Parker. foram vendidas em nossa ausência, enquanto viajamos para o Norte, sem que se conseguisse atender a todos os pedidos. O Novo Testamento não era tão procurado; mesmo assim, porém, dispusemos de todos os que havíamos trazido”.¹¹⁶

A situação da Igreja Católica no Brasil na primeira metade do século XIX, não era das melhores. Os eclesiásticos enfrentavam muitos problemas. Além de se preocuparem com a presença ameaçadora dos protestantes, sofriam a subordinação à Coroa e a ingerência desta nos assuntos religiosos. Os eclesiásticos não conseguiam ampliar suas influências, pois a Coroa, para

¹¹⁵ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 63.

¹¹⁶ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 67.

conter os gastos, não investiam na construção de novas igrejas, e as existentes, em certas regiões, se encontravam em péssimo estado de conservação, quando não completamente abandonadas, e muitas vezes sem padres. Em 1837, os eclesiásticos sofriam por não conseguir novos devotos, os jovens não desejavam mais servir a ordem oficial do país.¹¹⁷

Lúcia Maria B. Pereira e Humberto Fernandes Machado afirmam que, se o país oficial proclamava-se católico, o país real, quase sempre, movimentava-se à margem das práticas e dos dogmas da Igreja. E, ainda, os moradores veneravam as imagens de santos de forma próxima do seu contexto familiar, como o paganismo antigo mantinha deuses tutelares do lar. Segundo os autores, as cerimônias religiosas funcionavam primordialmente como espaços de sociabilidade, aproveitados para inconfidências e possíveis namoros entre os jovens moradores. Os autores informam ainda que, na província de Pernambuco, um sacerdote chamado Miguel do Sacramento Lopes Gama, que era dedicado ao ensino, ao jornalismo e a política, utilizou o periódico que editava, *O Carapuço*, que circulou entre a sociedade pernambucana de 1830 a 1840, para tentar corrigir os costumes dos moradores de subjugar a religiosidade para o segundo plano. Para isso, o jornalista recorreu ao riso e a sátira, criticando a “escandalosa” mistura do sagrado e do profano nas festas dedicadas aos santos locais.¹¹⁸

Os moradores tinham uma religião oficial, mas não eram religiosos, por isso, os missionários protestantes encontraram terra fértil para as suas pregações, até mesmo entre os participantes da ordem clerical. O próprio viajante Kidder, ao visitar a Paraíba, ficou sabendo, por meio de um frade, que alguns sacerdotes tinham deixado a Igreja Católica para seguir a religião protestante. As insatisfações com a Igreja Católica rondavam tantos os moradores quanto os eclesiásticos: os moradores não aceitavam certas práticas a que eram obrigados a se submeterem, como a confissão, e os eclesiásticos, o abandono das ordens eclesiásticas pela Coroa Portuguesa, ficando essas à mercê das dotações dos moradores.

“O frade nunca ouvira falar da Sociedade Bíblica! Dissemos-lhe,

¹¹⁷ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto Fernandes. *Uma religiosidade antiga*. In: *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. pp. 203 - 215.

¹¹⁸ NEVES, L. M. B. P. & MACHADO, H. F. Op. Cit., pp. 203 - 215.

então, que, conhecendo o inglês, ele poderia pôr a par dos esforços não só dessa sociedade como de muitas outras cujas finalidades eram igualmente meritórias. Receava, entretanto, o frade, que a Bíblia e as publicações que recomendávamos fossem as mesmas que o bispo de Pernambuco condenava e através das quais certos sacerdotes católicos bandearam para o protestantismo”.¹¹⁹

Os missionários protestantes se deparavam com outra barreira além das citadas: o número de analfabetos no Brasil no século XIX. Raros eram os moradores que sabiam ler nas regiões do país e os que sabiam, tinham vindo de outros países. E a situação não era diferente para aqueles que freqüentavam as escolas locais. O viajante Kidder enfrentou essa barreira ao tentar entregar uma publicação a um jovem que encontrou na província de Sergipe, sendo informado por este que não poderia receber por não saber lê: *“Logo depois apareceu outro moço a quem fizemos menção de obsequiar de maneira idêntica com um Bíblia, mas ele nos informou de que não sabia ler”.*¹²⁰

Segundo Ruy A. Bello, o ato adicional de 1834 transferiu às províncias a administração do ensino primário, ficando com o poder central, em geral, com o ensino médio e o ensino superior, com a Corte. Esse ato adicional não trouxe nenhuma vantagem, pois estando as províncias em condições ainda mais desfavoráveis do que o poder central, em diante do problema da educação, tornando-se mais problemática com a descentralização administrativa. O autor informa que, no período regencial foi oficializado o ensino secundário, com a criação do Colégio Pedro II. E que, depois da expulsão dos jesuítas, o ensino secundário ficara reduzido às aulas avulsas criadas pela reforma do Marques de Pombal e alguns institutos organizados e mantidos pelas províncias, entre estes o Liceu de Pernambuco, criado em 1825, atual colégio Estadual de Pernambuco. E ainda, em 2 de dezembro de 1837, o governador regencial converteu o seminário de S. Joaquim em colégio secundário, dando-lhe o nome de Colégio Pedro II. No currículo desse colégio estava a língua latina, grega e francesa, a retórica, assim como a botânica, a química, a física, a álgebra, a geometria e a astronomia, porém, ficou de fora, a língua portuguesa.¹²¹

¹¹⁹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 136.

¹²⁰ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 74.

¹²¹ BELLO, Ruy Ayres. *Pequena História da Educação no Brasil*. Coleção Didática do Brasil. Volume 19. São Paulo: Editora do Brasil, 1969. pp. 218 - 220.

Não lograram êxito, entretanto, as tentativas das autoridades locais de alfabetizarem os jovens moradores, pois estes passavam um ano freqüentando as escolas e nada aprendiam. Em certas regiões as escolas eram mantidas pelas iniciativas locais, principalmente, iniciativas das ordens eclesiásticas. As condições sociais dos jovens alunos, de suas regiões, as improvisações das escolas e dos professores, e a falta do incentivo da Corte influenciavam nesta falta de aprendizado. O viajante, ao visitar a província da Paraíba, conheceu um jovem nesta situação, que há um ano freqüentava uma escola improvisada no palácio, mas não tinha aprendido a ler ou escrever.

“Logo depois veio sentar-se ao nosso lado, tomado de curiosidade, talvez, um rapazola de quatorze ou dezesseis anos, com o qual iniciamos um diálogo. (...) Não duvidamos da veracidade desta afirmação (o rapaz informou não saber ler e nem escrever), *conquanto nos penalizasse essa incompreensível indiferença pela instrução que o governo ministra aos seus súditos, ricos e pobres, através de uma política liberal, mas um tanto errada*”.¹²²

Segundo Kidder, a solução para o problema da educação nas províncias do Brasil estava em adotar o sistema de ensino que foi adotado nos Estados Unidos. Kidder criticou a organização política do sistema de ensino, principalmente, a falta de uma intervenção mais direta do governo, que tinha deixado a cargo das províncias custearem as despesas com as escolas e, com os moradores as contribuições para manter as “*caóticas*” escolas existentes e os professores. O viajante destacou ainda a falta de professores das regiões das províncias e isso, segundo ele, devido às baixas remunerações que eram pagas aos profissionais do ensino. E, por último, o viajante chama a atenção para a falta, quase completa, de livros nas escolas e os poucos que existiam tornavam-se bens comuns, “*passando de mãos em mãos como se fora algo que todos pudessem tirar algum benefício*”. Portanto, deste o início da sua narrativa, o viajante Kidder, pontuava as diferenças entre as organizações institucionais dos norte-americanos e as dos portugueses, demonstrando assim, a superioridade do seu país diante do “*atraso*” do Brasil.

“*Não será fora de propósito sugerir aos brasileiros o sistema atualmente em voga nos Estados Unidos, como adaptável ao seu ambiente e capaz de atender as conveniências brasileiras acima de qualquer expectativa. Em todas as províncias reclama-se contra a falta de professores competentes e há toda probabilidade de que tal*

¹²² KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 130 - 131.

*situação persista até que se paguem ordenados melhores mesmo que as escolas normais sejam mais bem sucedidas que até aqui. Os indivíduos que se preparam para o importante mister de ministrar instrução voltarão sempre as suas vistas para atividades mais remuneradas”.*¹²³

❖ *IMPRESSÕES DE UM PASTOR METODISTA NA PROVÍNCIA DA BAHIA*

“A cidade baixa não oferece atrativos para o estrangeiro. os prédios são antigos, conquanto apresentam aspecto alegre. A rua é muito estreita, acidentada e pessimamente calçada. Além disso, a sarjeta fica mesmo no meio, de maneira que a rua se torna asquerosamente imunda. Atulham-na vendedores ambulantes e carregadores de todas as espécies”.

Daniel Kidder.

Analisaremos, neste subitem, as experiências conflitantes de contato que passou o viajante Daniel Kidder na província da Bahia, ou seja, como o viajante Kidder, com seu olhar de norte-americano e pastor metodista, comparou, descreveu e reprovou as práticas organizacionais e religiosas dos moradores desta província.

O primeiro elemento que nos chama a atenção em sua viagem para a província da Bahia foi a preparação prévia que o viajante fez ainda na província do Rio de Janeiro. Essa não era a primeira vez que o viajante visitava a Bahia, mas, em 1838, passou rapidamente. Kidder embarcou num navio a vapor em julho de 1839, numa segunda-feira, deixando, no Rio de Janeiro sua esposa e seus dois filhos. Além de se preocupar com a família, que ficaria aos cuidados dos amigos anglo-americanos que residiam na Corte, Kidder também se preocupou com a aquisição de cartas de recomendações, as quais ele se referiu como *cartas de apresentação*. Recebendo, prontamente, essas cartas de seus amigos estrangeiros que sabiam da importância de um estrangeiro em terras desconhecidas ter em mãos cartas de apresentação, lhe foram enviadas cartas em diferentes idiomas. Portanto, o protocolo de viagem não poderia ser esquecido, principalmente para Kidder que tinha imagens prévias sobre as

¹²³ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 266 - 267.

regiões o Brasil, imagens de seres e animais “selvagens” descritas pelo viajante Maximiliano. O viajante sabia que precisava munir-se de todas as estratégias para evitar os estranhamentos e incômodos que as situações inesperadas lhe causaria.

*“A gentileza de várias pessoas nos colocou nas mãos grande quantidade de valiosíssimas cartas de apresentação em inglês, português e francês. Na segunda-feira, primeiro dia de julho, depois de termos embarcado a bagagem por intermédio do consulado e despedido de nossa boa companheira, que deveria permanecer no Rio de Janeiro cuidando de um casal de filhos, fomos acompanhados até o vapor”.*¹²⁴

As cartas de recomendação ou apresentação possibilitavam a inclusão de Kidder na rede de solidariedade que havia entre estrangeiros no Brasil. Essas cartas de recomendações não eram apenas para serem entregues a estrangeiros que residiam nas regiões visitadas, mas, também, aos próprios moradores que, de alguma forma, poderiam auxiliar o viajante. Na maioria das vezes, esses moradores eram conhecidos de quem os recomendava, prestando auxílio aos viajantes por amizade ou dívida com este. Lembremos que essas cartas foram extremamente úteis para Henry Koster, abrindo espaço de solidariedade com os moradores.¹²⁵

Kidder sentiu a presença forte da rede de solidariedade entre estrangeiros que moravam nas províncias do Brasil, pois, logo ao desembarcar na província da Bahia, no porto de São Salvador, o viajante foi recebido por ingleses e norte-americanos, os quais já tinham sido informados de sua vinda e o aguardavam, preparando alojamento e iniciando os primeiros preparativos para as suas jornadas. Segundo Kidder, os estrangeiros tinham facilidade de manter contato entre eles e com os recém-chegados, porque compartilhavam das mesmas experiências culturais e por se dedicarem, quando residiam no país, das mesmas atividades econômicas ou religiosas. Portanto, os estrangeiros quando estavam em países distantes dos seus, para estabelecer e manter uma rede de solidariedade e amizade entre eles, seguiam as mesmas atividades econômicas (na grade maioria o comércio) e compartilhavam os mesmo códigos culturais e ideológicos da Europa: “Quando se encontram, em

¹²⁴ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 18.

¹²⁵ KOSTER, H. *Op. Cit.*, pp. 48 e 99.

país estranho, pessoas que falam a mesma língua e se dedicam a idênticas atividades, estabelecem relações facilmente".¹²⁶

Quanto mais os viajantes estrangeiros pudessem utilizar a rede de solidariedade, mais adiariam o estranhamento do contato. Assim permaneceriam por mais tempo na atmosfera de suas próprias experiências culturais. Os estrangeiros que passavam a residir no Brasil se preocuparam em manter estratégias que os aproximassem de suas experiências culturais. Uma destas preocupações, vista por Kidder na província da Bahia, foi a construção dos cemitérios para estrangeiros, construídos e mantidos, principalmente pelo governo inglês, que eram, depois dos portugueses, a maior colônia estrangeira que havia no Brasil. Só havia, em todas as províncias do Brasil, um único cemitério para os norte-americanos, que ficava justamente na Bahia, situado do Morro da Vitória, tendo o viajante conhecido. O viajante afirmou que os norte-americanos e outros estrangeiros que vinham ao Brasil eram gratos à colônia inglesa pelo auxílio que esta prestava aos estrangeiros recém-chegados ao país.

"A Bahia é a única cidade brasileira onde existe um cemitério norte-americano. Sendo muito mais numerosa a colônia inglesa - e contando, ainda com o auxílio financeiro de seu governo para diversos empreendimentos sociais e religiosos, tais como a construção de igrejas e a manutenção das capelas, em países estrangeiros - mantém ela cemitérios em quase todas as cidades importantes do Império. Não somente os súditos britânicos se beneficiam dessa louvável atitude do governo inglês. Protestantes de todas as nacionalidades, especialmente cidadãos norte-americanos, devem grande soma de obrigações à colônia inglesa, pelo fato de freqüentemente facilitar, esta última, o enterro de seus mortos. (...) Se não fora a cortesia dos ingleses, os nossos conterrâneos ver-se-iam embaraçados, principalmente em países essencialmente católicos, quando tivessem que realizar funerais".¹²⁷

O viajante, em seu primeiro dia na Bahia, não sentiu o estranhamento habitual do contato que outros viajantes estrangeiros sentiram por estarem em regiões desconhecidas, pois tinha usado estratégias para afastar esse estranhamento. O viajante esteve durante todo o dia em uma atmosfera conhecida, ficando hospedado na casa do revendo Parker e, em companhia deste, ele teve as primeiras impressões da região. O dia passou tranqüilamente

¹²⁶ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 26.

¹²⁷ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 55.

para Kidder. À tarde o viajante foi em companhia do seu anfitrião jantar na casa do cônsul inglês - sr. Whately.

Para Kidder, esse primeiro dia na Bahia foi “*extremamente agradável*”, pois estava adiando o estranhamento do contato. Não tendo o viajante que viver o estranhamento de estar em um alojamento ou de jantar na companhia dos moradores da região. Mas, no dia seguinte, a atmosfera que vivia o viajante começou a misturar-se com os ares da região, misturando-se com o olhar de estranhamento e espanto do viajante ao observar os hábitos e a religiosidade dos moradores. Kidder sentiu-se distante de seu país ao observar que não havia cavalos e mulas pelas ruas por onde passou, todavia, esse distanciamento passou quando Kidder observou a presença de outros animais como cabras e porcos nestas mesmas ruas, animais estes reconhecidos por ele, por tê-los também em Darien, estado de Nova York. Assim, o distanciamento foi deçado, momentaneamente, com a aproximação de pontos comuns que havia entre ele e a região.

*“A casa em que residia o Sr. Parker era de pequenas proporções, mas caprichosamente disposta, com um amplo jardim à frente. Ao lado construíram um puxado que servia de capela. (...) Depois do nosso passeio o sr. Parker nos fez companhia ao jantar, em casa do sr. Whately, cônsul em exercício. Assim foi que o nosso primeiro dia na Bahia se passou da maneira mais agradável. Pela manhã seguinte esse cavalheiro (Parker) nos levou a ver os pontos da cidade pela quais não havíamos passado no dia anterior. Impressionou-nos a ausência quase completa de cavalos e mulas pelas ruas, por outro lado, grande quantidade de cavalos e porcos parecia pretender suprir a falta daqueles animais”.*¹²⁸

Kidder, como narrador, situava historicamente, seus leitores norte-americanos sobre a província da Bahia. Registrando dados sobre a formação e organização política, social, econômica e religiosa desta província. A principal fonte de leitura usada pelo viajante, como já nos referimos, foi a *História do Brasil* de Southey, escritor que se tornou referência para os viajantes estrangeiros. O viajante, além da leitura de Southey, tinha lido as narrativas de viagem de Henry Koster, registrando as visões deste sobre os engenhos e fazendas na ilha de Itamaracá, sobre o que Koster sabia da ilha e de sua própria experiência de dono de um destes engenhos: *Southey, a exemplo do Sr. Koster, diz que, em eras passadas, essa ilha de Itamaracá foi seriamente*

¹²⁸ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 27.

*afligida por três pragas. A primeira, o fato de ser a ilha separada do continente pelo mar; a segunda, uma enorme formiga vermelha e, finalmente, a terceira, uma família de valentões, de nome Guedes, que volta e meia perturbava o sossego do povo”.*¹²⁹

Durante os meses que o viajante passou na Bahia ele procurou conhecer as igrejas e os conventos. Algumas ordens religiosas eram abertas para a visitação pública, como os mosteiros, e outros, como os conventos, eram terminantemente fechados aos olhares dos de fora - estrangeiros ou moradores do Brasil. E era, justamente, o convento de freiras que Kidder desejou conhecer, mas ele não conseguiu mesmo usando várias estratégias.

O viajante foi ao convento como intérprete de algumas senhoras que desejavam comprar flores que as freiras confeccionavam. Mas ao chegar, ficou sabendo por uma das freiras que os aguardava no portão principal, que não poderia entrar e que só lhe seria permitido observar o convento à distância, dali mesmo, do portão principal. A freira explicou para o viajante que os cômodos mais íntimos da religiosidade do convento eram reservados para os convidados do arcebispo, ou para pessoas que tinham permissão de dele. O viajante desejava deixar registrado, em sua narrativa, a descrição de um convento de freiras para os seus leitores, mas teve que se contentar em conhecê-lo pelo lado de fora.

*“No dia aprazado as senhoras se prepararam para visitar o convento, ansiosas por conhecerem a sua disposição interna. Tendo chegado à hora marcada, encontramos aberta a porta através da qual se tinha realizado a entrevista da semana anterior. Nossa primeira suposição foi a de que aguardavam a nossa visita. Duas freiras idosas examinavam a entrada diversas mercadorias que lhes apresentavam alguns vendedores ambulantes. Transmitimos-lhes o recado das senhoras e as religiosas nos responderam que, olhando para dentro da porta, poderíamos ver tudo quanto nos seria permitido observar. Ninguém poderia cruzar aquele umbral sem licença especial do arcebispo”.*¹³⁰

A viajante Maria Graham quando esteve na província da Bahia, em 1821, também procurou conhecer conventos e igrejas, mas não com os mesmos objetivos do pastor Kidder. Pretendia registrar como essas instituições eram mantidas e organizadas no Brasil. A viajante visitou um convento

¹²⁹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 123.

¹³⁰ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 66.

chamado “*Convento Soledade*” – o antigo convento das Ursulinas – onde conheceu as freiras que ali residiam. A viajante Graham ficou sabendo que essas freiras eram conhecidas na região e em localidades próximas pelos trabalhos manuais que realizavam, como a fabricação de flores ornamentais, formadas das belíssimas penas das aves do país. A viajante afirmou, ainda, que o preço cobrado por essas flores artificiais era “*exorbitante*” e que as freiras se dedicavam a esse trabalho para poder custear seus sustentos e para a manutenção do próprio convento, pois as agitações políticas e as revoltas liberais por que passava a província da Bahia, tinham reduzido os recursos para manutenção dos conventos, dos mosteiros e das igrejas, tendo essas instituições religiosas que conseguirem seus próprios recursos: “*O convento que visitei é chamado Soledade, e as freiras são famosas pelas feitura de flores artificiais. Os conventos perderam muito do patrimônio desde a revolução, as freiras são forçadas a obter seus próprios recursos*”.¹³¹

O viajante procurou todas as oportunidades para distribuir seus folhetos e Bíblias entre os moradores da Bahia. Até as freiras do convento que o viajante não conseguiu conhecer receberam folhetos. As freiras se propuseram a ler e a distribuírem os demais folhetos para os que desejassem na comunidade, mas, com a visita posterior de um frade, suas intenções mudaram, pois os representantes católicos proibiram que os membros da religião católica participassem dessas “*profanações*” e “*blasfêmias*” contra a religião oficial do país. Os padres liam todo o material religioso que era distribuído pelos missionários protestantes, preocupados se essas publicações incitariam os moradores a não freqüentarem mais as missas ou a não contribuírem mais com as reformas e manutenção das atividades católicas na região. O viajante Kidder ilustrou em sua narrativa um padre lendo atentamente um folheto que foi entregue as freiras, procurando encontrar algo que pudesse acusá-lo diante das autoridades locais.

“Ao sair entregamo-los diversos folhetos em português, a propósito dos assuntos sobre os quais lhes havíamos chamado a atenção. Afirmaram-nos que teriam muito prazer em lê-los, e, por isso, deixamos com elas quantidade suficiente para toda a comunidade. Logo tivemos ocasião de ver que as leituras dessas publicações não se tinha confinado exclusivamente às recolhidas do convento. Na tarde do mesmo dia, um nosso amigo encontrou um frade que saía

¹³¹ GRAHAM, M. *Op. Cit.*, p. 177.

*do convento trazendo nas mãos exemplares dos folhetos, que li com profunda atenção, pela rua, a ponto de parar de vez em quando, como que para melhor compreender o que estava lendo”.*¹³²

Mais do que nas outras províncias, o viajante Kidder sentiu as barreiras para distribuir seus materiais religiosos. Durante o período que permaneceu na província foi acusado pelos padres locais de entregar aos moradores Bíblias modificadas com palavras que não eram das Escrituras Sagradas. Diante de tais acusações dos padres os moradores ficavam amedrontados em recebê-las. Kidder, ao caminhar pela região, observou um aglomerado de fábricas de objetos litúrgicos que fabricavam para comercializar na Bahia e nas demais províncias do país. O viajante registrou que a Bahia era considerada como o maior centro eclesiástico do Brasil e com esse crescente comércio de artigos religiosos, tendo a frente os padres, tinha a província a maior quantidade de igrejas, sendo todas elas muitas bem cuidadas: *“Não é em vão que a Bahia desfruta a fama de ser o maior centro eclesiástico do Brasil. Seus templos excedem, tanto em número como em suntuosidade, os de qualquer outra cidade do país”.*¹³³

Na Bahia o viajante teve a oportunidade de realizar uma palestra (culto) para os ingleses da região em uma embarcação americana que estava ancorada no porto de Salvador. Essa palestra que também foi assistida pelos trabalhadores do porto e pelos moradores que residiam próximos a este. Todavia, o mau tempo o impediu de continuar, tendo que desistir da pregação devido aos perigos que chuvas torrenciais causavam. Essa foi a primeira oportunidade do viajante Kidder de pregar mais diretamente para os moradores da Bahia. Tendo já disseminado suas idéias religiosas através das publicações, agora as disseminava em contato mais direto com os moradores. Uma semana depois desta passagem o viajante deixou a província da Bahia em direção a Alagoas.

“Durante a nossa última semana na Bahia, haviam disposto as cousas de maneira que dirigíssemos os serviços religiosos no próximo domingo e pregássemos a bordo de uma embarcação americana que então se achava no porto. Além dos marinheiros de outros navios, numerosas pessoas da cidade assistiram aos serviços a bordo. Todavia, o mau tempo reinante foi para nós um grande

¹³² KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 66 - 67.

¹³³ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 56 - 57.

*desapontamento. A hora aprazada caía reinante chuva e o mar estava tão agitado, mesmo dentro do porto ,que impossibilitava qualquer comunicação entre os navios e a terra. Sentimos imensamente ter perdido a oportunidade de pregar sobre Cristo crucificado, no porto de São Salvador”.*¹³⁴

❖ *UM PASTOR METODISTA VISITANDO AS DEMAIS*

PROVÍNCIAS DO NORTE.

“À medida que se visitam as cidades brasileiras, pouca coisa se nos apresenta tão remarcadamente característica quanto os potes d’água que os negros levam sobre a cabeça. O estilo dessa vasilha, predominante em cada região, é todo peculiar”.

Daniel Kidder.

Neste segundo subitem, analisaremos as experiências conflitantes de contato que passou o viajante Daniel Kidder nas demais províncias do Norte que visitou no Brasil. E ainda como Kidder, com seu olhar de norte-americano e pastor metodista, comparou, descreveu e reprovou as práticas organizacionais e religiosas dos moradores das regiões que visitou.

A estratégia da carta de apresentação foi extremamente útil para o viajante Kidder em quase todas as viagens que empreendeu pelas províncias. O viajante ao sair de uma região para outra, se informava sobre as pessoas a quem ele pudesse entregar as cartas de apresentação. Assim recebia desses novos amigos (quase sempre ingleses) hospedagem e, principalmente, a segurança de um contato sem estranhamento. Em Alagoas, a situação não foi diferente. O viajante ficou hospedado na casa do cônsul inglês.

*“Depois de jantar em casa do vice-cônsul inglês a quem havíamos trazido carta de apresentação (em Maceió), saímos a percorrer a cidade, em companhia de alguns cavalheiros e apreciar a vista dos arredores, de cima das elevações mais próximas”.*¹³⁵

O viajante em companhia de seu novo amigo inglês visitou a cidade de Maceió. Kidder tinha as primeiras impressões das regiões visitadas através das experiências de contato dos estrangeiros que viviam no Brasil e foi em

¹³⁴ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 68.

¹³⁵ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 75.

companhia de seu novo amigo inglês que o viajante fez um passeio para conhecer a região. Neste passeio o viajante Kidder ficou incomodado ao observar uma cena: um negro com uma imagem religiosa de santo pedindo auxílios para a construção de uma igreja local. As concepções religiosas não permitiram que Kidder compreendesse o que observava, só destacando, o que considerou, de idolatria às imagens de santos, cultuadas pelos moradores católicos. Com um tom desrespeitoso, o viajante comparou as imagens de santos, que viu nas igrejas ou em casa dos moradores, de “bonecas” feitas de pedra ou barro. O viajante, por ter a reprovação no seu olhar, não registrou que a imagem que estava perto do negro era de uma santa que simbolizava para os negros alforria, resistência e sociabilidade. Na narrativa de Kidder há, de fato, um tom de desrespeito quando comparou as imagens dos santos que viu. Kidder buscava em suas experiências religiosas (protestante-metodistas) referenciais de comparação, mas na falta deles, a melhor maneira de analisar, era inferiorizar as práticas religiosas dos moradores do Brasil.¹³⁶

*“Perto dessa casa (casa de comércio) haviam colocado, na rua, uma cadeira coberta com pano e, sobre este, uma imagem encerrada numa redoma. No momento que passávamos, dois tropeiros do interior atravessaram a rua e vieram ajoelhar-se diante da imagem., beijando, devotamente, o vidro que a envolvia. Ao pé da santa estava sentado um negro velho com um chale sobre os ombros e uma bandeja na mão. Perguntando-lhe o que tinha naquele escrínio, respondeu ele: “Nossa Senhora do Rosário” - que está fazendo ela?- “Pedindo esmolas para a construção de uma igreja”. Prosseguimos a conversa por mais alguns minutos e o preto teve, então, ensejo de fazer profundos elogios às miraculosas virtudes da imagem que, a julgar pelo que víamos, não pelo que ouvíamos, pouca diferença tinha de uma boneca”.*¹³⁷

Segundo João José Reis, a devoção a Nossa Senhora do Rosário tem sua origem entre os dominicanos, por volta 1200. São Domingos inspirado na Virgem Maria, deu ao rosário a sua forma atual. José Reis afirma que, a primeira Irmandade do Rosário surgiu em colônias alemãs. Logo a devoção se propagou, sendo levada também por missionários portugueses ao Congo, na África. E ainda, no Brasil a devoção à santa foi adotada por senhores e

¹³⁶ Os negros para adaptassem as situações de escravidão do Brasil, e ainda, para resistirem às imposições e anulações impostas no país tornaram-se devotos de Nossa Senhora do Rosário. E era a imagem de Nossa Senhora do Rosário que o negro, da cena vista por Kidder, tinha ao seu lado.

¹³⁷ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 74 - 75.

escravos, sendo que os negros buscavam a santa para aliviar os castigos físicos que sofriam. Os negros desejavam cultuar a santa da mesma forma que os seus senhores, com o terço; por isso, eles recolhiam sementes de um capim, conhecido popularmente de “*lágrimas de Nossa Senhora*” e montavam terços. Dessa forma, os negros filtravam as práticas católicas e as linguagens dos brancos de acordo com as suas necessidades, misturando a religião africana e o catolicismo popular para formar instrumentos de interpretação e modificação de suas realidades, mas não deixavam de assimilar os aspectos das ideologias seculares nos diversos ambientes sociais que tinham oportunidade de circular: em convívio com a família do senhor, vendendo e comprando nas cidades e trabalhando em palácios e órgãos importantes das províncias.¹³⁸

O viajante registrou que Alagoas passava por graves crises econômicas, sendo sentidos pelos estrangeiros que passavam pela região quando observavam o estado que se encontravam as igrejas e os prédios públicos. O viajante registro ainda que Maceió sofria com a falta de justiça, ocorrendo muitos crimes sem punições. Diante do que ouviu e presenciou na região de Maceió, Kidder diz sentir-se satisfeito por divulgar a sua religião, na tentativa de tornar os homens dessa região, através da fé, melhores. As informações registradas pelo viajante não poderiam ser apenas de suas observações, pois ele passava pouco tempo nas regiões, em média, um mês, tempo insuficiente para tantas observações. As informações que, com precisão, o viajante registrava em sua narrativa vinham das experiências dos estrangeiros com quem ele passava a conviver. Assim a experiência do contato em Kidder pode ser avaliada como a experiência coletiva de diferentes estrangeiros. Eram esses ingleses e americanos que saciavam a curiosidade de Kidder sobre a região visitada, dando-lhe tais informações.

*“Em vista dessa premente necessidade, é com prazer, que declaramos não termos poupado esforços, durante nossa estada em Maceió, em prol da divulgação da fé, não encontramos oposição a nossa tarefa, como ainda vários foram os estímulos que recebemos”.*¹³⁹

¹³⁸ REIS, João José. “*Nos achamos em campo a tratar a liberdade*”. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500 – 2000)*. São Paulo: Editora do Senac, 200. pp. 241 - 264.

¹³⁹ KIDDER, D. *Op. Cit.* p. 79.

Um outro momento dessa narrativa nos chama a atenção: o viajante não encontrou oposição na divulgação de sua tarefa missionária. Segundo o viajante, na região de Maceió, o clero tinha pouco influência entre os moradores, devido ao número escasso de padres na região, facilitando a tarefa dos missionários protestantes. Não havia a fiscalização acirrada dos padres, como Kidder encontrou em Salvador, onde quase não conseguia entregar suas publicações. Além desse fato, havia outro que facilitava a pregação dos missionários protestantes nas regiões: a insatisfação dos moradores com a ordem clerical local. Os moradores ficavam insatisfeitos com algumas práticas católicas, reprovando o comportamento de certos padres e outros membros ligados à Igreja Católica.

Quando o viajante se preparava para sair de Maceió e ir para a província de Pernambuco, teve a oportunidade de conversar com alguns moradores que também seguiam para Recife. Um dos participantes da conversa, que era um coronel, informou ao viajante que não permitia que seus filhos se confessassem a um sacerdote, principalmente a sua filha, que só o faria quando estivesse próximo o dia do seu casamento, pois, segundo o coronel, os padres aproveitavam a oportunidades a sós com as moças para lhes trazer a mente idéias que elas não deveriam nunca saber. O viajante ao perceber as insatisfações dos participantes da conversa caprichou no seu discurso e começou a pregar que as pessoas deveriam só seguir os preceitos de Deus e não de homens falhos.

*“O coronel veio em nosso apoio declarando que preferia obedecer aos preceitos de Deus a seguir os do clero. Disse mais que “não permitia que seus filhos se conversassem. Tinha uma filha de dezessete anos que nunca havia conversado com um sacerdote e assim continuaria até a véspera de seu casamento. A grande maioria dos padres era tão imoral a ponto de, ao invés de cumprir suas obrigações, aproveitar-se da oportunidade de estar a sós com as moças para incutir-lhes no espírito idéias de que nunca deveriam elas ter conhecimento”. O senhor Seixas disse que mandava os filhos se confessarem apenas uma vez por ano, depois dos sete anos de idade, e para isso encaminhava-os a um sacerdote de confiança”.*¹⁴⁰

Saindo de Alagoas, o viajante vai para a província de Pernambuco ficando, mais uma vez situado em sua rede de solidariedade. Ao desembarcar

¹⁴⁰ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 82 - 83.

em Pernambuco, Kidder foi aguardado por um cônsul norte-americano, o senhor Joseph Ray, ficando hospedado em sua casa durante os dois meses que permaneceu na região.

*“Tão logo a “São Sebastião” ancorou, saltamos e procuramos o cônsul norte-americano, Sr. Joseph Ray, que não só nos recebeu com a maior fidalguia, como ainda insistiu para que aceitássemos hospedagem em sua residência, onde acolheu com a maior agasalhadora hospitalidade, durante a nossa permanência de dois meses em Pernambuco”.*¹⁴¹

A entrega de cartas de apresentação feita pelo viajante Kidder não tinha só como alvo os ingleses. Quando havia possibilidade, o viajante também as entregava aos moradores das regiões visitadas. Não para qualquer morador, mas para as pessoas de destaque político ou econômico. Segundo o viajante, as cartas eram entregues para as pessoas importantes e influentes das regiões visitadas. E foi assim que fez quando visitou a região de Boa Vista, no Recife. Entregou carta de apresentação para uma pessoa de destaque que tinha sido presidente da província e ministro do Império, o senhor Francisco Cavalcanti d’Albuquerque.

*“Constituiu para nós extraordinária vantagem o termos levado cartas de apresentação a várias pessoas de destaque de Pernambuco, entre as quais o Sr. Francisco de Paula Cavalcanti d’Albuquerque, ex-presidente da Província e ex-ministro do Império. A principesca residência desse cavalheiro ficava nas mediações da Boa Vista. As casas de Pombal – denominações que dão ao sítio, em conjunto, - são enormes, de aparência antiga e denominadas por uma torre que lembra o estilo dos velhos castelos feudais da Europa”.*¹⁴²

O viajante ao comparar as *casas de Pombal* com os castelos feudais tinha em mente as visões do período feudal da Europa, vendo, no Brasil, características sócio-político-econômicas e construções daquela época. No entanto, a comparação com a época feudal feita por Kidder não tinha o mesmo juízo de valor das comparações do viajante Henry Koster que, quando visitou um engenho em Cunhaú, na província do Rio Grande, em 1810, comparou o que viu com um engenho feudal, pela presença numerosa de negros e o comportamento do seu proprietário, o coronel André d’Albuquerque Maranhão.¹⁴³

¹⁴¹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 90.

¹⁴² KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 98.

¹⁴³ KOSTER, H. *Op. Cit.* pp. 101 - 102.

Kidder, diferente de Koster, não estranhou ou reprovou os engenhos e fazendas que conheceu no Brasil. Kidder ficou encantado com o engenho do senhor Paulo Cavalcanti d'Albuquerque, que ficava na região de Suassuna. O viajante fez uma descrição encantada dessa propriedade, uma descrição de valorização e não de inferioridade, uma descrição típica de um protestante norte-americano de um capitalista que tinha como conduta cristã à ética do trabalho, desprezando o ócio e valorizando o acúmulo de bens. O viajante se encantou ao observar como o barão Albuquerque utilizava todos os espaços do seu engenho, usando inúmeros escravos e a força hidráulica para mover as máquinas: *“A propriedade de Suassuna era grande e magnificamente cultivada. Nela labutavam cem negros”*.¹⁴⁴

Ainda em visita pela província de Pernambuco, o viajante passou pela Ilha de Itamaracá. Ao chegar na ilha o viajante procurou como sempre tinha feito, o morador para quem trazia uma carta de apresentação, mas, desta vez, não obteve sucesso, pois o possível anfitrião tinha viajado. Kidder tinha sido orientado pelos amigos ingleses que essa situação poderia acontecer, por isso, deveria trazer sempre outros nomes de pessoas a quem poderia recorrer caso algo inusitado ocorresse. O protocolo de viagem servia para isso: evitar o estranhamento do contato, dando assim, segurança ao viajante ao estar sempre em sua atmosfera cultural: *“Na procura do destinatário da carta de apresentação, ficamos sabendo que tinha viajado. Felizmente, no verso da carta havia o nome de um vizinho a quem deveríamos procurar, em caso de necessidade”*.¹⁴⁵

O viajante entregou carta ao senhor Martinho José do Sacramento e, quando estava na casa deste, observou a devoção que tinha o mesmo por imagens de santos, o que não poderia ser diferente por ser o morador católico. Kidder, nas poucas vezes que recorreu a hospedagem na casa dos moradores das regiões, ficou na atmosfera de estranhamento, estranhando o ambiente, as práticas culturais e as organizações existentes nas famílias. Assim, na casa do senhor Martinho, o viajante Kidder tentou conversar na tentativa de convencê-lo que a adoração a imagens não era aceitável por Deus, mas o morador não permitiu a conversa. Segundo Kidder, o morador, gentilmente, falava de sua

¹⁴⁴ KIDDER, D. *Op. Cit.* P. 99.

¹⁴⁵ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 117.

devoção aos santos e tentou mostrar uma imagem de santo que era a sua maior devoção, tendo o viajante recusado prontamente ver o santo da devoção do morador: *“Tentamos conversar com o senhor Martinho, mas ele tinha idéias claras e enraizadas sobre a reverência e devoção a imagens. Desejava nos mostrar seu objeto de veneração. Declinamos, porém, o oferecimento”*.¹⁴⁶

O viajante ao fazer uma visita pelos arredores da ilha em companhia do senhor Martinho ficou exposto aos olhares dos moradores - os moradores procuraram Kidder movidos pela curiosidade de conhecer um estrangeiro. Durante a conversa com os moradores o viajante ofereceu a estes publicações e folhetos que foram bem aceitos. Kidder ao registrar suas impressões sobre o passeio e a conversa com os moradores, avaliou, também, que não mais distribuiria as publicações de sua religião para todos que encontrasse, mesmo que essa tenha sido sua meta inicial, pois, devido à quantidade que carregava em cada viagem, seria melhor aproveitar as publicações para presentear as pessoas que lhe prestassem algum favor ou para aquelas de quem ele desejasse receber alguma coisa. O viajante percebeu que poderia usar as publicações para fortalecer a rede de clientelismo que ele já tinha construído com as distribuições das Bíblias e das outras publicações. Kidder percebeu que essa maneira era uma ótima estratégia para conseguir auxílio em suas jornadas: hospedagens, mantimentos, água e outros materiais necessários.

“Trouxéramos conosco boa quantidade de folhetos e Escrituras. Entretanto, a experiência nos ensinara que uma distribuição irregular não era a melhor maneira de pô-los em circulação. Nosso sistema, portanto, consistia em dar os livros e publicações em retribuição a favores recebidos ou como maneira de conseguir algo de que precisássemos, explicando ao mesmo tempo as grandes vantagens, que se poderia fruir, fazendo o devido uso desses presentes”.¹⁴⁷

Quando o viajante saiu da província de Pernambuco foi visitar a província da Paraíba. Kidder ficou hospedado mais uma vez na casa de um inglês, a quem o viajante denominou de senhor R. que morava em um sítio na região de Cabedelo. E foi em companhia deste inglês que o viajante ficou sabendo que a Paraíba tinha recebido algumas bíblias que foram enviadas da Inglaterra para a província de Pernambuco. Kidder ficou sabendo também que os moradores que receberam essas Bíblias não as tinham como *“sagrada”*,

¹⁴⁶ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 121.

¹⁴⁷ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 125.

pois elas eram diferentes das Bíblias usadas pelos padres. Os padres usavam as Bíblias em língua latina e não aceitavam as traduzidas para o português. Os padres afirmavam que só eles tinham o dom dado por Deus para ler e ensinar as Escrituras, e que mesmo que os moradores tivessem uma Bíblia em latim em casa não a entenderiam. Mas as bíblias traduzidas para o português, trazidas pelos missionários, tornariam esse entendimento possível, pois os moradores que soubessem ler também estariam aptos para entender e discutir os dogmas cristãos, questionando a estrutura e autoridade eclesiástica local, modificando a relação existente.

*“O senhor R. nos informou que nos anos passados alguns volumes de uma remessa de bíblias distribuídas da Inglaterra para Pernambuco, vieram ter à província da Paraíba. Esse senhor tivera ocasião de conversar com vários possuidores do precioso livro. Disse-nos que, ao que lhe parecia, eles não o tinham como sagrada, talvez porque nele não houvesse ligação evidente com a religião que aprenderam”.*¹⁴⁸

Foi em companhia do inglês R. na província da Paraíba que o viajante conheceu a festa religiosa de Nossa Senhora das Neves. Essa festa ocorria sempre no mês de agosto. Com o passar do tempo, ela se tornou a festa religiosa mais comemorada e importante da região, pois a santa era a padroeira da província. O viajante reprovou tudo o que conseguiu ver durante o pouco tempo que permaneceu na festa e, diante do que viu, ficou, segundo suas próprias palavras, “*chocado*”, desejando não ter participado da festa. O olhar de protestante afastou Kidder da cultura religiosa dos moradores, não conseguindo observar nada além de reprovações e atos “*ímorais*”. O viajante, por estar preso as suas concepções religiosas, não conseguiu ver as práticas religiosas dos moradores sem um tom de estranhamento ou desrespeito. O seu olhar filtrava as cenas da cultura dos moradores de forma distorcida pelas lentes das suas próprias experiências culturais e religiosas.

“Convidaram-nos para sairmos à noite a fim de ver aquilo que achavam não poder deixar de nos ser profundamente interessante. A matriz, onde se celebrava a festa, ficava mesmo nas vizinhanças. Postamo-nos em uma das extremidades de um pátio oblongo. (...) Os que tivemos ocasião de ver eram muito mal feitos, não obstante, o povo se pasmava e aplaudia freneticamente. Se se tratasse de divertimento para africanos ignorantes, seriam mais compreensíveis essas funções, mas, como parte de festejos religiosos (em honra a

¹⁴⁸ KIDDER, D. *Op. Cit.*, p. 132.

*Nossa Senhora Padroeira), celebrados em dia santificado e com a presença entusiástica de padres, monges e do povo, temos que confessar francamente que nos chocou bastante e teria sido melhor que não os tivéssemos presenciado. uma das mais penosas impressões que colhemos foi ver famílias inteiras, inclusive senhoras e senhoritas, ao ar úmido da noite, admirando cenas que não só tocavam às raias do ridículo, mas, ainda, eram acentuadamente imorais”.*¹⁴⁹

Ao sair da Paraíba Kidder visitou outra vez Pernambuco, passando primeiro por Goiana. Nessa região viveu uma situação diferente em termos de hospedagem, pois não havia na região pessoas indicadas para recebê-lo e Kidder teve que recorrer a uma hospedaria. O estranhamento do viajante apareceu logo no início da chegada à hospedaria. Kidder estranhou a disposição que estavam os poucos móveis da casa sentindo-se incomodado com os outros hóspedes que se encontravam na casa e que ocuparam o seu requerido quarto. O quarto que o viajante desejava ocupar foi dividido por outras pessoas e seus animais, como galinhas e pintos. A situação aos olhos do viajante Kidder só parecia piorar tanto que jantar em pé por não haver mesa na casa, pelo menos, para os hóspedes. Porém, a situação foi modificada com a entrada do dono da casa, que o viajante ainda não conhecia. O dono da casa, percebendo que o hóspede era um estrangeiro, decidiu tratá-lo de forma diferenciada dos demais, mandando arrumar uma mesa para que Kidder jantasse e depois arrumando um quarto reservado para ele. As estratégias do viajante para não utilizar as hospedarias só poderiam ser colocadas em prática se houvessem, na região, pessoas indicadas que pudessem recebê-lo; caso não, o único meio era sair de sua atmosfera cultural e se adaptar ao contato, as situações diferentes que proporcionava a Zona de Contato.

*“Nosso quarto, que parecia ser o melhor da casa, fora atulhado com quatro ou cinco arreios e cangalhas, e, a um canto, uma galinha agasalhava sob as asas uma ninhada de pintinhos. A única janela do cômodo, aberta na parede oposta, estava apinhada de gente que olhava para a rua; não tentaremos, porém, descrever o bando de crianças maltrapilhas e nuas, pretas e brancas que corriam pela sala. (...) Começamos a dispor da ceia sobre o peitoril da janela, já que não havia mesa, entrou o dono da casa que até então não tínhamos visto. E foi num abrir e fechar de olhos que esse homem revolucionou a situação. Trouxeram-nos água para lavar as mãos e uma toalha de franja”.*¹⁵⁰

¹⁴⁹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 132 - 133.

¹⁵⁰ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 146 - 147.

De Goiana o viajante visitou a região de Iguarassu. De Iguarassu, Kidder seguiu para Recife. Nesta viagem Kidder encontrou uma tropa de doze homens que também seguiam para Recife para fazer compras. Os homens ficaram curiosos ao serem informados que o viajante Kidder era norte-americano, e desejaram saber, através das conversas que se estenderam durante a jornada, como era o país e os hábitos do viajante. Os viajantes estrangeiros sempre foram alvo da curiosidade dos moradores. O “*ser estrangeiro*” sempre chamou a atenção de homens e mulheres do Brasil, seja pelas suas roupas, seus hábitos, sua fala diferente, ou seja, pelo que ouviam sobre os estrangeiros. O viajante Kidder registrou que os homens pareciam não acreditar nas informações dadas por ele, que os homens ficavam “*espantados*” ao saber que, entre eles e o estrangeiro, havia tantos pontos em comum: “*Os homens que encontramos na viagem se interessaram em saber sobre as artes, costumes, políticas e religião do meu país. As perguntas eram muito variadas e, em geral divertidas*”.¹⁵¹

O viajante a partir de Recife, seguiu para a província do Rio Grande do Norte, depois para o Ceará e Maranhão. Sobre essas províncias, o viajante, deixou uma descrição histórica, sem registrar suas experiências de contato com os moradores das regiões por onde passou. O viajante seguiu viagem ainda ao Pará e Amazonas. Todavia, o nosso objetivo é de analisar as narrativas do viajante pelas províncias que atualmente compõem o Nordeste.

O viajante Daniel P. Kidder deixou escrita uma obra interessante sobre as províncias do Norte do Brasil na primeira metade do século XIX. O olhar de protestante de Kidder observou, comparou e reprovou as práticas religiosas dos moradores do Brasil. O seu objetivo - de divulgar o contato dos moradores com a Bíblia e com a religião Metodista - fez o viajante viver situações únicas, as quais não teria oportunidade de viver em seu país. Todavia, na tentativa de evitar ou adiar situações estranhas, o viajante utilizou um protocolo de viagem, trazendo sempre consigo cartas de apresentação para inglês ou mesmo moradores. Essas cartas de apresentação faziam com que o viajante Kidder permanecesse em sua atmosfera cultural, pois estava sempre em contato com outros estrangeiros, em um contexto cultural próximo do seu. Mas, quando, por

¹⁵¹ KIDDER, D. *Op. Cit.*, pp. 146 - 147.

algum motivo, o protocolo não podia ser colocado em prática, o estranhamento era inevitável, tento o viajante que utilizar as hospedagens das regiões e evidenciar seu olhar imperial.

As narrativas do viajante Daniel Kidder, assim como os demais viajantes estrangeiros aqui analisados, não eram um discurso inocente, mas instâncias das maneiras como o colonizador, através dos seus olhos imperiais, observava, avaliava, comparava, identificava e reconstruía as imagens das províncias do Norte e os moradores.

Assim como a obra do viajante Henry Koster, a do viajante Daniel Kidder só poderá ser analisada juntamente com outros elementos que permearam os momentos das observações e da escrita da narrativa: a vida do viajante nos Estados-Unidos, o próprio momento vivido pelo seu país, os motivos da vinda do viajante ao Brasil, bem como as crenças e padrões culturais que o viajante tinha. Enfim, só através da interpretação dos percursos que, direta ou indiretamente, estavam presentes no olhar do viajante estrangeiro é que o leitor poderá entender as sutilezas que pontuam essa narrativa do contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os relatos de viagens produziu o resto do mundo para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista européia”.

Mary L. Pratt.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: O OLHAR ESTRANGEIRO QUE
ENCONTROU, CONHECEU E TORNOU CONHECIDAS AS PROVÍNCIAS
DO NORTE DO BRASIL.**

“No Velho Mundo, as nações e as distinções de sua civilização formam os principais pontos no quadro no Novo Mundo, o homem e suas criações quase que desaparecem em meio à estupefata mostra de selvagem e gigantesca natureza”.

Alexandre von Humboldt.

Das mais diversas regiões do velho Mundo e os Estados Unidos vieram jornalistas, botânicos, educadores, médicos, pintores, desenhistas, mineralogistas, naturalistas para conhecer a colônia portuguesa da América do Sul, precisamente depois da abertura dos portos as nações amigas em 1808. O Brasil passava por um processo de “internacionalização”, emprestando as suas regiões portuárias um “caráter cosmopolita”.¹⁵²

Depois de 1808, com a abertura dos portos, a entrada de estrangeiros tornou-se mais numerosa e fácil, sendo incentivado pelo próprio imperador D. João VI. Outro fator estava presente na facilidade dos estrangeiros virem para o Brasil: a presença de estrangeiros já estabelecidos, a chamada rede de solidariedade. A rede de solidariedade que foi estabelecida entre estrangeiros facilitava a adaptação dos recém chegados, retardando ao máximo o estranhamento, próprio das experiências do contato com outras culturas. Os viajantes recebiam dos estrangeiros que viviam no país, além de hospedagem, informações preliminares sobre a região e seus habitantes e, era através das experiências dos que já viviam no Brasil que os recém chegados reafirmavam suas concepções.

A vinda da Corte portuguesa para o Brasil e anos depois a aliança entre a corte brasileira e a austríaca, através do casamento de D. Pedro I com D.

¹⁵² LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântica de Spix e Martius*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 267.

Leopoldina, facilitaram e pontuaram as pesquisas de viajantes estrangeiros sobre as províncias do país. No entanto, as populações dessas províncias não tinham a mesma acolhida pelos viajantes estranhos. Os moradores sempre viam os estrangeiros como pessoas fáceis de serem enganadas, acreditando em seus imaginários culturais que todo estrangeiro era um inglês - ricos comerciantes. Os moradores só recebiam os estrangeiros em suas casas, quando estes vinham recomendados por autoridades ou pessoas conhecidas, municiados de cartas de representações, caso não a hospitalidade era negada. Os viajantes observavam essas recusas dos moradores em ceder acolhimento “*aos de fora*” como comprovação do ódio que outros viajantes estrangeiros registraram que os moradores das províncias do Brasil tinham pelos estrangeiros.¹⁵³

A presença mais marcante entre os estrangeiros no Brasil era de ingleses, comerciantes ingleses que vieram em maior número depois do Tratado de 1810, desfrutando um livre comércio nas províncias do país. Os ingleses influenciaram significativamente a economia das regiões e as imagens sobre o Brasil na Europa, deixando inúmeros registros sobre comércio, relatórios comerciais, avaliações das potencialidades sócias e naturais das províncias do país. Relatórios que serviram de mais uma fonte de estudo da história do Brasil, revisto dentro e fora do país.

Os estrangeiros que se estabeleciam como comerciantes no Brasil tinham como metas principais introduzir produtos de seus países e avaliar o potencial dos mercados das províncias. Ao escrever seus relatórios, esses comerciantes, produziam “*documentos vivos*” sobre a vida social, econômica e cultural dos moradores. Segundo Miriam Moreira Leite, a presença dos comerciantes estrangeiros marcou profundamente o imaginário dos moradores das regiões por onde passaram. Os moradores acreditavam que os estrangeiros que passavam por suas regiões eram comerciantes e ficavam surpresos quando, ao encontrá-los, eles não desejavam vender algo. Em vez disso, traziam cadernos de anotações, materiais para coletar amostras e mapas das regiões.¹⁵⁴

¹⁵³ MOREIRA LEITE, Miriam L. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 172.

¹⁵⁴ MOREIRA LEITE, M. L. *Op. Cit.*, p. 19.

A conquista, ampliação e manutenção de novos mercados e coleta de amostras da fauna e flora eram metas seguidas, pela maioria dos viajantes estrangeiros. Os temas estudados eram os mais variados, o viajante observava a natureza, os recursos naturais das regiões, à vida social rural e urbana dos moradores das províncias, investigavam, ainda, as relações de trabalho e produção, a economia, a questão escravista, a cultura dos índios e os acontecimentos recentes a sua permanência na província.

Os motivos que traziam os viajantes estrangeiros e suas profissões influenciavam nas ênfases que eram dadas em determinados temas. Os viajantes naturalistas centravam seus olhares para aprofundar temas da história natural do país – botânica, zoologia, geografia, mineralogia, paleontologia, astronomia, meteorologia – onde os demais viajantes mencionavam de passagem, centrando seus olhares nas categorias sociais e em suas culturas.

A profissão do viajante influenciava profundamente a centralização do seu olhar e as camadas que mais teria contato. Os viajantes diplomadas, oficiais ou marinheiros tinham contatos, quase que exclusivo, com a Corte Portuguesa, enquanto os viajantes missionários relacionavam com as mais diversas camadas da população, principalmente, os moradores de regiões mais simples, negros e os clericais. Os viajantes naturalistas, devido as regiões distantes que visitava, relacionavam com guias, índios ou negros, com índios em suas aldeias, tropeiros pelas estradas e com os moradores da zona rural.

Os viajantes estrangeiros tinham em mente uma suposta missão educativa, por isso redigiam obras para os moradores do país visitado ou apenas para as autoridades. A recepção das camadas das populações do Brasil que recebiam os livros de viagem traduzidos era, quase sempre, considerados inadequados por tratar de uma realidade diferente da vivenciada pelos moradores do país; outros, foram mal recebidos, pelo fato do viajante centrar seu olhar em populações, considerada pela elite do Brasil, de “inferiores” como: índios, escravos, regiões distantes da metrópole. Através dos seus relatos, os viajantes criaram diversas faces do Brasil, criando imagens sobre os moradores e suas culturas: a escravidão como instituição civilizadora,

a presença de índios selvagens, a indolência e insipiência dos moradores, a deselegância dos das mulheres, a imoralidades e descuidos dos padres com as obras da Igreja Católica.¹⁵⁵

Para participar dessa rede de solidariedade, os viajantes estrangeiros muniam-se de cartas de recomendação ou apresentação, onde um estrangeiro recomendava o viajante para outro estrangeiro da região que o este fosse visitar. Essa rede de solidariedade não restringia aos estrangeiros, os nascidos no país e os portugueses também participavam. A participação dos moradores das províncias se dava pelos mais diversos motivos com destaque para a forma de pagamento por alguma dívida e, em menor grau, por amizade. O morador por dever favores a alguém recebia o viajante em nome deste, outro porque o viajante vinha em nome de alguma autoridade política, como o governador. Os governadores eram, na maioria das vezes, os primeiros a serem visitados formalmente pelos viajantes, uma visita protocolar, onde o viajante entregava sua carta de recomendação assinada por alguma autoridade política de seu país de origem. As visitas protocolares aos governadores tinha como objetivo, pelo viajante, não só manter relações amigáveis com as autoridades do país, mas abrir o canal para futuras ajudadas.

Os viajantes estrangeiros “*observaram, descreveram e classificaram o mundo social, analisando, basicamente por comparação, a vida cotidiana das regiões visitadas*”. Comparando as culturas e a natureza dos grupos visitados com as suas próprias experiências e as do seu grupo.¹⁵⁶ Quando a rede de solidariedade, por algum motivo, não poderia ser estabelecida em uma região, muitas das vezes por não residir estrangeiros e não ter moradores ligados a essa rede, o viajante tinha que participar mais ativamente da experiência do contato, uma experiência conflitante que o levava ao estranhamento, avaliando e reprovando o que estava ou era diferente de seu campo de concepções éticas e morais.

Os obstáculos eram inúmeros, encontrados pelos viajantes, ao visitarem as províncias do Brasil, mesmo no século XIX. Obstáculos lingüísticos, culturais

¹⁵⁵ BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d'o Brasil dos viajantes. Revista da USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N° 01. (março/maio). São Paulo, São Paulo. USP, CES, 1989. pp. 10 - 19.

¹⁵⁶ MOREIRA LEITE, M. L. *Op. Cit.*, p. 15.

e iconográficos, além da postura de colonizador que trazia o viajante, eram os olhos do Império observando a natureza e a cultura de povos considerados “atrasados”. O viajante estrangeiro mesmo não pertencendo à alta burguesia ou a nobreza do seu país, sempre se identificava com os padrões da Europa e, utilizando-os para cotejar os moradores, seus padrões culturais e ideológicos.¹⁵⁷

As idéias que tinham os viajantes estrangeiros sobre o Brasil na primeira metade do século XIX, advinham de suas leituras prévias, basicamente, a do escritor Robert Southey e dos viajantes Alexandre von Humboldt (1769 -1859) e Maximiliano de Wied Neuwied (1782 - 1867). Os dois primeiros, nunca pisaram no Brasil, mas consideravam-se hábil a escrever sobre ele. O escritor Southey tornou-se, depois de 1816 (ano da publicação do seu livro *História do Brasil*), um referencial para os viajantes que viam ao Brasil e, era através das lentes de Southey que os viajantes filtravam o que viam, em tentativas de confirmações constantes. Ao chegar nas províncias do Brasil, os viajantes tinham um olhar movido por tais leituras, vendo e narrado o que via de forma a confirmar o que eles consideravam saber previamente: as categorias sociais, organizações institucionais, hábitos culturais e ideológicos. Os viajantes municiavam-se dessas leituras para tornar o desconhecido mais visível aos seus olhos mentais, buscando delimitar previamente as regiões e os moradores que iria conhecer. Quando os viajantes assumiam o seu papel de narrador-escritor, utilizavam trechos e afirmativas de outros para tornar as suas narrativas mais próximas e interessantes para seu público leitor.

A auto-etnografia eram instâncias nas quais os moradores das províncias representavam seus comportamentos culturais comprometidos com os termos do colonizador. Todavia, essa auto-representação se misturava com o desejo dos moradores de receber bem um estrangeiro e de tornar o clima agradável aproximando-o dos padrões vivido na Europa.¹⁵⁸ Os moradores das províncias do Brasil ao saberem da presença de um estrangeiro criavam representações de comportamentos para estarem próximos dos padrões europeus, e assim, não serem considerados “inferiores” aos olhos do destes. A

¹⁵⁷ MOREIRA LEITE, M. L. *Op. Cit.*, p. 10.

¹⁵⁸ PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e a transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999. p. 33.

viajante Maria Graham quebrou a auto-etnografia dos moradores ao visitar as famílias portuguesas, na Bahia, em período que eles não recebiam visitas. As mulheres portuguesas visitadas, pela viajante Graham, foram acordadas com o anúncio dos criados que uma estrangeira se encontrava a suas esperas, não havendo tempo para arrumar a casa, preparar as melhores comidas e se arrumarem.

As experiências de contato, pelas quais passaram os viajantes estrangeiros ao saírem de seus países, não ocorriam de forma harmoniosa, mas conflitantes. O viajante, ao pisar no porto, já estava envolvido pela atmosfera da Zona de Contato, no espaço de encontros coloniais, no qual pessoas geograficamente separadas e vivendo contextos históricos diferentes entram em contato, estabelecendo relações mútuas de observação, estranhamento, avaliação e reprovação.¹⁵⁹

A zona de contato significa também fronteiras culturais, tendo em seu centro de contato dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais, onde coloca em questão como os sujeitos eram constituídos nas e pelas relações de contato, entre colonizador e colonizado ou viajante e visitado. Essa relação de contato entre os viajantes estrangeiros e os moradores visitados ocorria em formas de interação e trocas no interior de relações assimétricas de poder.¹⁶⁰

Experiências conflitantes de contato levavam os viajantes estrangeiros, na primeira metade do século XIX, a avaliarem e reafirmarem a se mesmos, através da avaliação e comprovação do que observavam nos moradores das províncias visitadas. As narrativas de viagem não eram escritas somente para mostrar ao Velho Mundo as “novas” comunidades que eles conheceram, mas, principalmente, para mostrar as comunidades visitadas como elas deveriam ser, através do modelo europeu e norte-americano. Os viajantes estrangeiros transculturavam imagem e conceitos, avaliando pequenos fragmentos com a amplitude de um contexto geral do país, evocavam processos futuros de movimentos sociais e políticos nas províncias do Brasil. Os viajantes estrangeiros transculturavam elementos do Discurso Imperial para criar auto-reflexões para os moradores das províncias visitadas.

¹⁵⁹ PRATT, M. *Op. Cit.*, p. 31.

¹⁶⁰ PRATT, M. *Op. Cit.*, p. 32.

Transculturação refere-se às apropriações de objetos, hábitos e modos de ser do “*outro*”. No caso dos moradores do Brasil, a transculturação era à maneira pela qual esses se apropriavam dos estilos imperiais, construindo eles próprios modos de representação. Modos de representações que quando absorvidos pelo olhar do viajante estrangeiro, constituíam um universo cognitivo que passava a ser considerado como originariamente europeu. Não havendo, de fato, no processo de transculturação, as trocas imaginadas, a reciprocidade era uma falácia, a chamada torças culturais, do início do século XIX, só legitimavam a intervenção do europeu nas áreas coloniais.¹⁶¹

O legado dos relatos de viagem nos traz a possibilidade de novos estudos sobre a História do Brasil. Todavia, um estudo de um Brasil que foi imaginado por outrem. “*O olhar do viajante estrangeiro espelha, também, a condição de nos vermos pelos olhos deles*”. Os relatos dos viajantes sobre as províncias do Brasil marcaram a categoria de história de pontos de vista, de distanciamento e aproximação entre os modos de observação, um modo triangular de ver.¹⁶²

Os relatos de viagem, assim como a iconografia, participou da construção da identidade européia. Destacando os modos como as culturas olham a si mesmas e olham as outras. Como estabeleciam relações de igualdade e desigualdade, imaginando semelhanças e diferenças, avaliando seus conceitos e padrões culturais através da observação das culturas visitadas.¹⁶³

Para entendermos os relatos de viagem, devemos colocá-los no contexto da expansão capitalista e neocolonialista do século XIX. As pesquisas dos viajantes estrangeiros e as amostras que levavam do Brasil não serviam apenas para compor o acervo de museus na Europa era, na verdade, um retorno econômico para os financiadores e prestígio científico para o viajante, por isso, os viajantes, principalmente os naturalistas, tinham como principal objetivo à ampliação e manutenção de novos mercados, coletando amostras e

¹⁶¹ PRATT, M. *Op. Cit.*, pp. 283.

¹⁶² BELLUZZO, A. M. *Op. Cit.*, p. 10.

¹⁶³ BELLUZZO, A. M. *Op. Cit.*, p. 10.

avaliando as possibilidades de investimentos e introdução de seus produtos nas províncias visitadas.¹⁶⁴

O viajante estrangeiro era um homem que agia e pensava em seu mundo, não homogêneo, mas contraditório. O viajante pensava de acordo com as convenções de seu grupo, incorporando contradições e ambivalências, sem delas, muitas vezes, tomar consciência. Usava seus pensamentos, dessa incorporação, para comparar outros modos de organização estrutural, seja político, econômico, social e cultural, baseando na comparação do seu “eu” de ser e agir, de pensar e realizar, de ver o que estava a sua volta. Em fim, o esquema de percepção do viajante estrangeiro provinha do seu grupo de origem, adicionada por uma tradição iluminista do século XVIII. Trabalhada e defendida pela ciência no final do século XVIII e princípios do século XIX.¹⁶⁵

As narrativas, longe de ser um discurso inocente, eram, na verdade, uma das muitas formas de conquista do colonizador – do homem imperial. O viajante estrangeiro, como escritor e tendo como base seu próprio universo ideológico e cultural, integrou as regiões por onde passou e, conseqüentemente, os moradores. Deixando nestas regiões um universo de saberes e poderes, violando a ideologia e a cultura do *outro* sem uma suposta violência da posse, mas penas com seus olhos imperiais e sua presença de superioridade.

Acreditamos que essa busca não terminará com a análise desses três diários de viagens, podendo continuar através das pesquisas incessantes dos pesquisadores, em uma tentativa de compreender como as imagens do Brasil foram construídas e representadas pelos viajantes estrangeiros em um determinado período. Ressaltamos que essa construção não passava de um processo de ampliação dominante dos imperialistas, impondo aos povos das Américas, pelo seu modo de ver e sentir, sua cultura e reavaliando a dos visitados, tendo em mãos a bandeira da curiosidade, mas que, na verdade, era a bandeira da expansão econômica.

¹⁶⁴ LISBOA. K. M. L. *Op. Cit.*, p. 268.

¹⁶⁵ MOREIRA LEITE, M. L. *Op. Cit.*, p.163.

BIBLIOGRAFIA

“As relações entre viajantes e visitados, não em termo da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação entendimento e práticas interligadas, freqüentemente dentro de relações radicalmente assimétrica de poder”.

Mary L. Pratt.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“Ao analisar as narrativas de viagens é preciso valorizar os detalhes, ir além do que intencionalmente foi colocado em primeiro plano, especular o que foi escrito a pretexto da observação passageira, do comentário casual, dos silêncios, dos testemunhos involuntários”.

Ana Lúcia Cruz.

A) FONTES:

GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Nacional, 1956.

KIDDER, D. P. *Reminiscência de viagens e permanência nas províncias do Norte do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1980.

KOSTER, Henrique. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Nota de Luiz da Câmara Cascudo. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5^a. Volume 221. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

_____. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e Prefácio de Luiz da Câmara Cascudo. Estudos Introdutório e Organização de Leonardo Dantas Silva. 11^ª Edição. 1^º Volume. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2002.

B) PERIÓDICOS

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d'o Brasil dos viajantes. Revista da USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N^º 01. (março/maio). São Paulo, São Paulo. USP, CES, 1989. pp. 10 - 19.

CARVALHO, José Murilo de. *A Modernização Frustrada: a política de terras no Império*. In: Revista Brasileira de História. N° 01. São Paulo: ANPUH, mar.1980. p. 39 - 58.

CARVALHO, Alfredo de. *Viajantes Ingleses em Pernambuco*. In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambuco. Volume XIII, N° 72. Editora da UFPE, Março de 1908. p. 265 - 271.

_____. *O assédio do Recife em 1821 – Impressão de uma Viajante Inglesa*. In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e geográfico de Pernambuco. Volume XI. Número 60. Pernambuco: Editora da UFPE, Março de 1904. pp. 89 -109.

CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *As Viagens são os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do Século XVIII*. In: Revista História: Questões e Debates. N° 36. Ed. UFPR. Ano 19. Curitiba: 2000. pp. 12 - 20.

DELGADO & CAUME, Andréa, David J. *Imagens do Cerrado: o olhar dos viajantes europeus no século XIX*. In: Revista Fragmento de Cultura. Goiânia. Volume 09. Número 02. Março/ Abril de 1999. pp. 351 - 372.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do Quotidiano na História Contemporânea*. In: Revista Projeto História. São Paulo: Educ, n. 17, 1998 (b).

GUEIROS, Jerônimo. *Religiões Católicas de Pernambuco*. In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e geográfico Pernambucano. Volume XXIV. Número 115 - 118. Pernambuco: Editora da UFPE, Janeiro de 1922 a Janeiro de 1923. pp. 434 - 476.

LIMA, Manuel de Oliveira. *Maria Graham e a Confederação do Equador*. In: Revista do Instituto histórico e Arqueológico de Pernambuco. Volume XII, nº 68. pp. 346 – 360.

OSIAS, Petrônio da Penha. *Visão dos Cronistas e Viajantes sobre a Ocupação do Espaço Agrário Paraibano no Momento de Crise e Transição (séculos XVII / XIX)*. In: Revista Debates Regionais. Nº 2. João Pessoa: NDIHR, 1995. pp. 313 - 324.

SÁ, Ariane Norma de Menezes. *A transição do trabalho escravo para o livre*. In: Revista Debates Regionais. Nº 01. João Pessoa: UFPB, 1993. pp. 23 - 30.

SILVA, Madriana F. de Figueiredo. *Ocupação do Espaço Agrário Paraibano Colonial na Visão dos Cronistas Viajantes*. In: Revista Debates Regionais. Nº 2. João Pessoa: NDIHR, 1995. pp. 303 - 312.

SEIXO, Maria A. *Entre Cultura e Natureza: Antiguidades no olhar do viajante*. In: Revista da USP. São Paulo: Junho/Agosto, 1996. pp. 120 -133.

VIANA, Elizabeth de Camargo. *Do Tempo dos Abusos à Era das Reformas: os Viajantes Burgueses no Brasil de 1808 – 1822*. In: Revista História. Volume 10. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991. pp. 127 - 140.

C) LIVROS

ARMITAGE, João. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramento, 1977.

AGASSIZ, Luis e Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

AQUINO, Aécio Villar. *Nordeste – século XIX*. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1980.

_____. *Nordeste Agrário do Litoral – Numa visão histórica*.
Pernambuco: Editora ASA, 1985.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: Um Lugar Incomum*. Rio de Janeiro:
Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretária de Cultura e Desporto do
Estado, 2000.

BARREIRO, José Carlos. *O cotidiano e o discurso dos viajantes: criminalidade,
ideologia e luta social no Brasil do século XIX*. Tese de Doutorado em
História Social. Universidade de São Paulo, 1989.

_____. *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e
cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BARROS, Paulo Sérgio. *Confrontos Invisíveis: Colonialismo e Resistência
Indígena no Ceará*. Dissertação Apresentada ao Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Departamento
de Filosofia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1997. 289
páginas.

BRANDÔNIO. *Diálogos das Grandezas do Brasil*. 2 ed. Recife: Imprensa
Universitária, 1966.

BORIS, Fausto. *Trabalho Urbano e Conflitos Sociais*. São Paulo: Difel, 1976.

CAMPOS, P. M. *Imagens do Brasil no Velho Mundo*. In: HOLANDA, S. B. de
(Org.) História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difusão
Européia de Livro, 1962.

CARDOSO, Sérgio. *O Olhar Viajante (Do Etnólogo)*. In: O Olhar. São Paulo:
Companhia das Letras, 1988.

COSTA, Emilia Viotti. *O Escravo na Grande Lavoura*. In: FAUSTO, Boris (Org). O Brasil Monárquico. 3^a Edição. São Paulo: Difel, Tomo II, Volume 3. 1976.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DENIS, Ferdinand. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Uma Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

DIAS, Maria Odila da Silva. *O Fardo do Homem Branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Editora Brasileira, 1974.

DIAS, Odila Silva. *A Interiorização da Metrópole (1808 - 1853)*. In: 1822 Dimensões. São Paulo: editora Perspectiva, 1986. P. 160 – 184.

DENIS, Ferdinand. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Uma Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

_____. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 457.

GORENDER, Jacob. *A Escravidão Reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *O Escravismo Colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 6 ed. Tomo II. Volume I. São Paulo: Difel, 1985.

_____. *Raízes do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

LE GOFF, J. *Memória e História*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântica de Spix e Martius*. São Paulo: Hucitec, 1997.

LIMA, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LISBOA, Karem M. *Olhares Estrangeiros sobre o Brasil do Século XIX*. In: Viagem Incompleta. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Crime e Escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil*. Tradução de Janaína Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes – O olhar britânico (1800 - 1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2001.

MELLO, Evaldo Cabral. *A Outra Independência: O federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004.

MOREIRA LEITE, Miriam L. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem Incompleta: experiência brasileira (1500 - 2000)*. São Paulo: Senac, 2000.

_____. *1822 Dimensões*. São Paulo: editora Perspectiva, 1986.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira & MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOVAIS, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. *O Olhar dos Viajantes Estrangeiros sobre o Império - Nordeste Século XIX*. Dissertação apresentada ao Mestrado em História da Universidade Federal da Paraíba/ Departamento de História. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2002. 80 Páginas.

PAULINO, Francisco Souto. *Nordeste: Discurso e Prática*. Fortaleza: Editora UFC, 1992.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e a transculturação*. São Paulo: Edusc, 1999.

POHL, João Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil empreendida nos anos de 1817 a 1821*. Volume 2. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Comissão das Borboletas – a ciência do império entre o Ceará e a corte*. In: Coleção outras Histórias. N. 17. Fortaleza: Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O Olhar Iluminista*. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SÁ, Arine Norma de Menezes. *Escravos, libertos e livres: a Paraíba na segunda metade do século XIX*. Dissertação apresentada ao Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo/Departamento de História, mimeo, 1994.

SILVA, Maria Beatriz da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808 – 1821)*. 2ª Edição. Volume 363. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

SCHWACZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Espetáculo das Raças (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se ler para Conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1976.

SPIX e MARTIUS, *Viagem pelo Brasil*. 3 ed. Volumes I, II e III. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do Agricultor Brasileiro*. Organização Rafael de Bivar Marques. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

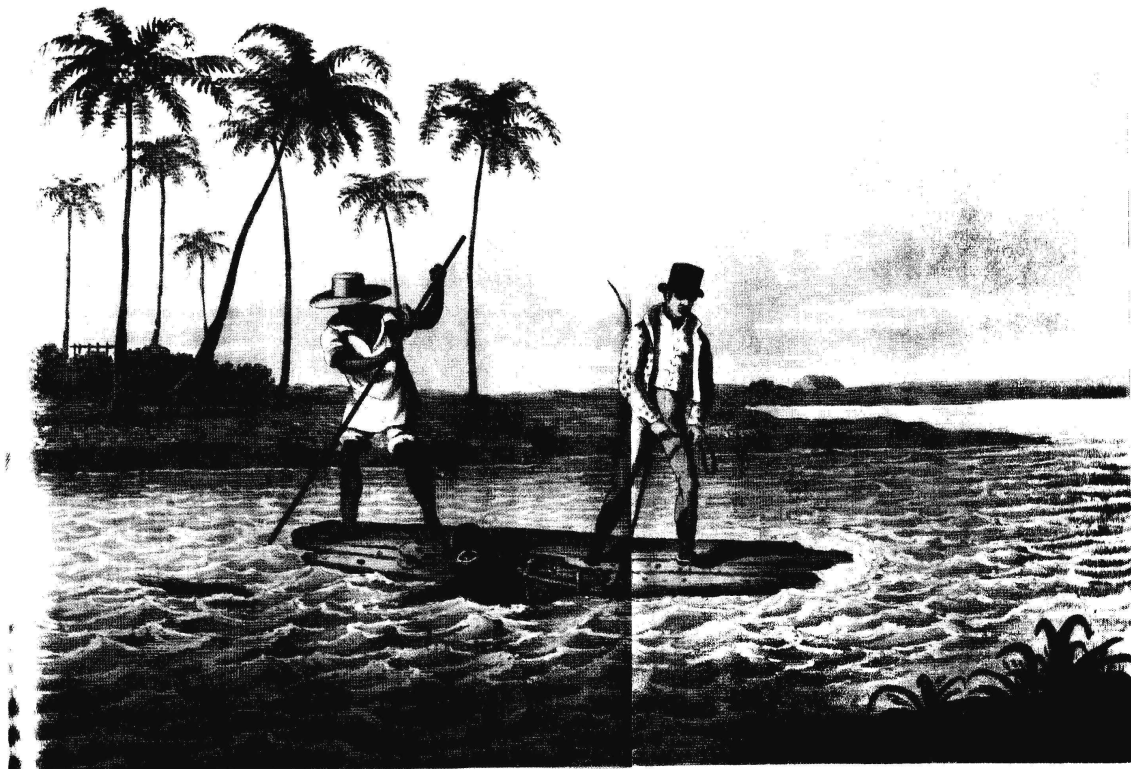
TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOMAZ, Fernando. *Brasileiros nas Cortes Constituintes de 1821 – 1822*. In: 1822 Dimensões. São Paulo: editora Perspectiva, 1986. P. 74 - 101.

WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro*. Tradução de Eduardo Silva. Fundação Casa de Rui Barbosa. Senado Federal. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1985.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradutor Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret., 2001. Coleção a Obra-Prima de cada Autor.

ANEXOS



Crossing a River.

Figura 2

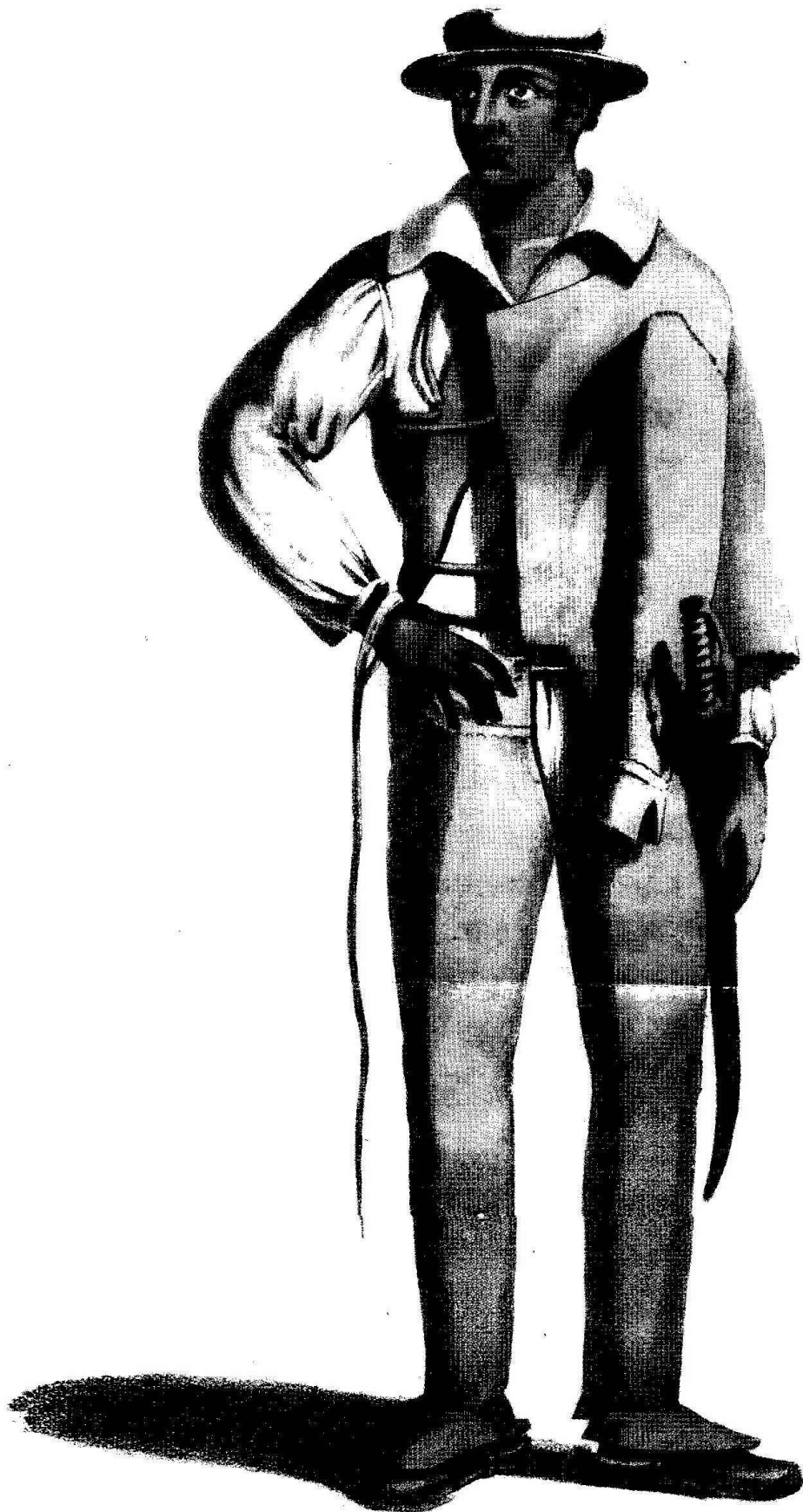


Figura 3

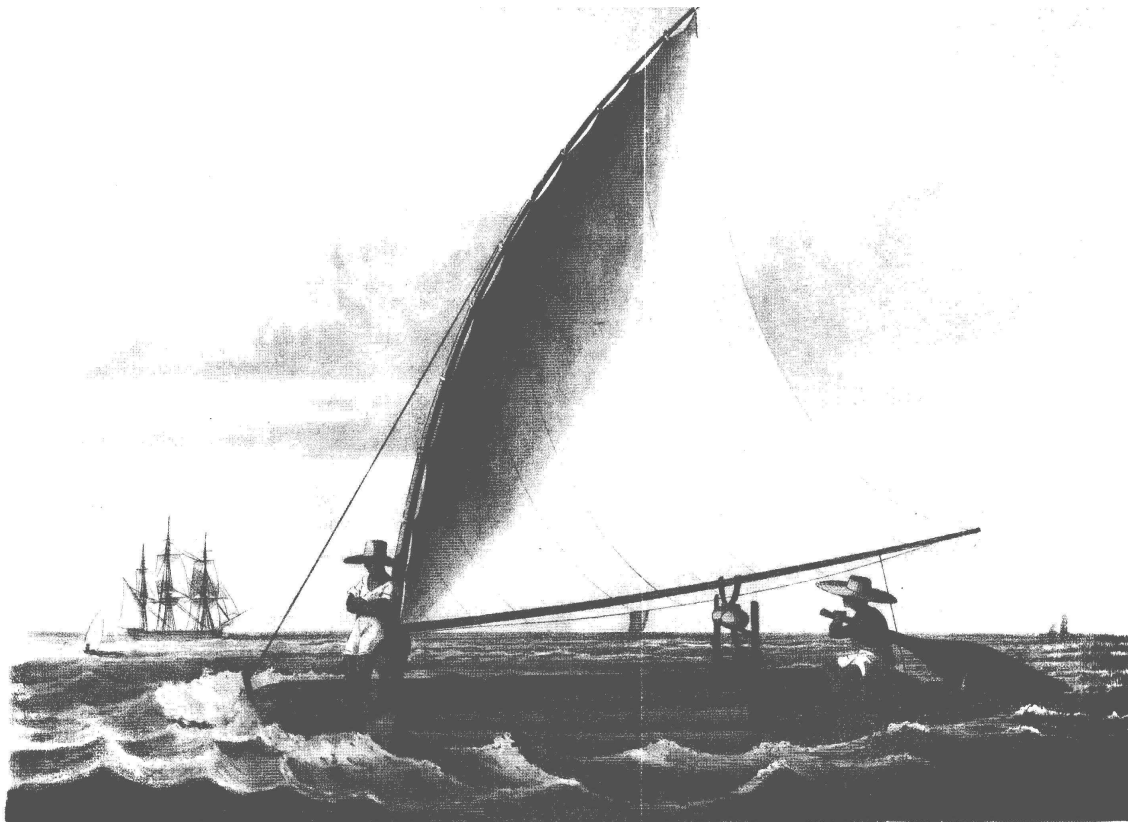


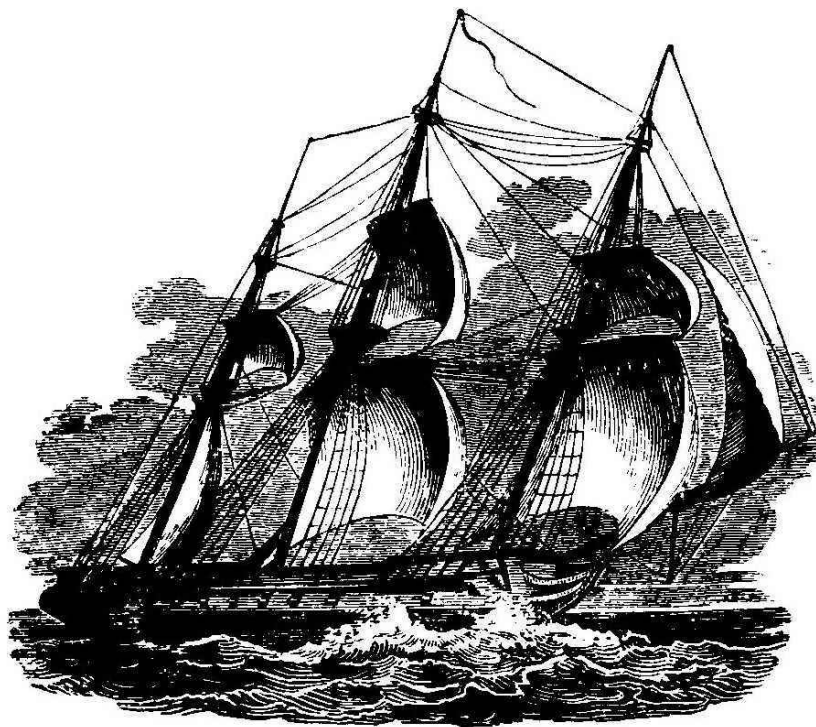
Figura 4

A Jangada.

JOURNAL
OF A
VOYAGE TO BRAZIL,
AND
RESIDENCE THERE,
DURING PART OF THE YEARS 1821, 1822, 1823.

By MARIA GRAHAM.

ONCE MORE UPON THE WATERS, YET ONCE MORE,
AND THE WAVES BOUND BENEATH ME AS A STEED
THAT KNOWS HIS RIDER.



LONDON:
PRINTED FOR LONGMAN, HURST, REES, ORME, BROWN, AND GREEN,
PATERNOSTER-ROW;
AND J. MURRAY, ALBEMARLE-STREET. Figura 5
1824.



Figura 6

Pintura em sépia de MARIA GRAHAM

Coleção do Museu Britânico

A porta norte do Recife (da varanda da casa do Sr. Stewart)



Desenho a lápis de MARIA GRAHAM

Jardim na Bahia

Coleção do Museu Britânico
Figura 7

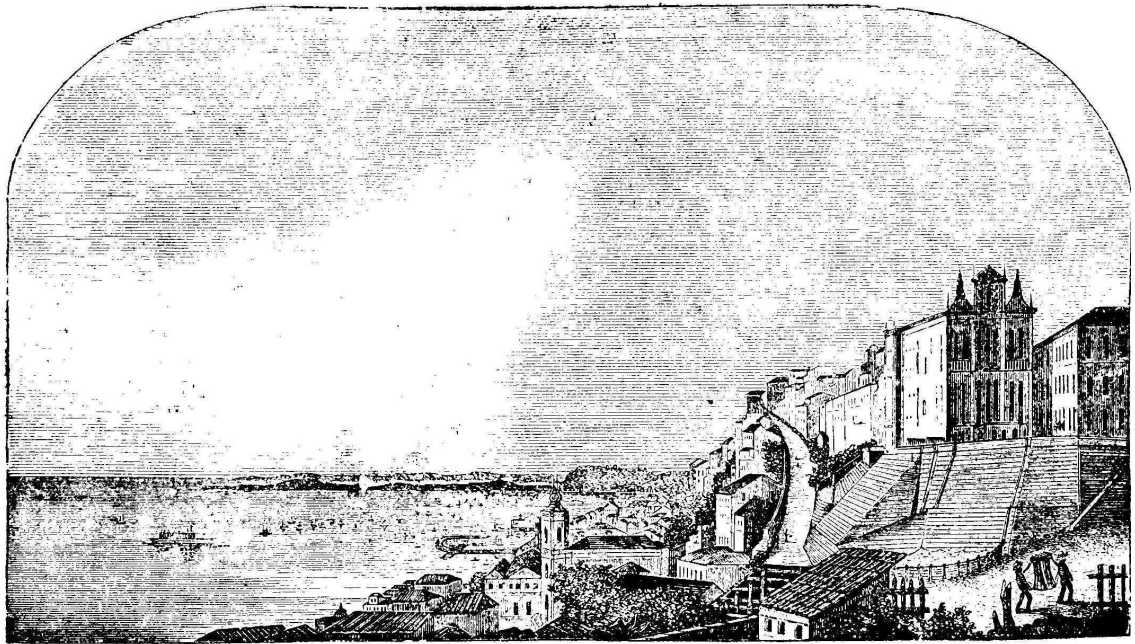


Desenho de AVG. EARLE

Gravura de EDWARD FINDEN

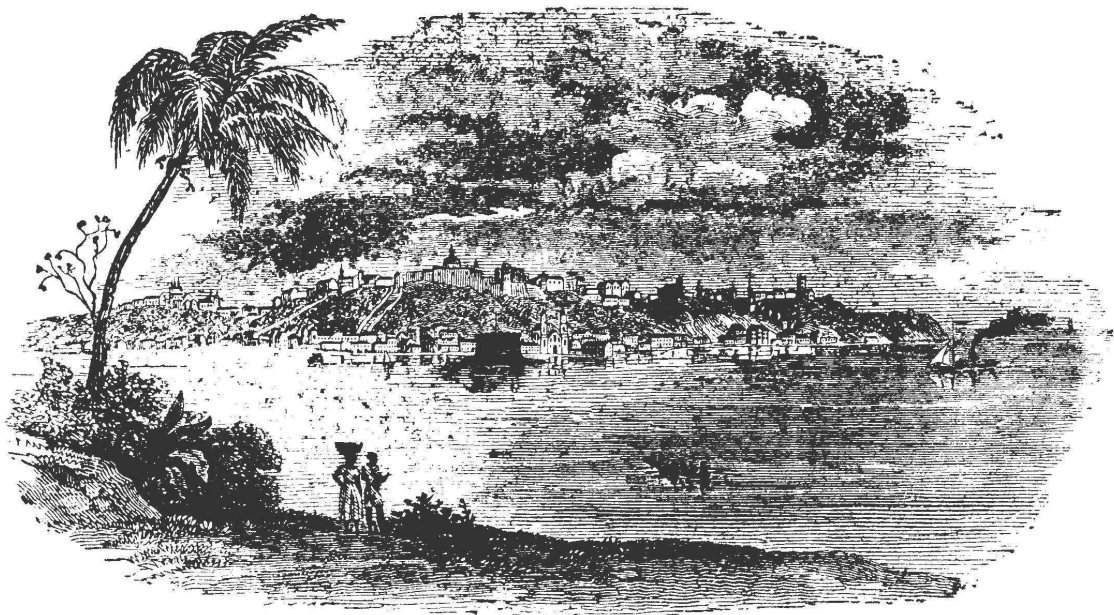
Vista do Portão do Conde Maurício em Pernambuco, com o Mercado de Escravos.
Londres, publicado por Longman & Cia. e J. Murray, 5 de abril de 1824

Figura 8



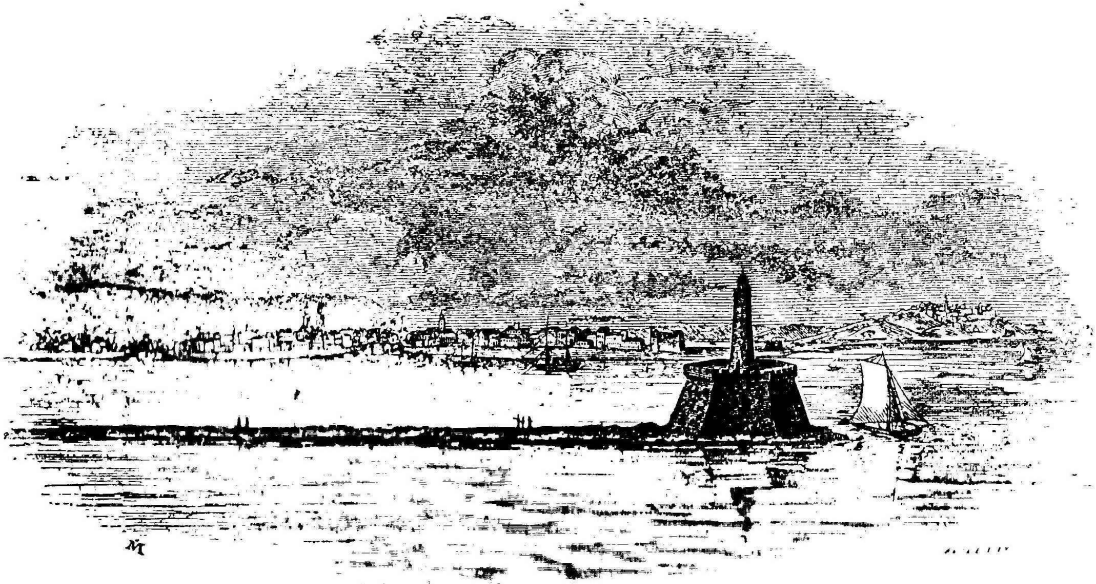
VISTA PARCIAL DA Bahia

Figura 9



BAHIA.

Figura 10



FERREIRAS

Figura 11



VISTA NA PROVÍNCIA DO PIAUI.

Figura 12